

NOVO GOVERNO PODE TOMAR POSSE ATÉ AO DIA 19

Os novos órgãos de poder poderão estar definitivamente preenchidos e em funções até ao final da próxima semana.

Com o Conselho da Revolução em funcionamento normal e com a Assembleia da República já constituída e em trabalhos extra-sessão legislativa a partir de depois de amanhã (a primeira sessão legislativa abrirá oficialmente a 15 de Outubro), o novo Presidente da República tomará posse na terça ou na quarta-feira da próxima semana, dias 13 ou 14, devendo o anúncio da formação do primeiro Governo definitivo ser feito poucos dias depois (o mais tardar até ao dia 19, segundo se indica).

Quanto ao futuro Governo, certas fontes estabelecem como «talvez definitiva» a reunião cimeira do Partido Socialista marcada para a próxima sexta-feira. Nela poderão ser dados os retoques finais no elenco ministerial, para o qual vêm sendo aventados diversos nomes, nenhum deles alvo, até agora, de uma confirmação oficial do PS.

Fontes próximas do PS indicam que seria desejo do general Ramalho Eanes que a formação do novo Governo acom-

panhasse de muito perto a sua investidura. Nesse sentido não seria de excluir que o convite formal a Mário Soares para formar Governo surgisse coincidentemente com a posse de Eanes.

Nesta altura, segundo as mesmas fontes, a questão da formação do próximo Governo encontra-se adiantada, podendo, portanto, ficar decidida este fim-de-semana.

CONTACTOS

«Só depois de nomeado, o secretário-geral do Partido Socialista, Mário Soares, irá efectuar reuniões com os dirigentes dos partidos representados no Governo e com os sindicatos e entidades patronais», disse um informador do Secretariado Nacional do PS.

Rudolfo Crespo, diria a propósito que «Mário Soares realizará reuniões com os dirigentes de todos os partidos representados na Assembleia da República e ainda com os sindicatos e associações patronais a fim de estabelecer um consenso sobre a acção governativa do próximo Governo».

Segundo o mesmo elemento do PS, esta actuação visa «empenhar todas as forças vivas

da Nação num projecto de reconstrução nacional. De qualquer modo estes encontros só terão lugar depois da nomeação de Mário Soares para o cargo de Primeiro-Ministro, o que virá a acontecer depois da tomada de posse de Ramalho Eanes».

HENRIQUE DE BARROS: «NADA FOI FORMALIZADO»

«O prof. Henrique de Barros não foi formalmente convidado para exercer as funções de vice-primeiro-ministro no futuro Governo, mas apenas sondado», indicam fontes próximas do antigo presidente da Assembleia Constituinte.

De acordo com as mesmas informações, o prof. Henrique de Barros «não está muito inclinado para aceitar o referido cargo».

GOMES MOTA E O PS

Um elemento da comissão de conflitos do Partido Socialista declarou ser «ainda prematuro» afirmar se aquele órgão se vai debruçar sobre a questão levantada pela entre-

vista de Gomes Mota, militante do Partido e actual presidente do conselho de gerência dos Transportes Aéreos Portugueses a um semanário lisboeta.

O informador acrescentou que neste momento «não sei se deu entrada na comissão de conflitos alguma participação» contra o antigo secretário de Estado da Cooperação do Sexto Governo.

Gomes Mota, na referida entrevista, criticou a direcção do PS, o que teria provocado a participação à comissão de conflitos.

ADVERTÊNCIA POLACA

VARSOVIA, 6 — (ANOP) — Em notícia enviada de Portugal, o comentador Miroslaw Ikonowicz do semanário polaco «Polityka», admite a hipótese de a direita portuguesa poder vir a forçar a realização de eleições parlamentares antes do prazo previsto.

«De acordo com a Constituição, três crises de gabinete durante um período de vigência do Parlamento», escreve o comentador — «levará automaticamente à realização de novas eleições, a serem

Continua na pág. 20

VI Governo reúne-se amanhã pela última vez

Assuntos pendentes como a lei sobre o controlo operário de gestão, lei dos solos e habitações clandestinas deverão ocupar o plenário do Conselho de Ministros que se reúne amanhã no Palácio de S. Bento. Esta será a última reunião do VI Governo Provisório. Com o primeiro-ministro almirante Pinheiro de Azevedo doente num hospital do Porto, preside à sessão o seu substituto, comandante Almeida Costa, titular do MAI.

Podem ainda ser trata-

dos o Plano Integrado de Setúbal e os contratos de desenvolvimento na construção civil, além do «numerus clausus» de 1500 alunos para a Faculdade de Medicina, criação do Instituto Nacional de Propriedade Industrial e solução a dar à Clínica de Santa Cruz. Lembra-se que o actual Ministério tem decidido não tomar deliberações em matérias de fundo, deixando-as para o I Governo Constitucional, presentemente em fase secreta de formação.

FALSA SOLUÇÃO EM ESPANHA

Adolfo Suárez não vem mudar nada

MADRID, 6 (por Rafael J. Claudín, especial para o «DL») — Uma vez mais em Espanha foi eleito um presidente do Governo sem que o povo tenha participado na sua eleição.

Ligado durante toda a sua carreira política ao partido único franquista, a Falange, e considerado na época como «muito» chegado ao presidente Carrera Blanco, Adolfo Suárez tomava posse do seu cargo enquanto 250 pessoas eram levadas para a prisão; entre elas encontravam-se os co-presidentes da «Pax Christi», por terem iniciado uma «marcha da liberdade» pela Catalunha, ignorando as proibições governamentais.

Sérias dificuldades para formar Governo parecem perfilar-se pois Adolfo Suárez está a ser contestado pelos sectores políticos da «Opus Dei» e pelo «Bloco Remorista», que entraram em litígio com ele pela presidência.

Quanto à Oposição, a reserva com que se pronunciam os líderes políticos sublinha a suspeição em torno da maneira como o novo presidente vai encarar as tarefas reformistas. «Não se compreende que vantagem pode representar para a democracia a substituição de Carlos Arias por Adolfo Suárez», disse Joaquín Satrustegui, reflectindo com estas palavras o sentimento geral.

Tudo parece indicar que os espanhóis se encontram diante de mais uma tentativa de «dar um novo ar à Reforma». O princípio de que «há que mudar alguma coisa para que tudo continue igual» volta a ser aplicado.

QUATRO MINISTROS DE ARIAS CONTESTAM SUCESSOR

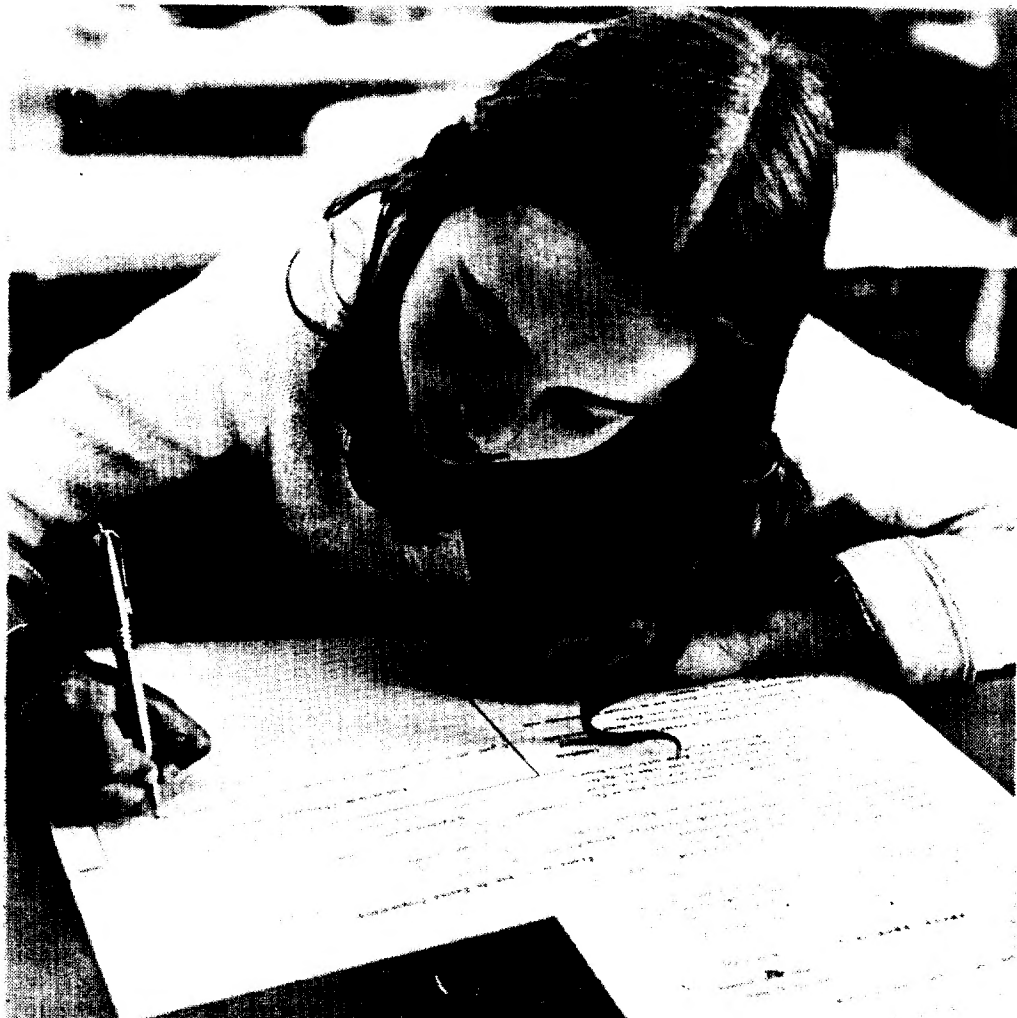
(Pág. 13)

Tendência no P.S. vai defender programa do Partido

(Pág. 20)

Falta de água ameaça Lisboa

(centrais)



Ciclo em exames

Começaram ontem, em todas as escolas do País e para centenas de milhares de crianças, as provas escritas dos exames do Ciclo Preparatório. A semelhança do que está estipulado para o Ensino Secundário, a avaliação dos conhecimentos será feita por três escalões, conforme o tempo de aulas que os alunos tiveram.

De qualquer modo o próximo ano é considerado de recuperação, em consequência dos condicionalismos que envolveram o presente ano lectivo, quase a chegar ao fim. Para os que ultrapassarem a barreira de mais um exame, a meta a seguir será o unificado, em vigor (a título experimental) pela primeira vez este ano e que tanta contestação haveria de merecer das forças mais conservadoras da sociedade portuguesa.

Nacional

Política de A a Z

CONTRA O ESPECTRISMO

Nesta coluna, na segunda quinzena de Maio, precisamente no dia 20, foi publicada uma nota que sabemos não ter sido perfeitamente compreendida na letra e na intenção. Tínhamos previsto, de resto, a possibilidade do breve texto ser diversamente interpretado e até a de lhe serem assacadas intenções que não eram as nossas. Intitulava-se a nota: «Defendamos o candidato Ramalho Eanes». E, então, escrevemos: «Independentemente da simpatia e do voto, das considerações pragmáticas e das reflexões políticas, aos democratas portugueses impõe-se, neste delicado momento, defender o candidato António Ramalho Eanes dos adúladores e oportunistas que promovem já um preocupante culto da personalidade». E, de passo, sublinhou-se que numa «publicidade indiscreta», numa «promoção precipitada» (a nota foi publicada em Maio) se notava o ranço da linguagem, a tradição que pesava sobre os expedientes utilizados. Não podíamos deixar de considerar negativa e alarmante a atitude de certa imprensa e deplorámos, sinceramente, que renascesse um tipo de propaganda que recordava o passado e os seus espectros. Concluindo o brevíssimo comentário, escrevemos: «Nem a «austeridade» de Salazar, nem a «vida familiar» de Thomaz, nem o «destino nacional» de Sidónio, são valores prestáveis e pregáveis neste «país novo», neste «pluralismo com rumo», neste «processo revolucionário».

Tudo isto nos parecia claro. E as palavras de prevenção eram ditas pela consciência de que o «antigamente» anda por aí a embarçar-nos os movimentos, a travar-nos, a entrevar-nos. Contra a tarefa de criar um homem novo, de modelar uma nova mentalidade, de construir um novo país, conjuram-se os fados, conspiram os génios malignos, levantam-se dificuldades que saem das nossas próprias mãos. Os «espectros» — contra os quais nos alertava um António Sérgio — «espectro» do «passado» e da «reação», continuam presentes na nossa vida cultural e política, se da «revolução de Abril» não resultar uma profunda reforma de mentalidade e de comportamento — uma revolução cultural — se não conseguirmos reformar atitudes, condutas e a própria linguagem, não há dúvida que o «regresso», não será a saudade de alguns reacçãoários, mas a obra colectiva, a falta colectiva, de muitos «revolucionários» ardorosos ou serenos, frustrados já ou ainda confiantes, mas distraídos do «espectrismo» que nos ameaça.

Exemplo característico desse «espectrismo», é o trecho literário de acadiano estilo publicado num jornal do Porto após a eleição presidencial e a seguir a um dia de chuva:

«MANDA-CHUVA TEMOS» — E A CHUVA CAIU!

«Não chove, não há água!»

Esta explicação, comezinha mas que tem certos visos de verdade não pode, porém, ser a única. O problema, quanto a nós — depois de contactarmos os entendidos do costume, é claro... — é um problema denominado dos «de ida e volta». Nós explicamos: não há luz porque falta a água; e falta a água (de certo modo) porque não há luz!

Isto, que parece muito complicado, é bem simples. Assim, não chovendo, as nascentes não jorram, os caudais diminuem, a pressão pifa, os depósitos morrem de sede — e as torneiras domésticas nem pingam! Para «ajudar» o quadro, por falta de água, as barragens não enchem — e vem a faltar a energia. Depois, em consequência da falta de energia, os motores eléctricos que fornecem energia às bombas elevatórias dos depósitos não trabalham — e falta a água.

Enfim é assim uma espécie de ciclo vicioso, francamente tendente para o motocontínuo.

E todavia... E todavia A COISA NÃO PODE SER ASSIM TÃO SIMPLES! Senão, vejamos, analisemos — concluamos.

Toda a gente sabe muito bem que o País andava assim a modos que «à balda», toda a gente feita de «slogans» propagandísticos disto e daquilo, por muito respeitáveis que fossem as causas determinantes de tal propagandear. Toda a gente ficou a saber que, por via certamente disso, houve uma abstenção de quase uma quarta-parte do eleitorado às eleições presidenciais. E também certamente toda a gente sabe que o São Pedro nunca mais se dignava mandar umas gotas da preciosa linfa cá para baixo — e isto durante longos meses!

Dá súbito, exactamente no dia conhecido por «véspera de São Pedro», logo de madrugada, mal se concretizou a irreversibilidade da vitória — a todos os títulos estrondosa — do Presidente eleito da República Portuguesa, deu-se o milagre: São Pedro, que certamente «torcia» lá em cima pelo que se passava cá em baixo, chorou de pura felicidade! E foram, decerto, essas suas lágrimas que, arrefecendo na sua viagem pelo Infinito, vieram refrescar o solo ressequido do País onde, nesse mesmo dia e seguinte, tanto O veneram.

Teria sido assim, não teria? Nós, que somos crentes estamos em crer que sim. A menos que o manda-chuva — segundo afirma os que o conhecem bem — seja mesmo homem para mandar chover...

Temos «manda-chuva». Temos «homem para mandar chover». O que vale dizer que ressurgiu o mito do «Presidente taumaturgo», o mito do Guia, do Chefe.

Assim, certa imprensa, celebra a primeira eleição presidencial livre em meio século.

P.S. na linha de risco

«Mais minoritário» — ouviu-se (ouvimos, juramos ter ouvido) ontem na televisão, Francisco Sá Carneiro dizer. O secretário-geral do PPD referia-se ao PS. Vinha das Ilhas, aonde fora para tratar de assuntos relativos à formação dos governos locais e respondia a uma pergunta mais ou menos pertinente: tratava-se de saber por que o PPD vai na Madeira e nos Açores, formar governos independentemente das restantes forças políticas, enquanto o que, no Continente, sustenta o futuro governo deve assentar numa coligação que integre representantes dos principais partidos (um parâmetro para dizer que todos, à excepção do PCP). Sá Carneiro emendou para que o PPD não sustenta essa posição, antes garante que um futuro governo da responsabilidade exclusiva do PS — interpretação nossa das palavras dele — não parece, desde já e a priori, capaz de resolver os principais problemas que se põem ao país dos portugueses na situação actual. Então Sá Carneiro disse que, enquanto nas Ilhas o PPD é um partido que obteve mais de 50 por cento dos votos e «tem o apoio da população», no Continente o PS é um partido que teve pouco mais de 34 por cento nas eleições legislativas (percentagem já menor do que a conseguida nas eleições para a Constituinte), e veio a perder depois alguma da expressão que até então tinha, isto com as eleições presidenciais. O PS — disse o secretário-geral do PPD —, depois das eleições presidenciais, tornou-se um partido «mais minoritário».

DUAS OU TRÊS PERGUNTAS

Ou nos enganamos muito, ou Sá Carneiro tem estado atento às leituras que a esquerda (do PCP para a esquerda) tem produzido sobre os resultados das últimas eleições. Isto porque, temo-lo presente, desde a primeira hora, a esquerda tem-se preocupado sobremaneira ou com valorizar a votação obtida por Otelo num confronto com Eanes e Pato (caso da esquerda radical, identificada e comprometida com a candidatura do ex-comandante do extinto Copcon), ou com, simultaneamente, minimizar a votação

conseguida por Otelo e questionar a ligação do PS com o candidato eleito e as restantes organizações que igualmente apoiaram a sua candidatura. Logo na noite de 25 para 26 de Junho foi isso que notámos: uma certa tendência para acentuar o que depois chegou a chamar-se uma «derrota» do PS, interpretação baseada na «fuga» de votos que houve nas bases do Partido Socialista quer para Otelo, quer para Pinheiro de Azevedo. Não estão em causa estas acentuações, evidentemente: elas fazem-se sobre probabilidades muito largas e fundem-se na realidade indesmentível dos números. Apenas se pretende sublinhar que inicialmente nenhuma das forças que apoiaram Eanes pareceu reparar atentamente nisso, e fazem agora disso um argumento de peso. Fazem, quer dizer, o PPD faz, pelo menos. Mas é evidente que o CDS, se não o disse ainda, bem o sabe há muito. Deve no entanto, reservar-se para o fazer notar na altura mais própria. E quando se admite sem reservas que a direcção do PS não conseguiu mobilizar um número relativamente grande das bases para o voto em Eanes, pode-se fazer com alguma inquietação duas ou três perguntas. A primeira quer saber o que a este propósito se pensa entre os dirigentes do PS. A segunda volta-se para Ramalho Eanes sem saber o que é que o PR eleito pensa disso. Outras perguntas que à volta disso se façam reforçam-se de expectativa e ansiedade nas dúvidas sobre, não, evidentemente, a viabilidade, mas a durabilidade do próximo ministério presidido por Mário Soares.

Não se pode dizer que haja nisto alguma coisa de muito surpreendentemente e inesperado. Já notámos, por certo, como estão a comportar-se em relação ao PS-que-vai-formar-Governo as principais forças políticas quer à sua direita (o PPD e o CDS), quer à sua esquerda (o PCP, e isto para falarmos apenas dos «candidatos a Governo»). Ora, enquanto «à esquerda» se repisam com advertências de gravidade as tópicas de uma unidade pouco prática e de uma aliança mais ou menos inviável de momento, a direita o que revela é uma certa e tranquila confiança em

relação ao futuro a médio ou longo prazo. E se o PPD (por certo ainda vagamente interessado em demarcar-se do espaço político muito próximo do CDS) ainda insiste por vezes «junto» do PS para a partilha da Administração, o CDS nem tanto: no Largo do Caldas são mais realistas e sabem esperar; depois, ao CDS interessam certamente os erros que o PPD venha a cometer para, um dia assegurar a hegemonia no bloco político da direita.

ENTRE A ESQUERDA E A DIREITA

Mais ou menos «minoritário», como Sá Carneiro lhe chamou, o PS é, doravante, o lugar onde se cruzam em sentido contrário os interesses da esquerda e da direita, as tradições mais vivas do processo político português. A evolução deste numa direcção minimamente progressiva depende de o PS saber ou ser capaz de conseguir não ser o lugar onde a esquerda recua e a direita avança (e já não diremos que devia ser precisamente o contrário). O PS corre dos últimos riscos que a esquerda em Portugal tem de correr. Se isso falhar, os riscos serão outros.

«Mais minoritário» — assim disse um político (algo presunçoso e nem sempre feliz nas suas falas), que o PS está, ficou, desde as últimas eleições. Sá Carneiro vinha politicamente contente das Ilhas onde o PPD vai governar.

Uma das maiores preocupações da esquerda portuguesa nas últimas semanas, nos últimos dois meses, tem sido evitar que a maioria presidencial apague a outra (muito discutida) maioria (parlamentar). Quanto a esta, convirá lembrar que o PS, talvez para afastar «pretensões» do PCP, nunca disse claramente como a entendia: se «à esquerda», com o PCP, se «à direita», com o PPD ou o CDS (ou os dois ao mesmo tempo). De facto, o PS tem-se limitado a dizer que, se existe uma maioria de esquerda, essa maioria ou a maioria dessa maioria é o próprio PS. Não é dizer muito e é ser coerente com a intenção declarada de formar Governo e governar sem alianças ou cedências. Pode ser também, e naturalmente, sintoma de apreensão

em relação a um jogo de forças que se adivinha menos rigidamente regrado e mais susceptível de desenvolver-se de acordo com a evolução da situação e sobretudo alterações por enquanto de previsão pelo menos condicionada. Quanto à maioria presidencial, já se vê que é um argumento de reserva: na devida altura, os seus interessados não irão perdê-lo. Então é que o PS já não poderá dizer que, se existe uma maioria... PPD e CDS saberão falar dos votos do PS que Eanes não colheu. Saber se Eanes será ou não então sensível a estas coisas, não é questão que venha a pôr-se. Mas a questão é outra: é que a representatividade do PS, em termos eleitorais, é menor do que a do PPD e do CDS juntamente. E não vamos certamente pensar que PPD e CDS são assim coisas tão distintas: não são certamente mais distintas do que o PS e o PCP e terão então a vantagem táctica de uma situação em que há mais a ganhar juntamente do que a perder em separado.

Depois, a direita sabe procurar na unidade, ou pelo menos na identidade das suas posições a melhor táctica para a estratégia global dos seus interesses. Que a esquerda não o tenha sabido até agora, pode justificar-se pela complicação que tem caracterizado a conjuntura política portuguesa. Mas não deixa de justificar, também, o cenário desfavorável que aqui se entrevê — somente um dos cenários mais possíveis do futuro que dificilmente nos pertence.

Luis de Miranda Rocha

Flama descontente com Eanes

FUNCHAL, 6 — A organização separatista Flama acaba de emitir um comunicado deplorando declarações de Ramalho Eanes, nomeadamente quanto à intenção anunciada de acabar com «os grupelhos F. L. A. a Flama». Diz esta última que se tratou de uma afirmação infeliz, já que a organização «pode ser destruída fisicamente, mas não a ideia».

Noutro passo do comunicado, a Flama contesta, ao jeito de Ian Smith, que a Madeira seja governada por um Governo a 500 milhas de distância.

Mais adiante os separatistas desmentem que pertencesse à Flama o embaçado que na semana passada deu uma entrevista ao jornal «O Retornado», apresentando-se como presidente da organização. Além do mais — afirmam — a Flama não tem presidente. A partir daqui, os subscritores do comunicado «lamentam a boa fé dos redactores do «O Retornado» que publicam quaisquer declarações de qualquer embaçado que lhes apareça».

A fechar o comunicado, diz-se que a Flama promove, ainda, a troca de escudos por zarcos. Provocação final: «Não se aceitam títulos do tesouro.»

Tema: governos regionais

P.P.D. desencadeia ofensiva anti-P.S.

A formação dos próximos Governos Regionais dos Açores e da Madeira está a originar tomadas de posição anti-P. S. por parte do P. P. D., vencedor das eleições regionais nos dois arquipélagos.

Numa série de comunicados o P. P. D., destacando a sua «hegemonia» política nas ilhas, lança verdadeiros desafios ao Partido Socialista, acentuando que a sua derrota nas eleições regionais culmina atitudes pouco favoráveis à autonomia e a sua recusa em alianças no futuro Governo nacional.

No último comunicado, o Partido do dr. Sá Carneiro considera que «a escolha das populações dos Açores e da Madeira foi a escolha clara e inequívoca de um projecto de verdadeira autonomia, política, administrativa e financeira». Em oposição, o P. S. afirmou recentemente que os resultados eleitorais nas ilhas «foram obtidos sob o signo da santa aliança conservadora e terro-

rista contra a esquerda».

Outro aspecto da actual ofensiva «pépédistas» passa pelo que virá a ser o «seu» Governo Regional — de feição social-democrata, segundo afirma — cuja actuação servirá de ponto de comparação com o Governo nacional e de «testemunho da viabilidade deste caminho para o caso português». Uma faceta do que será esta actuação, infere-se do último comunicado do P. P. D. que aponta para o «reforço da unidade e solidariedade entre as ilhas de cada arquipélago», não mencionando, contudo, a necessidade do reforço da unidade nacional.

Este comunicado conduziu esperando que «o futuro Governo central não venha a impedir os Governos Regionais de pôr em prática uma experiência que as populações insulares livremente escolheram».

Esta última passagem do comunicado do P. P. D. levanta indirectamente a questão da nomeação dos ministros da Re-

pública, que será feita pelo próximo Presidente da República sobre proposta do Primeiro-Ministro e ouvido o Conselho da Revolução. Embora nada tenha ainda sido revelado quanto às personalidades que ocuparão estes cargos nos Açores e na Madeira, corre com insistência a informação de que serão militares, escolha esta que resultaria de acordo entre Ramalho Eanes, Presidente eleito, e Mário Soares, indigitado para Primeiro-Ministro.

Pinheiro de Azevedo sempre grave

PORTO, 6 — Continua estacionário o estado de saúde do almirante Pinheiro de Azevedo, que no sábado, depois das 22 e 30, foi acometido de nova perturbação cardíaca.

O último boletim clínico refere que o seu estado não sofreu

alterações, mas o diagnóstico continua reservado.

Centenas de telegramas, cartas e telefonemas têm chegado ao Hospital de S. João, manifestando preocupação e pesar pelo estado de saúde de Pinheiro de Azevedo.

post-scriptum

Restrições: o povo necessita de ser esclarecido

Há, infelizmente, elevado número de portugueses que, de forma alguma, está preparado para enfrentar as muitas restrições, verdadeiros sacrifícios económicos, que nos vão fatalmente ser exigidos.

Não cabe no âmbito desta carta julgar as atitudes de quem nos enganou — ou tentou enganar — acenando com uns generosos auxílios estrangeiros que, na quota parte em que vieram — e pouca foi — terão talvez que ser pagos com juros terríveis com cedências que esperemos não excedam o que é possível suportar com honra.

Criticou-se, acerbamente, qualquer «albanização» do país já que o Povo português nunca se poderia sujeitar a esse baixo nível de vida... e Deus permita que, o pior que o povo trabalhador português possa conseguir, seja o justo equilíbrio de classes que, ao que dizem, reina nessa nação balcânica, onde há um nível de vida relativamente modesto, mas para todos.

O nosso povo necessita de estar mentalizado para colaborar com o Presidente da República e o Governo não provisório, na tarefa de conduzir o país mas, para tal, necessita de perceber, de ser devidamente esclarecido, de observar que a justiça é igual para todos, que não há privilegiados e não se observam contradições, tal como lhe foi solenemente prometido. Mas... que vê este pobre povo?

Por exemplo, que se vão fazer severas restrições no consumo de gasolina e que, na próxima semana, talvez já não possa levar os filhos à praia na «rosca» adquirida a prestações e que tem toda a semana parada à porta, mas pode, de comboio, levá-los à Base Aérea de Sintra para ver um festival aeronáutico em que, certamente, se irão consumir quantidades astronómicas de combustível.

Outro exemplo, que a um indivíduo ignorante nestes assuntos de economia faz confusão (grande confusão mesmo) é ter, ainda não há muitos dias, observado num dos cais do nosso porto, por um lado proceder-se ao embarque de uma vultosa partida de chapas de vidro nacionais destinadas a um país estrangeiro mas, do navio acostado a seguir, todo o dia descarregarem dezenas de milhares de pneumáticos estrangeiros, quando temos três fábricas desse artigo.

É facto que teremos que comprar lá fora mas, salvo melhor opinião matérias-primas de que carecemos para a nossa indústria e produtos alimentares de que necessitamos prementemente, mas nunca automóveis de potentes cilindradas, artigos de luxo, bugigangas e outras anomalias, que continuam a vir em quantidades vultosas do Japão e de outros países que, provavelmente, muito pouco ou nada nos compram.

Luis Ribeiro da Fonseca — Oeiras

Nós, trabalhadores, só unidos poderemos avançar

Para começar devo dizer que sou portuguesa e que vivo neste País, onde o 25 de Abril, tão apregoado, ainda não chegou totalmente.

Após esse histórico dia, os governos sucederam-se, alguma coisa de concreto foi feito, mas houve também muita decepção, muitas promessas que ficaram por cumprir. Passaram-se já dois anos de uma libertação há muito desejada, dois anos muito mal aproveitados...

E porque? Porque todos nós temos andado divididos e agarrados à ideia de que só os partidos políticos nos poderão salvar, sem atentarmos bem o que se esconde por detrás de alguns desses partidos. A verdade é que, nós, trabalhadores, para avançarmos, temos de estar unidos e não divididos, como tem vindo a acontecer.

Se todos compreendessem que ainda não é tarde, que temos de construir um Portugal Novo para os nossos filhos. Agora já ante a experiência da nossa agitada revolução, se tivermos mais calma sobretudo se soubermos fazer melhor as coisas. Foi pouco, mas já se fez alguma coisa. Houve muitos que acreditaram no vinte cinco de Abril e muitos desses têm trabalhado duramente para que todos nós tenhamos mais alguma coisa, que não tinhamos há muitos anos; esses acreditaram num bem que eles próprios construíram. E em algumas partes do nosso país, mais algumas coisas foram feitas, só com a colaboração do povo, porque dos nossos governos por agora só se têm negado a ajudar-nos, nada têm feito para assegurar o bem-estar daqueles que tudo produzem: os trabalhadores que tão explorados são em todos os aspectos, do mínimo que têm para viver, ainda ajudam a construir algumas obras que são do povo, património de todos os portugueses.

Que maravilhosa tinha sido a nossa revolução se tivessem seguido o bem e não o mal, todos aqueles homens que fizeram a admiração de outros povos.

Valorosos porque conseguiram o que nenhuma outra nação conseguiu e porque não fizeram o resto, porque se deixaram arrastar para o caminho mais difícil! Será possível que todos aqueles que espalharam cravos, sinal do amor ao povo em que este correspondia na sua voz unida à felicidade que era por todos nós possuída e que não será jamais esquecida. Não podem calar e abafar no egoísmo a verdade que nos salvará a todos. Errar é próprio das pessoas e quem não comete erros? São estes na prática da vida que nos ensinam a ver claro. Todos nós desejamos uma vida melhor e temos de lutar muito para a conquistar, mas não com armas, só unidos com lealdade, fraternidade e amor, conseguiremos chegar ao caminho que no fundo todos nós desejamos.

Georgina R. R. G. Marques — Alverca do Ribatejo

SABER FAZER OU NÃO SABER FAZER: EIS A QUESTÃO

Jaime Pinto

Ou, pelo menos, uma das principais questões. Porque é fácil apontar deficiências, facilitar esquematizar problemas. Mas muito difícil resolvê-los logicamente, como difícil é enquadrá-los, sistematizá-los e racionalizar as suas vias de solução. E muita gente está ainda convencida de que basta ter dinheiro, ter fábricas, ter instituições, ter universidades, etc. etc. Claro que tudo isso é necessário. Não qualificadas para mandar; porque mandar é a função natural de quem não sabe ou não quer fazer. Mas para realizar, produzindo, orientando mais com o exemplo e a comunicação das suas capacidades do que por meio da hierática e sempre estéril maneira de enviar ordens sejam escritas, sejam verbais.

Valores potenciais temos muitos; somos quase todos, afinal! Possibilidades reais temos poucas, tragicamente poucas. E muita gente boa ainda disso se não apercebeu, da influência da propaganda que a clientela de amigos e coniventes candidamente tecer, baseando-se, na grande maioria das vezes, em trabalhos, publicações que nem sequer eram, porque se lessem!...E também nas afirmações. Gostamos todos de fazer afirmações, muito sentidamente retóricas muito compun-

gidas e compungentes. Para nada servem; proque só afirma, no sentido construtivo, quem sabe «fazer». Eu sei que muitos dos meus amigos se vão arrepiar, farejando laivos do que chamam «tecnocracia»...mas não é!

Não há progresso possível nos tempos actuais, sem uma tecnologia eficiente. E não há tecnologia possível sem o substrato de uma investigação científica que a modele, a ampare, lhe dê autenticidade e independência funcional.

Há grupos profissionais dados, talvez por necessidades do ofício, à teorização verbalista, à transposição retórica, à especulação sobre generalidades de assuntos que, tecnicamente, os ultrapassam. E não falo só dos senhores advogados, agora e sempre nas cúpulas da condução política dos negócios nacionais.

Não tenho, nem podia ter contra elas, seja redito, nenhuma animadversão. São quase todos muito inteligentes, falam e escrevem muito bem, usam das suas técnicas profissionais, afinal! O que está certo. Se não caírem na ingenuidade de supor que os seus conceitos e sugestões quando de implicações técnicas e científicas, terão qualquer valor objectivo como força de arranque para a solução dos problemas

em causa. A tendência em pairar ao nível das generalidades, leva sempre à perda da força resolutive, por escassez de dados colaterais indispensáveis e carencia de uma visão crítica sobre os caminhos mais viáveis e seguros. Visão especializada, claro.

Os países não se recuperam só com leis; mas com a capacidade de pô-las em execução. Houve, durante o fascismo, instituições dotadas de estatutos perfeitos mas nunca cumpridos porque o sistema era tão negativo que repelia, contra si próprio por incompatibilidade ideológica, tudo o que fosse objectividade funcional, reconhecimento dos problemas nacionais, dar o leme a quem sabe fazer. O resultado está à vista no campo institucional, xadrez anarquicamente pulverizado que é urgente, mesmo vital, reestruturar. Mas isso será assunto para outra ocasião.

Quando os dados são estabelecidos ao nível do que poderemos chamar, muito generosamente, ingenuidade administrativa, encontram-se nus e impropriedades como semente caída em rocha seca. E, para tomar força de arranque, terão de «baixar» de novo às chamadas bases funcionais para tomar uma forma lógica aproveitável; e delas tornar para as origens num ciclo improdutivo,

anestesiante e frustrador.

Os teóricos da banalidade, praga inevitável sempre que se abrem as perspectivas de uma renovação colectivamente imposta, estão obviamente cheios de boas intenções; mas não faz quem quer, mas quem sabe e pode. E talvez não se apercebam que, ao saírem da esfera das suas competências profissionais, mais não fazem do que pairar verbalmente ao nível escolar e acaciano das verdades de almanaque. São como o físico de Gil Vicente de quem diria o criado do doente, depois de lhe escutar o discurso: **está a doença em Bilbao e vós ides entre Douro e Minho.**

Mas não são os advogados os principais culpados, se culpados há neste triste ciclo vicioso. Piores são os técnicos e cientistas que repudiaram a sua formação e o seu lugar de acção, tornando-se administradores, burocratas da Ciência ou da Saúde, caixeiros viajantes de reuniões e congressos onde nada levam de original, além da sua apetência para a teatralidade exibicionista, fonte de troça, de piedade, de saturação e, também, de vergonha para nós que continuamos a ter, ainda em alguns sectores tão triste tipo de representantes.

Continua na pág. 4

ITÁLIA "SUL-AMERICANA"

Mario Benedetti

ROMA (I.P.S.) — Não foi só a minha vida que mudou. Mudei eu próprio. Agora continuo a ser brasileiro na alma e na maneira de ser. Disse-o Rudgeiro Jacobi, director da Academia de Arte Dramática de Roma, depois de 14 anos vividos no Brasil (nos anos 60, quando dirigia um grupo teatral português, Jacobi foi obrigado a abandonar Portugal pelo regime fascista). Um dos maiores teorizadores italianos do teatro, Jacobi dirigiu espectáculos, formou escolas de arte dramática e publicou livros naquele país sul-americano. Quando voltou a Itália trouxe consigo o Brasil. Trazia traduções de várias dezenas de autores brasileiros, os quais deu a conhecer na península; também através de conferência fez levar a cena peças daquele teatro a que se sente estranhamente ligado; a sua casa é endereço que não falta nas agendas dos ex-alunos e amigos que, cruzando o Atlântico, chegam a Roma.

Do mesmo modo que este homem de teatro, são muitos os italianos que conjugam as suas recordações do passado com as experiências de trabalho e de vida. Não se trata, neste caso, das massas emigrantes, dos contingentes meridionais, carregados em barcos que vão em busca de trabalho. São esses outros, os artistas e intelectuais, os que quiseram tentar a sorte no «Novo Mundo», os que emigraram por causa da guerra ou das suas consequências, mas decididos a fazer carreira, como também os que desembarcaram casualmente ou com intenção de permanência breve e acabaram por se radicar.

Razões várias os fizeram voltar ao país de origem, em que quiza, já não pensavam a não ser em termos familiares.

São os reintegrados. Sobre tudo da Argentina e do Brasil. Os primeiros — são a maioria — costumam defender o velho amor com raiva, quando a ingenuidade do interlocutor italiano pretende que a Argentina é mais ou menos uma selva onde gaúchos pitorescos passam a vida a tocar viola. Alguns fazem-se mais argentinos do que os autênticos, mantêm o ritmo da fala «portenha», sentem-se (na Itália, o seu país) desorientados como estaria qualquer «homem que está só e espera», transportado repentinamente de uma esquina de Buenos Aires a um outro mundo. Mais um dos filhos da Argentina espalhados pelo mundo que recebem as notícias do ultramar com esperança e saudade.

Os que viveram no Brasil são um caso à parte. São em menor número do que os primeiros e formam uma espécie de associação tácita de solidariedades. Costumam reunir-se, fazem intercâmbio com viajantes brasileiros que tentam arranjar trabalho em Itália. Quem viveu na Argentina guarda as suas vivências no âmbito «tanguero» da recordação estritamente pessoal. Quem regressou do Brasil proclama-o apenas quando se lhe oferece a ocasião. Talvez porque entre o Rio e Nápoles se pode traçar um paralelo improvável em outros casos: porque a Itália e o Brasil se identificam no bulício pitoresco e melodramático da vida diária. Além disso, parece que os que um dia partiram até terras argentinas

criaram raízes profundas, mas depois de esforços prolongados e problemas de adaptação; os que desembarcaram no país do samba foram acolhidos de imediato e a assimilação não passou pela necessidade de superar traumas.

Adolfo Celi, actor cinematográfico muito popular em Itália, passou muitos anos no Brasil. Ali dirigiu teatro ao mais alto nível, foi um pouco o embaixador encarregado de receber todos os italianos dos círculos artísticos que iam engrossando a colónia. Celi — que também teve uma breve experiência em Buenos Aires, como director do teatro «La Máscara» — tinha ganho um prestígio enorme no Brasil.

Lea Massari não perde ocasião de voltar; uma ou duas escapadas por ano; dizem os seus amigos que só no ambiente carioca consegue ultrapassar a proverbial tensão provocada pelo trabalho em Itália e em França. O compositor-maestro Enrico Simonetti optou por uma solução que concilia o trabalho e o amor pelo país de adopção; actua alternadamente aqui e lá. Leone Piccioni, crítico literário, ensaísta, alto dirigente da Radio-televisão Italiana, costuma erigir-se em porta-voz cultural; pr'logos a livros brasileiros, apresentação de artistas e escritores, sugestões a editores italianos. Luciano Salce interrompe de bom grado o seu trabalho no estúdio cinematográfico para recordar a boémia dos tempos brasileiros. Fabio Carpi, argumentista e realizador revê os três anos que li passou como um preâmbulo fundamental para o trabalho literário-cinematográfico que

empreendeu de seguida em Itália.

Os «ex-argentinos» encontram-se um pouco por toda a parte. Nos corredores dos órgãos de Poder, nas redacções de jornais, nos estúdios e palcos, nas galerias de Artes Plásticas. Arrigo Levi director do diário «La Stampa», recorda os estudos secundários e universitários em Buenos Aires, a sua participação em anistiações estudantis dos anos 40 — que lhe valeram uma prisão em Villa Devoto — e a sua tomada de consciência política («foi na Argentina que me fiz socialista»). O escritor Renato Ghiotto recorda, acima de tudo, as peregrinações por redacções e editoriais em busca de trabalho nessa metrópole que lhe parecia monstruosamente grande. Franco Pierini, jornalista de «Il Giorno» (Milão), fala do centro «portenho» como de uma tertúlia habitual, complemento das suas primeiras experiências jornalísticas profissionais. O espaço de uma nota não chega para mencioná-los a todos, de Gino Nelinti (actor, braço direito de Giorgio Albertazzi) a Attilio Zerbini (editor de revistas aqui e lá), de Attilio Cucari (actor, discípulo de Gassman) a Ugo Paternom (noticiário da Rádio). Uma lista longa e prolongada no tempo, uma vez que tem um antecedente ilustre em Ettore Petrolini, que, depois de anos de caça e pesca em Buenos Aires, voltou à península para se converter no actor italiano de revista mais célebre de todos os tempos.

Aproveitando esta evocação do passado, cabe men-

Continua na pág. 4

Geral

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA 2.º Juízo ANUNCIO

Pelo 2.º Juízo e 1.ª secção deste tribunal (Proc. n.º 981/76), correm editos de TRINTA DIAS, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando o réu VIRGÍLIO COSTA NASCIMENTO, mecânico de automóveis, ausente em parte incerta e com a última residência conhecida em Santa Comba - Cella - Angola, para, no prazo de VINTE DIAS, depois de decorrido o prazo dos editos, contestar, querendo, a acção de divórcio que lhe move sua mulher D. Maria Antonieta de Sousa Cabrita Nascimento, dona de casa, residente na Tapada da Ajuda, Lisboa 2, Observatório Astronómico de Lisboa.

O pedido de divórcio é com o fundamento na alínea f) do artigo 1778.º do Código Civil, ex-vi do art.º 1792 do mesmo Código.

Lisboa, 22 de Junho de 1976

O Juiz Corregedor do 2.º Juízo
a) Armando Lúcio Vidal
O Escrivão de Direito
a) Manuel Maria Martins Ribeiro

Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA FERREIRA Rua Manuel Maria Vieira, 7

CONION

O
MELHOR
EM CAPTAÇÃO
E SOM

O melhor Rádio e Gravador do Mundo
Rua Pascoal de Melo
n.º 7, 1.º — Lisboa

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa CONVOCATÓRIA AOS DELEGADOS SINDICAIS DO ENSINO PRIMÁRIO

Convocam-se os delegados sindicais do Ensino Primário Oficial para uma Assembleia de Delegados, a realizar quarta-feira, dia 7 de Julho, pelas 15 horas, na sede do Sindicato — Rua das Gaivotas, 6, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto único — Análise da situação do sector

Assina: O SECRETARIADO GERAL DO SECTOR

ESCOLA JOSEFA DE ÓBIDOS MATRÍCULAS

Encontram-se abertas até ao dia 20 do corrente



EDP-REDE DE DISTRIBUIÇÃO UEP-SUL

RESTRICÇÕES DE ENERGIA — CORTES PROGRAMADOS

DIAS 5 A 9 DE JULHO INCLUSIVE

Concelho de Almada	
Cidade de Almada	14.00 às 15.30 horas
Zona de Caparica, Charneca, Trafaria, Monte Caparica, Laranjeiro, Feijó	15.30 » 17.00 »
Concelho de Montijo (parte oriental)	14.00 » 15.30 »
Concelho Seixal	15.30 » 17.00 »
Concelho de Sines	14.00 » 15.30 »
Concelho de Vendas Novas	14.00 » 15.30 »
Concelhos de Alcácer, Grândola e Santiago	15.30 » 17.00 »
Concelho de Montemor	15.30 » 17.00 »
Concelho de Sesimbra	15.30 » 17.00 »
Concelho de Alcochete	15.30 » 17.00 »
Concelho da Moita (zona de Alhos Vedros, Baixa da Banheira, Rosário)	15.30 » 17.00 »
Concelho de Palmela	14.00 » 15.30 »

O facto das linhas serem desligadas não significa que não possam voltar a ser ligadas em qualquer momento, pelo que por motivos de segurança deverão ser considerados permanentemente em tensão.

Pela ELECTRICIDADE DE PORTUGAL
(UEP-Sul)

SABER FAZER OU NÃO SABER FAZER...

Continuação da pag. 3

tes, numa época em que a objectividade, a sobriedade e o apagamento dos personalismos se tornaram, felizmente, normativa. Ideólogos de sebestinha invocam a sua longínqua e desagregada preparação científica ou técnica, por vezes já antiquada de decénios, para fundamentarem opiniões que, na realidade, têm o valor ponderal dos ditos e das sentenças do velho e imperfecível Conselheiro!

Só é técnico quem sabe utilizar técnicas segundo as necessidades, criticando caminhos e escolhendo os mais adequados. Só é cientista quem realiza trabalho de tipo científico fazendo da investigação o seu campo de acção, criando ou ajudando a criar novos e originais dados para o conhecimento humano. Parafraseando um esquema, tantas vezes gritado, diríamos que competência só há uma: a que cria e mais nenhuma.

Competência não é lamuriar sobre os problemas trágicos deste ou daquele tipo; competência é preparar minuciosamente e racionalmente as vias de recuperação. Não é competência acusar os «outros», quaisquer que sejam, de todos os fracassos e malefícios; competência é citá-los para a tarefa comum de recuperação, na medida das suas possibilidades tantas subaproveitadas. Competência não é sacar dos livrinhos escolares, ou de divulgação primária, banalidades gerais sobre crises; competência é mergulhar decididamente nos problemas que temos à ilharga e estudá-los até ao limite das nossas possibilidades. Não como temas de tirados oratórios, mas na intenção responsabilizada de os resolver. Competência não é remeter sistematicamente os problemas do nosso país sobre figurinos que, sem divergirem no geral, em nada ajudam quanto à compreensão e solução dos casos mais locais e peculiares. Porque os livros fizeram-se para ajudarem a estabelecer uma mentalidade crítica, de adopção e tratamento, e não como panaceias, como chaves que, por definição, abriam todas as fechaduras.

Competência é, afinal, ponderação na análise, coragem e objectividade na escolha de soluções e organização rigorosa da acção.

Os técnicos portugueses decento não desejam nem poder político, nem funções administrativas. Mas não aceitam ser considerados como seres subalternos, passivos «realizados» daquilo que outros, menos competentes, ou simplesmente ingénuos, preparam. Para isso

pode-se sempre recorrer aos eruditos repetitivos, plagiadores de conceitos de barbas brancas; aos que prometem descobertas e realizações fáceis, a curto prazo; ao que, desde longa data, sabem adiar indefinidamente as soluções, por real incapacidade. entorpecendo-se reciprocamente com ladainhas sobre as limitações de que são ou foram vítimas, quando, muitas vezes, até foram contemplados; aos que adoptaram, como campo de acção, as meias águas irresolutas, porque assim foram usufruindo de uma irresponsabilidade temporal, constantemente adiada, por nunca descerem ao terreno vulnerável onde os problemas se resolvem. E até aos que, por maior sentido (aliás equivocado) da oportu-

nidade, usam obsessivamente das qualificativos de concreto e do útil a curto prazo, para efeitos meramente demagógicos, esquecendo-se que o concreto tem de ser, também, definido e estudado e o útil imediato (quando o é) não pode nem deve substituir-se ao que poderemos chamar útil ponderado e evolutivo.

O pouco que existe, porque existe, sabendo pensar e sabendo fazer, nos campos técnico e científico, pode também ser forçado a fazer as malas. Se continuar a sentir-se inútil, de orelhas fechadas à sua volta, de portas cerradas à sua acção. Forçados à inutilidade ou a um subaproveitamento, estrangeirar-se-ão.

Não no sentido de Pina Manique, evidentemente!

ITÁLIA "SUL-AMERICANA"

Continuação da pag. 3

cionar o mais popular dos cantores florentinos de «café-cantante», Edoardo Spadaro. Voltando ao presente, acrescenta-se à lista Gabriella Ferri, «ex-venezuelana».

Quem sabe se dentro de alguns anos alguém não há-de escrever, no Rio, em Buenos Aires ou noutra das nossas cidades, uma nota sobre os «ex-italianos». Alguém poderá

repetir em sentido inverso o que fez Ruggero Jacobi, há um par de anos, quando encenou «O Pagador de Promessas». Na noite de estreia colocou no «placard» dos avisos internos da companhia uma carta pessoal dirigida a actores e técnicos. Ele, italiano da Sicília, escreveu:

Obrigado, por me terem ajudado a apresentar um pedaço do meu Brasil.

Principia hoje em Letras Semana Cultural Americana

Principia hoje em Lisboa a Semana Cultural Africana, organizada pelos alunos do Seminário de Literatura Africana de Expressão Portuguesa, no âmbito da Faculdade de Letras de Lisboa.

Para hoje está prevista a abertura da exposição de arte africana, que vai funcionar diariamente e até ao dia 12, no Departamento de Literatura da Faculdade (sala 10) e uma ses-

são pública na Sala de Conferência da Reitoria.

A sessão pública inaugural que está marcada para as 21 e 30 será preenchida com um recital de poesia africana, a cargo de Ary dos Santos, Fernanda Lapa e José de Castro, e Madalena Pestana, e por canções que vão ser interpretadas por Carlos Cavalheiro, Fernando Tordo, José Barata Moura, Júlio Pereira, Roberto (cantor angolano) e Grupo Outubro.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO E SERVIÇOS DO DISTRITO DE SANTARÉM

Sede: R. 1.ª de Dezembro n.º 64-2.ª — Telef. 25307
Apartado 97 — Santarém
Delegação: ABRANTES — Largo Avelar Machado, 9-1.ª, Esq.
Rossio ao Sul do Tejo
TOMAR — Av. 28 de Maio, Lote 3.ª-r/c, Esq.
TORRES NOVAS — Rua Mouzinho de Albuquerque

COMUNICADO

PUBLICAÇÃO DO CCT/COMÉRCIO RETALHISTA

As negociações de revisão do C.C.T. para o Comércio Retalhista, terminaram em Maio.

No dia 3/5/76, o Sindicato e os representantes das associações patronais assinaram as alterações ao Contrato anterior.

No Boletim n.º 11, de 15/6/76, vêm publicadas todas as cláusulas acordadas.

As entidades patronais estão, portanto, obrigadas a pagar os retroactivos desde Janeiro, a conceder 30 dias de férias a todos os trabalhadores e a pagar a primeira diuturnidade no valor de 600\$00, no dia 1 de Julho de 1976, aos trabalhadores com 3 anos de permanência em categoria sem acesso obrigatório.

Santarém, 30 de Junho de 1976.

A direcção



Desapareceu de casa de seus pais RAUL ARMANDO FERNANDES AZEVEDO, de 13 anos de idade. A quem souber do seu paradeiro, telefonar para os números: 2073761 e 2072129 ou para a Polícia.

"NÓS TERRA É PA NÓS POVO"

Comemorada em Lisboa
independência
de Cabo Verde

Começou de punho erguido — com a assistência a guardar um minuto de silêncio em memória de Amílcar Cabral — e de punho erguido se concluiu — cantando-se em coro a «Grândola, vila morena» — a sessão solene ontem à noite realizada na Reitoria da Universidade de Lisboa comemorativa do primeiro aniversário da independência de Cabo Verde.

Presentes os homens do 25 de Abril mais directamente ligados à descolonização: Vítor Crespo, Vasco Gonçalves, Otelo Saraiva de Carvalho, Rosa Coutinho, Carlos Fabião; presentes numerosos embaixadores estrangeiros, destacando-se entre eles os de Cabo Verde, dr. Corsino Fortes, da Guiné-Bissau, eng. Júlio Semeado, e de S. Tomé e Príncipe, Maria Amorim, tal como uma representação do Órgão Coordenador do M. P. L. A. para a Europa. Na sala também, e para falarem, dirigentes das Associações de Amizade Portugal-Guiné Bissau (Rogério Paulo) e Portugal-Cabo Verde (Manuel Ferreira) e do Conselho Português para a Paz e Cooperação (Silas Cerqueira). Entre a assistência alguns deputados e uma presença com o seu significado: Vasco da Gama Fernandes, presidente interino da Assembleia da República.

Muitos discursos foram pronunciados, todos incidindo na tônica da amizade entre o povo português e os povos das antigas colónias e muitos deles reafirmando a disposição solidária de continuar o combate libertador cá e lá, na Europa e na África. Passaram pela tribuna denúncias da discriminação a que são sujeitos trabalhadores cabo-verdianos em Portugal, à semelhança do que acontece com emigrantes portugueses nos países capitalistas ocidentais; passaram também profissões de fé no futuro mais justo e mais próspero do povo cabo-verdiano e na inevitável unidade entre a Guiné-Bissau e Cabo Verde, sob a égide do P. A. I. G. C.

Cantou-se música cabo-verdiana, música portuguesa, música da Guiné-Bissau, música do Mundo. Ouviram-se canções de combate nas vozes do grupo artístico da Associação de Cabo-verdianos e Guineenses em Lisboa, nas vozes do G. A. C. (Grupo de Acção Cultural), do Intóito e de José Carlos Schwartz, um artista guineense que estava em trânsito por Lisboa, no caminho de Havana para Bissau.

Em resumo do que a nosso ver fica na memória dos participantes na sessão, deixamos duas frases de dois oradores. Por um lado, a afirmação do embaixador Corsino Fortes, referente ao passado colonial: **há que semear as cicatrizes do passado com sementes de hoje para as colheitas de amanhã**; pelo outro a insistência de Rogério Paulo, presidente da Associação de Amizade Portugal-Guiné-Bissau, no facto de os homens se dividirem por razões de classes e não pela cor da pele ou por países. **Meus irmãos eram Amílcar Cabral e Lumumba, como meus inimigos eram e são Tchombé e Marcelo Caetano** — disse ele.

Uma nota final: tanto à entrada como à saída na sala Vasco Gonçalves foi carinhosamente aplaudido pela assistência. No intervalo, entre os discursos e a sessão musical, o antigo primeiro-ministro e o major Otelo Saraiva de Carvalho cumprimentaram-se afectuosamente, perante a curiosidade dos circunstantes que os rodearam.

RECEPÇÃO

A passagem do primeiro aniversário da proclamação da independência de Cabo Verde foi ontem à tarde assinalada em Lisboa com uma recepção que o embaixador daquele país, dr. Corsino Fortes, ofereceu num dos hotéis da capital.

O Presidente da República fez-se representar pelo general Fontes Pereira de Melo. O primeiro-ministro interino, comandante Almeida e Costa, e vários membros do seu gabinete, entre os quais, nomeadamente, os ministros dos Negócios Estrangeiros, da Cooperação, da Agricultura, da Justiça, da Comunicação Social e das Comunicações e Transportes, encontravam-se também presentes.

Entre outras figuras políticas e militares portuguesas, estiveram igualmente presentes o dr. Mário Soares, o dr. Vasco da Gama Fernandes, o eng. Veiga de Oliveira, o comandante Martins Guerreiro, o comodoro Almeida d'Eça (último representante português em Cabo Verde), o almirante Rosa Coutinho e o major Otelo Saraiva de Carvalho.

Dos membros do corpo diplomático acreditado em Lisboa que estiveram presentes ou se fizeram representar, contam-se os embaixadores dos Estados Unidos e da União Soviética.

EM MENOS DE 24 HORAS

Onze mortos nas estradas do País

Em menos de 24 horas nas estradas do País os desastres de viação atingiram a cifra trágica de 11 mortos: uma família inteira que regressava de férias, um operário fabril que era acompanhado pela namorada, um metalúrgico, pai de três filhas, um jovem que acabara de regressar da Venezuela e comprara o carro há dias.

Já no princípio do dia de hoje, às cinco da manhã, dois jovens morreram na Marginal, na «curva da morte» da Parede. A moto de grande cilindrada em que seguiam a alta velocidade despistou-se, indo mergulhar no mar. Até às 11 da manhã a Brigada de Trânsito da G.N.R. continuava no local não tendo ainda sido recolhidos os cadáveres.

UMA FAMÍLIA:
SEIS MORTOS

Perto de Alcobaça, no lugar de Molianos, freguesia de Évora, ao quilómetro 96 da Estrada Nacional número 1 seis pessoas ficaram sem vida e duas feridas ontem à tarde, às 16 e 30, num violento embate entre três automóveis. O acidente deu-se quando um «Volkswagen» de matrícula HI-27-74, que rodava no sentido Sul-Norte tentou ultrapassar dois carros. Frustrado o intento o automóvel foi bater violentamente no «Taunus» HI-34-88, conduzido por António Lopes da Silva, mecânico de profissão. O «Volkswagen» iria chocar ainda com um «Mercedes» HT-50-30 conduzido por Alberto Gomes de Oliveira.

Do carro que esteve na origem do embate morreram todos os ocupantes, seis pessoas da mesma família que regressavam de férias, passadas na região natal, em Pinheiro de Lafões, Oliveira de Frades.

Dos destroços da viatura transformada em lata foram retirados já mortos, alguns horrivelmente mutilados os corpos do condutor Horácio António Aguiar Durão, residente no Bairro Novo do Falcão, Arrentela, Seixal, de sua esposa Maria Alda Silva Aguiar Durão, do filho do casal Manuel Alberto Durão Aguiar, dos pais do condutor José António Aguiar Durão e Maria do Céu Durão e ainda de um seu irmão cuja identidade ainda não fora apurada.

Os dois outros carros sofreram danos de vulto e os seus condutores alguns leves ferimentos.

A Brigada de Trânsito da G.N.R. tomou conta da ocorrência, estando a averiguar as causas e circunstâncias do acidente.

MORTE
DE UM OPERÁRIO

Um automóvel conduzido por António Saldanha de Cas-

tro ao entrar na Estrada Nacional Porto-Braga, na freguesia de Ribeirão, embateu com um táxi conduzido por António Ferreira do Porto Martins, do Porto, que transportava quatro passageiros.

Do embate, há a registar a morte de António Saldanha de Castro. Tinha 26 anos, era solteiro e operário fabril e residia na freguesia de Castelões, do concelho de Vila Nova de Famalicão.

Levava consigo a namorada, Maria Manuela Miranda Campos também operária fabril, de 17 anos, natural de Ribeirão e ainda Maria Alexandrina Ferreira da Costa, de 17 anos, solteira, também de Ribeirão e Amaro Cardoso Ferreira de 20 anos, da freguesia do Calendário (Famalicão).

O veículo de António Saldanha de Castro iria ainda emba-

ter numa motorizada. Além da morte do operário fabril há ainda a registar ferimentos ligeiros nas restantes pessoas que depois de tratadas no Hospital de Famalicão seguiram para as suas residências.

CONTRA
UMA ÁRVORE

Um carro novo, comprado há poucos dias, despistou-se esmagando-se contra uma árvore. Aconteceu na Estrada Florestal 334, a cerca de dois quilómetros da praia de Mira. Teve morte imediata o seu condutor e único ocupante, um jovem de 18 anos, regressado há pouco da Venezuela, Belino Oliveira Santos, solteiro, natural de Póvoa de Bustos, Oliveira do Bairro e filho de Mário Santos Silva e de Adelaide Costa Oliveira.

O cadáver, após cumpridas as formalidades legais, foi removido para a capela da praia de Mira.

UM MORTO
EM SESIMBRA

O metalúrgico Américo Pereira Marques morreu do embate entre o veículo ligeiro que conduzia com uma viatura pesada ocorrido ontem à tarde no lugar de Carrasqueiro (Venda Nova) no concelho de Sesimbra. A sua mulher, Maria dos Anjos Vaz, sofreu ferimentos graves.

Uma das três filhas do casal, América Sofia Vaz, de dois anos e que também seguia no carro bem como o condutor da viatura pesada nada sofreram. O corpo do metalúrgico Américo Marques foi removido para a casa mortuária da freguesia do Castelo.

C.A.P. falhou plenário
em Ponte de Lima

PONTE DE LIMA, 6 — Apesar de marcado para o dia de hoje em Ponte de Lima normalmente dia de grande afluência de pessoas, e de um automóvel com altifalante ter andado a divulgar o acontecimento, o anunciado «plenário de agricultores do Alto Minho», promovido pela CAP, não conseguiu mobilizar o público que se esperava em torno de problemas que são reais e diversos na região. A gente do campo foi abandonando a concentração, que decorreu na Av. dos Plátanos daquela vila, durante cerca de duas horas. Os trabalhos foram conduzidos pelo padre João Lopes, de Ponte de Lima a quem coube dizer os motivos da reunião.

O lavrador Manuel dos Santos Fernandes, de Estorões, apelou para os agricultores presentes no sentido de apoiarem a CAP. Este orador viria depois a considerar como demagogia o afirmar-se «que a terra é de quem a trabalha». Note-se, quanto aos efeitos pretendidos por esta afirmação, que a mesma foi feita no Alto Minho, zona em que as explorações agrícolas se encontram extremamente divididas e onde a maioria das pessoas do campo possui efectivamente um pouco de terra e a trabalha mesmo. Por outro lado, note-se também que, na região, muito mais de metade dos camponeses são analfabetos e que 14 mil dos 17 mil agricultores possuem menos de meio hectare de terra, ainda por cima em leiras descontinuas.

Falou depois o eng.º Mário de Aguiar, de Famalicão, membro do secretariado do norte da CAP. Perguntou a certa altura: «se todas as classes têm órgãos representativos para defesa dos seus direitos por que é que vós não os tereis?».

Este elemento da CAP referiu ainda os ataques feitos ao organismo que representava e esclareceu que «nós não somos facho» e que a CAP «aceita a democracia tal como deve ser, mas não uma democracia imposta». Quanto à Reforma agrária, afirmou o eng.º Mário de Aguiar, que «querem continuar a impô-la» e que os agricultores não foram consultados. Defendeu por outro lado a organização e a ajuda às «autênticas cooperativas», e atacou o sistema de subsídios

à batata de semente. Note-se que estes subsídios têm obrigado os camponeses, efectivamente, a complicadas burocracias, embora na região de Ponte de Lima se tenha promovido uma campanha de utilização de melhores qualidades de batata que foi distribuída em quantidade suficiente.

E A LEI
DO ARRENDAMENTO
RURAL?

O eng.º Mário de Aguiar afirmou ainda que «a lavoura não precisa de esmolas», o que os presentes aplaudiram. A Lei do Arrendamento Rural foi igualmente atacada pelo representante da CAP. Um caseiro pôs então um problema: o senhorio tirou-lhe os campos bons que

cultivava e deixou-lhe os secos. Assim, perguntava se a Lei do Arrendamento Rural também dava para resolver problemas desses. A resposta, assente no facto de que «uns têm terra outros não», deixou dúvidas nas pessoas que, aos poucos, iam abandonando o local da reunião.

Pessoas presentes notaram o facto de terem sido cuidadosas e veladas as referências ao Ministério da Agricultura, contrariamente ao que é habitual nas reuniões promovidas pela CAP em diversas regiões do País. Notaram ainda que o plenário falhou pela incapacidade de ver os problemas estruturais, de ver também que as dificuldades na região são, afinal, o mal geral da agricultura.

FORÇA AÉREA

CORPO DE TROPAS PARA-QUEDISTAS

BASE ESCOLA
DE TROPAS PARA-QUEDISTAS

CONSELHO ADMINISTRATIVO

VENDA DE ARTIGOS

DE FARDAMENTO INCAPAZ

Aceitam-se propostas escritas até às 17 horas do dia 15 de Julho de 1976, para venda de lotes de Fardamento Incapaz armazenados no Depósito de Base Escola de Tropas Para-Quedistas em Tan-
cos.

Os lotes podem ser vistos todos os dias úteis no local de armazenagem, das 9 às 12 horas.

O caderno de encargos que estabelece as condições de venda dos lotes anunciados, encontra-se patente na Tesouraria do Conselho Administrativo da Base Escola de Tropas Para-Quedistas em Tan-
cos, das 14.30 às 17 horas de todos os dias úteis à excepção de sexta e sábado.

O PRESIDENTE

António Martins Cacela
Maj/Sg/Paraq

Governo de Luanda e U.N.T.A.
passam a fixar salários

LUANDA, 6 (FP) — Foram suspensas todas as negociações de carácter salarial nas empresas angolanas, por decisão do ministro do Trabalho, David Aires Machado.

Um comunicado publicado na Imprensa angolana justifica esta decisão recordando que a fixação de salários não obedece, actualmente, a nenhum critério.

«Assiste-se», de acordo com o comunicado, «a um movimen-

to anárquico de aumento de salários que, não correspondendo à produtividade, contribui para o enfraquecimento económico do país e para o aparecimento de fenómenos inflacionistas, especulativos e de comércio ilegal». O comunicado declara finalmente que a definição de toda a política salarial incumbe ao Governo, por intermédio do Ministério do Trabalho e da União Nacional dos Trabalhadores Angolanos

(UNTA), por proposta dos grupos de estudo constituídos por estes organismos.

O comunicado do ministro do Trabalho não fornece detalhes sobre os aumentos de salários a que se refere. Parece, todavia, que um certo número de empresas tinham concedido, nestes últimos meses, aumentos substanciais aos seus trabalhadores, sem o referir aos organismos competentes.

Nacional

NO CINQUENTENÁRIO DA MORTE DE BRANCO RODRIGUES

Os cegos que nós não vemos

Rogério Rodrigues

No primeiro dia deste mês o nome de Branco Rodrigues foi dado à rua onde ele morou durante anos. Assistiram à cerimónia do descerrar de uma lápida (desejo manifestado, embora em vão já há 30 anos) a viúva que no dia 20 de Junho fez 91 anos, e os dois filhos. Para lá da cerimónia, simples, numa travessa de Lisboa, uma cerimónia que não deu nas vistas, uma preocupação sacudia os presentes: a sobrevivência do Instituto Branco Rodrigues está seriamente ameaçada. O Instituto corre o risco de encerrar definitivamente.

Completaram-se no princípio deste mês (a 2 de Julho) 76 anos desde que a instituição Branco Rodrigues foi fundada.

Num sábado de marginal movimentada, cegos respondendo ao apelo de uma comissão nomeada para o efeito, reuniram-se no que foi o penúltimo edifício do Instituto Branco Rodrigues, ali mesmo junto ao restaurante «A Choupana».

O edifício está velho e maltratado. Evas ruins crescem a esmo mal se passa o portão. No que foi recreio, com uma alta parede a impedir de ver o mar, olham-se nítidos restos de fogueiras dos retornados que até há bem pouco ali estiveram instalados.

Cerca das 11 da manhã, uma camioneta da Santa Casa da Misericórdia, a quem Branco Rodrigues legou a sua instituição, transportou os cegos até ao antigo instituto. No recreio jogaram futebol (terrivelmente recordadas as medidas do campo e exercitadas o ouvido), jogaram o ferrolho (argolas de ferro) para uma caixa de sempre no canto de sempre. Alguns dos cegos já tinham sido professores dos outros cegos. Uns poucos eram acompanhados por familiares. Nas salas vazias, desocupadas, de tudo, encontravam-se em grupos, recolhidas as bengalas, articuladas, de metal, debaixo do

braço, uma massa de óculos escuros que agredia, e num tom de conversa que era visivelmente agudo. Eram os poucos que viam que estavam irremediavelmente sós.

O SR. PINTO: 82 A NOS-LUZ

O sr. Pinto (para todos os que o conheciam e para os outros que o conheceram) era o anfitrião e convidado daquele insólito encontro na marginal. Entrou aos oito anos para o instituto, foi aluno, amigo e afilhado de casamento de Branco Rodrigues, casou três vezes e três vezes enviuvou, ganhou o prémio (o primeiro que houve) de virtuosidade ao piano no Conservatório de Lisboa, e na sua prolecta idade ainda dá aulas de piano a 30 alunos. De graça. Só que os alunos vão chegando e ele não resiste ao que foi desde jovem a sua vida — dar aulas de piano. Tem a mente lúcida e um sorriso permanente de quem conciliado com a vida a ensinou aos outros. Tem 82 anos de luz, não de tempo. Foi beijado por três presidentes e um primeiro-ministro: Manuel de Arriaga, António José de Almeida, Bernardino Machado e Afonso Costa.

Compôs o «Ex-diccionario», célebre na época, em memória dos soldados portugueses, de abalada para as trincheiras da Flandres. Escreveu a música e letra do hino do instituto.

A TARDE DOS TESTEMUNHOS

Para preparar o almoço veio «a cozinheira de sempre». Apareceu. Culminou ontem a rotina de 40 anos: ser «a cozinheira de sempre» do Instituto Branco Rodrigues. Já tem os cabelos brancos. Está pesada e todos a conhecem. Fala dos cegos:

«Nunca pensei em me dedicar a eles como me dediquei». Limpa algumas lágrimas que teimam em correr: «Estava reformada mas vinha aqui todos os dias».

Depois do almoço prosseguiu a incessante descoberta da memória. Já a tarde ia a meio quando nos reunimos de novo no refeitório para ouvirmos falar de Branco Rodrigues, tal como alunos seus o conheceram. O mais instado a dizer da memória que o habita seria ainda e sempre o sr. Pinto. Relembrou as múltiplas andanças do instituto.

Em 1900, Branco Rodrigues fundou a primeira aula de leitura dos cegos na Escola Rodrigues Sampaio, a Calçada do Combro. Mudou-se depois para o Real Instituto, situado na Escola Politécnica. Chamava-se então Escola Profissional dos Cegos e era frequentada em regime de externato. Mas tarde passou para o número 16 da Travessa do Fala-Só. Daqui transitou para o Palácio do Conde Arnoso, na Travessa André Valente. Nesta época a escola tinha já teares, oficinas de colchoaria e alpercatas, e uma sala-museu com os artigos manufacturados nas oficinas. Seguiu-se uma curta passagem pela Estrada de Campolide. Depois, e definitivamente, a instituição mudou para S. Pedro do Estoril. Estávamos a 6 de Março de 1913. O instituto foi inaugurado pelo Presidente da República, Manuel de Arriaga. A visita durou uma hora. A empresa cinematográfica «Portugália» filmou a cerimónia. Simplesmente, não se encontra filme, que tudo leva a crer tenha sido vendido aos aliados na I Grande Guerra. Nessa altura teriam sido vendidas mesmo 17 toneladas de celulósio.

Perante Manuel de Arriaga fizeram demonstrações de leitura e escrita em «Braille» e exercícios de tacto distinguindo o feijão branco do preto e

as várias sementes umas das outras. «Aceitem a expressão de toda a simpatia da República» — escreveu mais tarde, no Livro de Visitas, Bernardino Machado aquando da sua visita de duas horas ao Instituto.

QUEM FOI BRANCO RODRIGUES

Aos que o conheceram foi perguntado: quem foi Branco Rodrigues? E o sr. Pinto respondeu: «Foi socialista ainda antes de aqui haver socialismo». Branco Rodrigues, se existisse, contaria hoje 115 anos. De abastados recursos, dedicou-se aos cegos quando o seu avô — tinha ele 24 anos — cegou. Branco Rodrigues acabaria por fundar em 1895 o «Jornal dos Cegos». Mensal até 1908, passou depois a anual, deixando de existir em 1920. Era, na sua totalidade, escrito por Branco Rodrigues e debruçava-se em especial sobre as inovações pedagógicas no ensino dos cegos que eram experimentadas na Europa.

«Branco Rodrigues não era irascível — recorda o sr. Pinto. O que ele não perdoava era a ingratidão. Era uma pessoa absolutamente cordial para com os seus pupilos. Recebia aqui toda a gente desde o Presidente da República aos operários, Convidava os alunos para se sentarem com ele à sua mesa. Nunca foi uma pessoa de vingança». O sr. Pinto falava baixo e tinha dificuldade em ouvir as perguntas e os apertes. Falava como se a memória fosse a força única daquele refeitório.

Tinha Branco Rodrigues como grande amigo o médico Gama Pinto. O sr. Pinto exprimia-se realizado. O seu professor, padrinho e amigo já tinha uma rua em Lisboa. Combatera pela ideia há 30 anos. «Com o 25 de Abril há mais facilidade» — reconhece o sr. Pinto sem denotar sinais de cansaço.



O presidente da Câmara de Lisboa esteve presente no passado sábado às cerimónias do descerramento da placa toponímica da Rua Branco Rodrigues. Ao tempo em que se homenageia o grande tiflólogo português o Instituto que ele fundou está seriamente ameaçado na sua sobrevivência.

ESCRITORES PORTUGUESES EM BRAILLE

Com a morte de Branco Rodrigues em Outubro de 1926, o ensino do instituto degradou-se. Os cegos que então saíam do instituto encontravam todas as portas fechadas. Restavam-lhes, como meio de sobrevivência, transformarem-se em músicos ambulantes. Por outro lado, acabara a época do afinador e professor de piano. Os anos 20 divulgavam a grafonola. A telefonia substituiu o piano. Só na década de 60 o instituto conseguiu vencer as barreiras impostas pelo conceito católico de caridade, da incapacidade de o cego se integrar na sociedade. Começaram então a frequentar o liceu e a estudar dactilografia. A literatura portuguesa começou a ser passada para «braille». De início, os românticos, o século XIX, a «Mensagem» de Fernando Pessoa. Nos últimos anos, a moderna literatura portuguesa. O «Hóspede de Job» e o «Delfim» de José Cardoso Pires. Existe em «braille» apenas um exemplar de cada obra na Biblioteca Nacional. Pacientemente, getos levam agora a cabo o delicado trabalho de multiplicar os exemplares. De Augusto Abelaira estão em «Braille» «A cidade das flores» e o «Bolon». De Soeiro Pereira Gomes, «Os Esteiros». Há ainda em «Braille» livros de Branquinho da Fonseca, José Gomes Ferreira, Virgílio Ferreira, Agustina Bessa Luís.

Seria o gravador, contudo, que viria possibilitar aos cegos um conhecimento mais actual da cultura portuguesa. «A Cartilha de Marialva», por exemplo, é ouvida neste momento pelos cegos em cópias de fitas que se vão multiplicando.

JOSÉ, O VIGILANTE

Já a tarde se alongava, quando foi pedido ao sr. José, o vigilante de há 33 anos, que lesse para os presentes um texto do «Jornal dos Cegos». Tinha acabado de servir aos presentes bolachas e um cálice de vinho do Porto. «Desculpem um momento; vou buscar os óculos. É que já não vejo

muito bem». Ouviu-se uma gargalhada, vinda do fundo da sala. E leu comovido, em tom monótono, um texto sobre os primeiros dias do instituto. Acabada a leitura, terminadas as palmas, pediu licença para dizer duas palavrinhas. «Estou aqui há 33 anos. Tenho isto na massa do sangue. Não deixo morrer a Escola Branco Rodrigues». Tinha a voz embargada, a pela tsnada de muitos anos ao lado do mar. E os cegos, numa agitação de copos, arrastando ruidosamente as cadeiras, de pé, gritaram o «slogan» que eu não esperava ouvir ali: «A luta continua! A luta continua!» Não havia mais de que falar. Aproximava-se o fim de um encontro que demorara a haver. Para terminar, um elemento da comissão responsável pelas comemorações do cinquentenário da morte de Branco Rodrigues pediu ao sr. Pinto que tocasse ao piano o hino do instituto. Só havia um piano na «sala grande». Vazia de móveis, com um piano ao fundo. De resto, rimas de colchões onde os retornados tinham dormido. O piano ao canto, cheio de pó e desafinado. Disse-o o sr. Pinto que, enquanto se não reuniam todos, começou a tocar o «Expedicionário». Embevecido não ouviu que lhe pediam para tocar o hino. Continuava mergulhado no «Expedicionário». De cotovelo encostado ao piano, um cego de cerca de 40 anos, chorava com um amontoado de rugas concentradas ao fundo da testa, entre as sobrancelhas.

Quando o piano deu os primeiros acordes do hino, vozes em uníssono cantaram uma letra desfasada do tempo e que eles, os cegos, na prática, hoje recusam, mas que, aliá, naquele momento, os unia como o retorno a uma memória mais leve e colectiva a um quotidiano mais solidário e igual.

Já perto da camioneta, de partida para Lisboa, nos breves mas intensos instantes foram recordados os ausentes: os que morreram e os que, vivos, não puderam estar.

Ontem, segunda-feira, começaram com a Santa Casa da Misericórdia as negociações para que o instituto sobreviva. Os cegos ainda não acabaram. Nem a sociedade que mal os vê.

SINDICATO DOS METALURGICOS DO PORTO

NÃO AO OPORTUNISMO DOS PATRÕES

O Sindicato dos Metalúrgicos do Porto avisa todos os trabalhadores da tentativa do patronato no sentido de alterar os horários de trabalho como forma de compensação dos cortes de energia eléctrica.

Alguns falam mesmo em descontar esses períodos nos salários dos trabalhadores!

A direcção do Sindicato em contacto pessoal com o Ministério do Trabalho no Porto soube que, até agora, não há qualquer directriz por parte deste Ministério no sentido de autorizar as entidades patronais a alterar os horários de trabalho, bem como o desconto do tempo de paralisação.

Aí nos informaram de que se esperava, a todo o momento, um despacho ministerial que resolvesse definitivamente a questão.

Contudo, poderemos perguntar:

— Alterar os horários de trabalho não será, para o patronato, uma maneira habilidosa de passar por cima da necessidade de fazer restrições ao consumo de energia?

É que para estes senhores o INTERESSE NACIONAL só serve se for para prejudicar os trabalhadores!

Porém estes não se deixarão enganar.

Os trabalhadores sabem que o INTERESSE NACIONAL é o interesse da maioria dos portugueses, e o interesse dessa maioria é o dos trabalhadores deste país.

NÃO SEREMOS NÓS A PAGAR A CRISE DO CAPITALISMO!

A DIRECÇÃO

PUB

SINDICATO DOS CAPITÃES, OFICIAIS PILOTOS, COMISSÁRIOS E RADIOTÉCNICOS DA MARINHA MERCANTE CONVOCATÓRIA MESA DE VOTO

Funcionará no dia 9 de Julho de 1976 (sexta-feira) uma Mesa de Voto, entre as 09.00 e as 22.30 horas, na sede deste Sindicato, na Praça de D. Luís, 9-1.º Dt.º em Lisboa.

ASSEMBLEIA GERAL

Para cumprimento do disposto na alínea 1) do Art.º 22.º dos Estatutos e alínea 1) do Art.º 4.º do Regulamento Eleitoral é convocada para as 21.00 horas de sexta-feira, 9 de Julho de 1976, uma ASSEMBLEIA GERAL, na sede do Sindicato, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto Único: Eleição dos Corpos Gerentes para o biénio 1976/78.

Lisboa, 5 de Julho de 1976

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Júlio Quintela Paixão de Almeida Dias

COMISSÃO DE OTELO DEDUZ

"Eleitorado demonstrou uma opção de esquerda"

«Os oitocentos mil portugueses que votaram em Otelo, em grande parte fugindo ao controlo e à influência de partidos como o PCP e o PS, não o fizeram por «esquerdismo», por «divisionismo», nem pelo simples carisma do candidato, mas sim pelo facto deste ter aliado ao papel histórico que desempenhou em 25 de Abril, um programa de unidade e de luta que constitui um projecto realista de saída revolucionária para a crise económica e política que o país atravessa» — diz a Comissão Nacio-

nal de Apoio à Candidatura do major Otelo Saraiva de Carvalho, num texto fazendo um balanço à campanha para as eleições presidenciais.

A Comissão sublinha os números obtidos pelo candidato, num confronto com as condições precárias em que a candidatura se concretizou: «à partida, Otelo era o candidato mais desfavorecido, não gozando das vantagens conferidas pelo desempenho de quaisquer funções no poder político e militar, antes pelo

contrário, encontrando-se na situação de reprimido por este e sendo, para além do mais, violentamente combatido, caluniado e difamado pelas mais diversas forças, graças ao controlo destas sobre os meios de comunicação social.»

A ATITUDE DO PCP

«O texto da Comissão refere-se especialmente à atitude assumida pelo PCP perante a candidatura de Otelo. «A direcção do PCP — diz — foi uma das vozes mais sonantes nesse coro agressivo; porém, a melhor resposta foi dada pelos resultados obtidos por Octávio Pato». Estes demonstram «a falência da linha política do PCP, os limites da sua técnica institucional de conciliação com a burguesia, a incapacidade de apresentar às massas uma alternativa clara, combativa e convincente — aquilo que Otelo fez através das bases programáticas que apresentou ao país. Não são os militantes e eleitores, que recusaram a directiva partidária, quem tem de fazer autocritica, mas aqueles que, considerando-se a vanguarda dos trabalhadores, insistiram em conceitos como o «voto útil», visando uma impraticável maioria de esquerda.»

UMA OPÇÃO DE ESQUERDA

É opinião da Comissão que

o eleitorado português, «apesar de todos os condicionaismos que determinam o funcionamento de tais actos em democracia burguesa, demonstrou, mais uma vez e de forma ainda mais acentuada, a sua opção de esquerda». A Comissão conta o milhão de votos que «fugiram» dos partidos apoiantes de Eanes «grande parte dos quais vindos do PS» e «exprimindo, desta maneira, a resistência de largas camadas de militantes e eleitores desse partido às manobras de gabinete que o levaram a apoiar o candidato eleito.»

Referindo-se a Eanes, o texto critica severamente as posições que ele tem sustentado em afirmações feitas.

O FUTURO

Uma análise sucinta da situação actual e das perspectivas que se levantam levam a Comissão a inflectir que «temos de nos preparar para novos combates, contando com a força dos resultados obtidos agora, mas também conscientes da grave responsabilidade contraída por todos aqueles que apoiaram Otelo». Sobre «as vitórias obtidas nesta campanha», diz o texto: elas «abrem condições para resistir organizadamente à tentativa de reconstrução do capitalismo e à ameaça fascista.» Mais: «Constituem um passo de extraordinária importância na luta pelo socialismo.»

Spínola tem na P.J.M. um auto de corpo de delito

«Círculos próximos do ex-general Spínola, no Rio de Janeiro, segundo noticia a France Presse, anunciavam no sábado que o antigo Presidente da República chegará a Portugal logo após a entrada em funções do general Ramalho Eanes.»

Spínola, como se sabe, fugiu de Portugal após o abortado golpe de 11 de Março, levando para Espanha dois helicópteros e diverso armamento, material que mais tarde foi devolvido pelas autoridades espanholas às Forças Armadas Portuguesas. Exilado no Brasil, após uma viagem recheada de incidentes deixou aquele país em 8 de Janeiro de 1976 e esteve sucessivamente em Madrid e Paris, onde as autoridades lhe recusaram asilo político. Tentou fixar-se em Genebra mas as autoridades suíças expulsaram-no em 9 de Abril último por ter violado as leis que regulamentam a permanência de estrangeiros, ao envolver-se em actividades políticas, denunciadas pelo jornalista alemão Waltraff, através de um artigo que provocou grande polémica mas cuja veracidade o Governo suíço terá confirmado ao decidir a expulsão de Spínola que voltou de novo ao Brasil.

Em certos meios, as frequentes notícias sobre o eventual regresso de Spínola a Portugal são encaradas como uma espécie de «balões de ensaio» destinadas a averiguar da receptividade das autoridades militares e da opinião pública. Esta tem manifestado um qua-

se total alheamento perante tais notícias.

Quanto às autoridades militares já algumas se pronunciaram. Vasco Lourenço disse por diversas vezes que se o ex-general Spínola entrar será preso porque existem acusações contra ele. Também o general Ramalho Eanes, interrogado mais do que uma vez no decorrer de conferências de imprensa, tem-se pronunciado em termos semelhantes remetendo a resolução desse problema para as autoridades competentes: Polícia Judiciária Militar e tribunais.

Sabe-se que os processos relativos ao 11 de Março estavam a cargo de um Tribunal Militar Revolucionário mas passaram depois para a Polícia Judiciária Militar. Alguns estavam praticamente prontos e foram remetidos para o tribunal. Não é, no entanto, o caso de Spínola.

Contactada ontem a Polícia Judiciária Militar fomos informados que António de Spínola «tem um auto de corpo de delito pendente».

Uma vez que parece haver um mandado de captura antigo contra o ex-general caso este se apresente na fronteira, deverá ser detido pelas autoridades competentes e entregue à P. J. M., que decidirá em função das acusações que contra ele impendem.

Militares que entraram no País em circunstâncias idênticas aguardam agora em liberdade o julgamento.

P.J.M. desmente que tenha impedido Otelo de falar

«O major Otelo Saraiva de Carvalho não foi impedido por estes serviços de prestar quaisquer declarações ou participar em reuniões públicas» — disse à ANOP uma fonte próxima da P. J. M., Polícia Judiciária Militar. A informação desmente outra anteriormente dada por elementos ligados à candidatura do ex-comandante do extinto Copcon durante uma conferência de imprensa dada no domingo à noite em Lisboa na sequência duma reunião de GDUP's, Grupos Dinamizadores de Unidade Popular. Otelo, que participara na reunião (reservada aos «grupos») não esteve presente na conferência de imprensa. A justificar a sua ausência, um dos conferentes disse que Otelo tinha sido impedido pelo E. M. E.

Nos termos da lei — disse ainda à ANOP o mesmo informador — «só depois da proclamação do Presidente da República é que voltam as limitações decorrentes do processo que contra o major Otelo foi instaurado. Quando termi-

nar a imunidade devido à sua candidatura à Presidência da República, é provável que o major Otelo volte às condições em que se encontrava, isto é, de liberdade condicional».

Na situação de liberdade condicional, a que, entretanto e com a proclamação do general Ramalho Eanes como P. R., voltou desde hoje, Otelo, não pode, senão superior e excepcionalmente autorizado, falar à imprensa, participar em sessões públicas, ou ausentar-se de Lisboa.

DIRIGENTES DO P. R. P.

Dois dirigentes do P. R. P., Isabel do Carmo e Carlos Antunes, foram ontem de novo interrogados na P. J. M. Trata-se do quarto interrogatório a que foram sujeitos depois de 25 de Novembro do ano passado. Questão em suspenso: o desvio de armas praticado no ano passado pelo capitão Fernandes, segundo uma local publicada na edição de hoje do quotidiano «Página Um».

EXISTÊNCIA DE 3 ESTABELECIMENTOS MOBÍLIAS, MÓVEIS SOLTOS, ESTOFOS

modernos e de estilo, adornos, carpetes, loiças, vidros, quadros, etc.

ELECTRODOMÉSTICOS

Máqs. lavar loiça e roupa, frigoríficos, T. V., rádios, fogões, esquentadores, etc., etc.

CONFECCÕES, PRONTO-A-VESTIR

p.º homem, senhora e criança, em grs. e pas. quantidades destinadas a feirantes, comerciantes e particulares.

ARTIGO NOVO — IMPORTANTE

LEILÃO

Por motivo de encerramento, concentrámos no n.º amplo salão refrigerado, para venda pela maior oferta

HOJE E AMANHÃ, DAS 15 AS 19 HORAS
AV. CASAL RIBEIRO, 17 — LISBOA

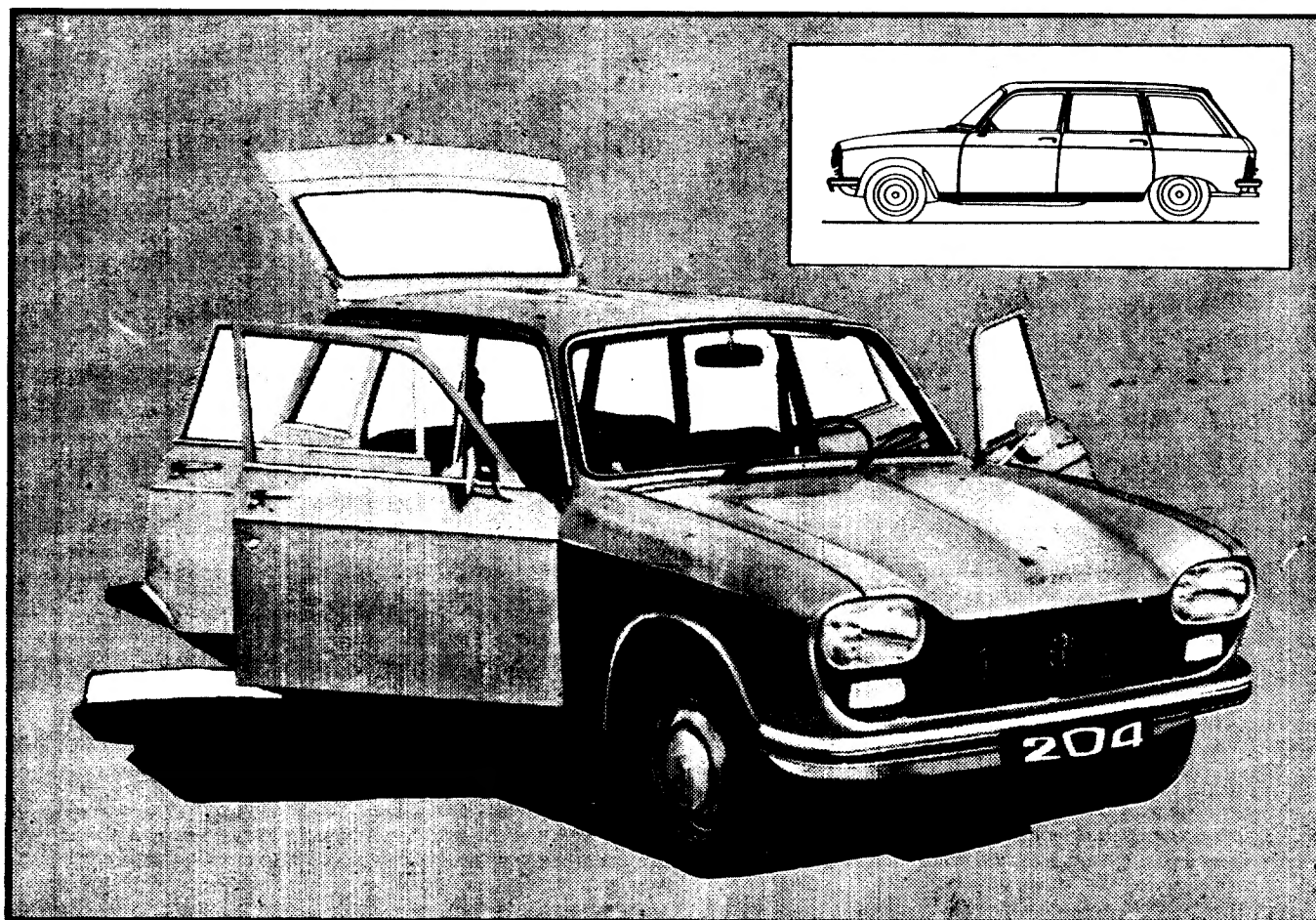
E ENORME VARIEDADE DE ARTIGOS INDISCRIMINÁVEIS. PRESENTES AO ACTO DO LEILÃO.



SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ Nº1
TELF. P.P.C. (5 Linhas)
35229 - 35148 - 4.018/9

AFRAFILHOS, Lda

PEUGEOT 204



**BREAK DIESEL • 6 LITROS DE GASÓLEO/100 Kms
1500 Dm³ DE CARGA**

MOCAR S.A.R.L

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

R. do Conde de Redondo, 60-2.º, 3.º, 4.º, 5.º — T. 535437-555571-40003 — Lisboa
Comunicado 77

A DIRECÇÃO DO SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL APELA PARA QUE TODOS OS TRABALHADORES SEUS REPRESENTANTES NÃO VÃO EM MANOBRAS GOLPISTAS DOS PATRÕES EXPLORADORES E NÃO FAÇAM MAIS HORAS DO QUE AS ESTABELECIDAS NOS SEUS C.C.T.'s E AINDA NÃO SE DEIXEM ENROLAR POR ESSES PATRÕES, POIS O TEMPO PERDIDO PELAS PARALIZAÇÕES (motivadas pelos cortes diários de energia eléctrica) TEM CUSTE O QUE CUSTAR QUE SER PAGO PELOS PATRÕES, CONFORME O ESTIPULADO PELO C.C.T.

Somos pela poupança energética, se acaso fôr provado que tal é necessário, mas teremos que ser consultados tal como os CAPITALISTAS o são! Para em conjunto nós trabalhadores possamos dar a nossa contribuição válida, mas não em sistema de recuperação capitalista, mas de modo a que a ECONOMIA seja salva em direcção a uma SOCIEDADE SOCIALISTA (conforme a nossa CONSTITUIÇÃO aponta).

POR FIM A DIRECÇÃO DO SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL CHAMA A ATENÇÃO DE TODOS OS DELEGADOS SINDICAIS PARA QUE SE MANTENHAM NOS PRÓXIMOS DIAS EM CONSTANTE LIGAÇÃO COM O SINDICATO, A FIM DE MANTEREM TODOS OS TRABALHADORES INFORMADOS DO QUE SE VAI PASSANDO NAS FÁBRICAS, NAS OFICINAS E ONDE QUER QUE ELES SE ENCONTREM. APELA-SE AINDA AOS TRABALHADORES QUE DENUNCIEM QUALQUER MANOBRAS QUE OS PATRÕES OU SEUS ACÓLITOS FAÇAM NO SENTIDO DE ALTERAREM HORÁRIOS DE TRABALHO!

Os trabalhadores têxteis não se podem alhear de uma realidade e que é aquela que todos os dias ouvem na Imprensa diária, quer falada quer escrita: O SETOR TÊXTIL ESTÁ EM CRISE. PERGUNTA-SE:

O QUE É QUE VAI ACONTECER AO SECTOR COM ESTES CORTES DE ENERGIA? CONTRA A RECUPERAÇÃO CAPITALISTA A CUSTA DOS TRABALHADORES! CONTRA O DESEMPREGO, PELO DIREITO AO TRABALHO! PELA DEFESA DOS SINDICATOS E ÓRGÃOS DE PODER POPULAR! CONTRA O TERRORISMO FASCISTA — UNIDADE POPULAR! A LUTA CONTINUA!

OS NOSSOS PROBLEMAS SÃO OS MESMOS DE TODOS OS TRABALHADORES: SÓ UNIDOS E ORGANIZADOS OS RESOLVEREMOS!

Lisboa, 5 de Julho de 1976

PELA DIRECÇÃO

EXCURSÕES CP

• ANO SANTO — SANTIAGO DE COMPOSTELA

Os monumentos seculares e a história cristã de Santiago; visitas a Vigo, La Toja, Pontevedra e Corunha.

Julho: 1 a 4 e 31 a 3 Agosto

De Lisboa 2.650\$00 Coimbra 2.350\$00 Porto 1.930\$00

• ANDALUZIA — COSTA DO SOL

A castiça Sevilha; a milenária Cadiz; a paisagem brumosa de Gibraltar; as famosas cidades turísticas de Marbella e Torremolinos; Málaga; Granada...

Julho: 3 a 9 e 31 a 6 Agosto

Lisboa 4.350\$00 Coimbra 4.750\$00 Porto 4.950\$00

• CASTRO LABOREIRO — PENEDA

Braga; Bom Jesus; Monção; Melgaço; e o imponente Santuário da Sr.ª da Peneda — um milagre e um mistério no silêncio dos temerários desfiladeiros da Serra... E ceia minhota e festa em quinta dos arredores de Viana.

Julho: 3/4/5 e 17 18/19

Lisboa 2.200\$00 Coimbra 1.900\$00 Porto 1.550\$00

• BEIRA ALTA — LORIGA

Aloj. na Urgeirica; passeio a Loriga e aos seus miradouros, nas entranhas da «Estrela»; e visita a Viseu (Museu Grão Vasco e Sé).

Julho: 3/4 — 17/18 e 31 1 Agosto

Lisboa 1.150 Santarém/Tomar 1.050\$00 Porto 1.100\$00

• SERRA DO GERÊS

Barragens da Caniçada e de Vilarinho das Furnas; Caldas do Gerês e Caldelas; e ceia minhota e festa em quinta dos arredores de Viana.

Julho: 10/11 — 24/25 e 31/1 Agosto

Lisboa 1.590\$00 Coimbra 1.290\$00 Porto 950\$00

• CARAMULO E VALE DO VOUGA

Aloj. na Urgeirica; passeio à Serra do Caramulo e visita ao Museu do Automóvel.

Julho: 10/11 e 24/25

Lisboa 1.150\$00 Santarém/Tomar 1.050\$00 Porto 1.100\$00

CONSULTE TAMBÉM O NOSSO SUGESTIVO PROGRAMA DE FÉRIAS NO MINHO E NA BEIRA ALTA (URGEIRICA)

Distribuição de desdobráveis:

LISBOA — Secção de Informações das estações do Rossio e Santa Apolónia

PORTO — Secção de Informações da estação de S. Bento

Informações/inscrições/reservas:

LISBOA — EGT — RUA DO ARSENAL, 124 — T. 367529

PORTO — EGT — RUA JUSTINO TEIXEIRA, 469 — T. 57061

Nacional

Concentrado de tomate está em situação difícil

A indústria do concentrado de tomate está a atravessar o período mais difícil da sua história, diz-se no relatório da empresa Sulei, que emprega permanentemente 47 trabalhadores e contratou mais 1700 durante a campanha fada. Esta empresa obteve o ano passado um dos melhores resultados de produção de sempre, em particular pelo facto da elaboração da fábrica não ter sido prejudicada por conflitos de trabalho, segundo a Anop.

O relatório da Sulei salienta o desagrado da indústria pelo elevado preço que teria sido fixado para o tomate destinado à indústria, assim como os al-

tos custos obtidos na produção do concentrado.

Só a abertura de novos mercados externos para a comercialização de concentrado de tomate poderá obstar à crise que atravessam as empresas do sector, dada a importância da produção.

Depois de um ano (1975) particularmente desfavorável às firmas que se dedicam à produção de concentrado de tomate, devido não só à paralisação das exportações como à própria recessão económica mundial, só a resolução das dificuldades que têm sido postas por países do Mercado Comum, nossos clientes tradicio-

nais, e um incremento de trocas comerciais com os países do Terceiro Mundo, designadamente os do continente africano, conduzirão a indústria, de que depende também grande parte da produção agrícola, a posição idêntica à dos anos anteriores.

Estes objectivos serão, no entanto, muito difíceis de atingir nos próximos tempos, dada a recessão económica mundial e a concorrência cada vez maior no mercado internacional do concentrado de tomate, onde os países do Norte de África, a Espanha e a Itália, nomeadamente, detêm posições muito fortes.

Setenave vai reparar navios-tanques romenos

Acaba de ser assinado entre a Setenave e a empresa estatal romena Contransimex, com sede em Bucareste, um importante contrato pelo qual o estaleiro português fica encarregado da reparação de navios-tanques.

Numa primeira fase, estão previstas, já para este mês, as reparações do «Dacia» e do «Munténia», e para Dezembro do «Crisana». Pertencentes ao mesmo tipo, estes três navios-tanques deslocam 85.000 toneladas cada um.

A assinatura do contrato reveste-se do maior interesse pa-

ra a Setenave, principalmente por duas razões: a primeira deve-se ao facto de ser o primeiro acordo entre este estaleiro e um país socialista; em segundo lugar, o presente contrato pode significar uma real abertura ao nosso mercado de trabalho, além de ser uma confirmação da boa imagem externa de que goza a Setenave.

Igualmente, a assinatura do contrato pode ser encarada como um dos primeiros resultados práticos da visita efectuada pelo presidente Ceausescu no ano passado a Portugal. Na ocasião a Setenave fez parte

do roteiro oficial do presidente romeno, tendo Ceausescu sido recebido entusiasticamente pelos trabalhadores do estaleiro.

O contrato foi firmado em Bucareste, com a presença dos eng.ºs Marques do Carmo e Leite, respectivamente, administrador comercial e director comercial pela Setenave. É de prever que as reparações no «Dacia», no «Munténia» e no «Crisana» sejam as primeiras de uma série de encomendas e trabalhos adjudicados à Setenave, não só pela Romênia como por outros países do bloco socialista europeu.

Accionistas de empresas nacionalizadas serão indemnizados com títulos do Tesouro

No decorrer duma entrevista concedida ao programa «Economia» da Radiodifusão Portuguesa, o secretário de Estado do Tesouro, Santos Silva, permitiu que se anteviesse a forma

como vai ser regulamentada a indemnização a pagar pelo Estado aos accionistas das empresas privadas nacionalizadas.

A exposição do secretário

de Estado dividiu-se em duas partes, uma referente ao funcionamento das instituições bancárias que disse terem-se reequilibrado a partir de Janeiro, com a entrada de «técnicos competentes» para as comissões de gestão e outra referente às indemnizações a pagar aos accionistas da Torralta e das outras empresas nacionalizadas.

De acordo com um relatório já entregue ao Conselho da Revolução, as indemnizações serão universais, isto é, todos terão direito a ser indemnizados, mas nem todos o serão da mesma forma, já que os juros e os prazos serão diferentes para os pequenos, médios e grandes accionistas.

A fim de se conseguir o objectivo proposto, as empresas vão ser estudadas para se determinar o montante a pagar aos seus accionistas admitindo-se que os pequenos accionistas recebam indemnizações situadas entre os cinquenta e os cento e cinquenta contos.

No que se refere à racionalização dos direitos dos titulares de participações no Fundo de Investimento para o Desenvolvimento Económico e Social (F. I. D. E. S.) e no Fundo de Investimento Atlântico, (F. I. A.) as indemnizações, feitas na base respectivamente de 314\$00 e de 435\$00 por unidades, serão feitas pela entrega de obrigações do Tesouro com um prazo normal de 7 anos, que vencerão um juro de 10 por cento.

No que se refere às obrigações da Torralta, os accionistas desta empresa receberam entre 1976 e 1978, um juro de 6 por cento, e, a partir de 1978, um juro de 10 por cento. Os clientes daquela empresa, que tenham pago «sinais» receberão, até 1978, um juro também de 6 por cento pelas quantias que tenham entregue.

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO, URBANISMO E CONSTRUÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA HABITAÇÃO E URBANISMO

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA N.º 3/76 DE «ARRANJOS EXTERIORES — ESPAÇOS VERDES DO A. C. E. DAS CALDAS DA RAINHA»

1. Preço base 962 053\$00
Caução provisória 24 051\$00
Prazo de execução 90 dias

2. Alvará exigido
— V categoria — Obras de Urbanização e 6.ª Subcategoria da V Categoria, Classe e Subclasse correspondente ao valor da proposta apresentada.

3. Data, hora, limite e local para entrega das propostas.
Até às 17 horas do dia 2 de Agosto de 1976, no Fundo de Fomento da Habitação / Secção de Expediente Técnico, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 5, 2.º andar, Lisboa.

4. Local, dia e hora do acto público do Concurso.
No mesmo edifício, 88.º andar, pelas 15.00 h do dia 3 de Agosto de 1976.

5. Local e horário para exame do processo.
No mesmo edifício, 8.º andar, pelas 15.00 h mais de expediente.

Fundo de Fomento da Habitação, em 2 de Julho de 1976

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS DE OBRAS
Serafim de Oliveira
Engenheiro

Trabalho

HOTELEIROS HOJE NA RUA

Ministério pressiona patrões

«Embora a nota ontem divulgada pelo Ministério do Trabalho nos pareça, na letra, mais uma chegada para a solução de um conflito que se arrasta há meses, continuamos a aguardar que, no espírito, ela se transforme na solução desejada, isto é na assinatura do novo contrato colectivo vertical, contrato cujas negociações têm contado com sistemático boicote das entidades patronais. É por esta razão que se mantêm as convocatórias para as concentrações a realizar na tarde de hoje em frente ao referido Ministério, em Lisboa, às delegações do M.T. nas capitais de distrito». Esta é a informação que colhemos junto da direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul.

Em notícia publicada ontem nesta mesma página demos

conta de um certo sentido de ambiguidade no comportamento do Ministério do Trabalho, na opinião dos sindicatos, relativamente ao modo como se tem processado o processo de negociação do novo contrato colectivo do sector. Essa ambiguidade poderá ter sido de certo modo ultrapassado pela nota ontem tornada pública e que transcrevemos na íntegra:

«As entidades patronais privadas do sector hoteleiro têm-se recusado sistematicamente a iniciar negociações referentes ao respectivo contrato colectivo de trabalho vertical que se encontra na base de conciliação pedida pelos sindicatos.

«O Ministério do Trabalho e a Subsecretaria de Estado do Turismo têm vindo a desenvolver todos os esforços no sentido de conseguir trazer a negociação aquelas entidades pa-

tronais, com o intuito de possibilitar uma solução acordada para o problema.

«Na continuação destas diligências vão ser convocadas, mais uma vez, as associações patronais para uma reunião com os sindicatos no próximo dia 8 de Julho, pelas 15 horas.

«Caso se continue a verificar a ausência daquelas associações, o Ministério do Trabalho, com a concordância do Ministério do Comércio Externo e Turismo, está na disposição de:

«1 — Convocar as empresas hoteleiras estatizadas, bem como as privadas — que estejam dispostas a negociar para, em conjunto com os sindicatos, procederem ao início das negociações.

«2 — Promover a extensão de regulamentação jurídica resultante do acordo decorrente de tais negociações a todas as restantes empresas hoteleiras.

«3 — Quanto ao ramo de restaurantes e similares, caso as respectivas entidades patronais se recusem a participar nas negociações, serão objecto de regulamentação por via administrativa, em termos a definir de acordo com o estudo específico que se vai efectuar.

Nestes termos, o Ministério do Trabalho considera que se encontram criadas as condições necessárias para garantir, a curto prazo, uma adequada regulamentação colectiva de trabalho para o sector.

Entretanto conforme nos sugerem as declarações da entidade sindical que entrevistámos ao fim da manhã, não terá sido estranha a esta tomada de posição do Ministério do Trabalho a «conjuntura estival», com toda a carga ligada ao sector turístico. Por outras palavras, o Ministério do Comércio Externo não terá sido estranho à tomada de posição expressa na nota que transcrevemos.

O facto de as concentrações da tarde de hoje se manterem resulta, concretamente, confor-

SINES

Paralisação suspensa

Os trabalhadores do complexo de Sines que ontem paralisaram durante três horas por solidariedade com os membros da comissão de trabalhadores e dos delegados sindicais da firma «Tomás de Oliveira», despedidos, suspenderam «sine die» a paralisação, por estar em curso no Ministério do Trabalho um inquérito sobre o caso.

Segundo a União Sindical de Sines, o Ministério deverá dar hoje uma resposta fundamentada no inquérito.

FERREIRA E REIS

Reintegração quando?

O Ministério do Trabalho está a proceder a diligências, através da delegação de Braga, para reintegrar as 16 operárias suspensas compulsivamente da fábrica têxtil de Fimalicão, Ferreira e Reis, já há alguns meses. O patrão foi notificado da decisão governamental, e apesar de ter afirmado na delegação do M. T. que não se opunha à reintegração, declarou aos trabalhadores no activo que «se elas entrarem fecho a fábrica».

me nos foi afirmado, da disposição dos trabalhadores de tornarem nítida a sua posição ante a continuada ausência das associações patronais aos encontros (já vão cinco) apurados para o Ministério do Trabalho. «Nós não podemos permitir que esta situação se mantenha. Vamos obrigar as associações patronais a negociar» — lê-se no texto de convocatória subscrito pela generalidade dos sindicatos ligados à hotelaria do Norte, Sul e Ilhas Adjacentes.

“Greve dos passaportes” pode agravar-se

— manifestação esta tarde em Lisboa

Os trabalhadores das agências de viagem de Lisboa concentram-se esta tarde na Praça dos Restauradores, seguindo para o Terreiro do Paço, onde fazem uma manifestação junto ao Ministério das Finanças. No caso do ministro Salgado Zenha os não receber até amanhã, aqueles trabalhadores porão em prática outra das medidas deliberadas em plenário para revogação da portaria dos sete mil escudos, ou seja, impedirão a partir de amanhã, a saída do País de qualquer membro do Governo e respectiva comitiva. Entretanto, a «greve dos passaportes» começou ontem em Lisboa, registando uma adesão de 90 por cento. A

Rodoviários de Setúbal exigem retroactivos

Os trabalhadores rodoviários do distrito de Setúbal decidiram diligenciar junto do Ministério do Trabalho para que este promova, até ao próximo dia 15, o cumprimento da «portaria dos rodoviários», especialmente no que respeita a retroactivos salariais, horário de trabalho, e refeições.

Segundo informa o respectivo sindicato, «as entidades patronais e o próprio Governo têm feito sucessivas fugas ao cumprimento integral da portaria, apesar das sucessivas diligências efectuadas». A ques-

tão da retroactividade — segundo os trabalhadores — nem sequer admite segunda interpretação, pois a portaria em causa «é clara como água» ao afirmar que os seus efeitos se produzem a partir de 6/6/75.

Acrescenta o Sindicato: «Os trabalhadores têm o direito e o dever de exigir do Governo que cumpra as leis do trabalho, pois caso se instale (como se está a instalar) o desrespeito pelas leis do trabalho por parte do patronato, todas as conquistas dos trabalhadores neste campo serão espezinhadas.»

Ourives do Norte continuam em greve

Continuam em greve de zelo desde o dia 28 de Junho, os trabalhadores de ourivesaria e relojoaria do Norte, em luta por melhores condições salariais.

A reunião de ontem à noite da associação patronal, que era dada como decisiva para a solução do conflito, nada avançou, mantendo-se portanto o impasse.

Com efeito, apesar da direcção da associação se mostrar receptiva a nova nego-

ciação, o patronato reunido em assembleia decidiu manter a contraproposta já apresentada ao Sindicato.

A diferença que opõe o organismo sindical ao patronato é de mil escudos para os trabalhadores dos escalões superiores às terceiras categorias.

Esta manhã ainda não era conhecida qualquer decisão do Sindicato relativamente à posição patronal.

Ex-militares desempregados explicam razões da ocupação da Radiodifusão em Bragança

Cerca de trinta elementos da Associação de Ex-Militares Desempregados ocuparam, ontem, durante hora e meia, as instalações do emissor da Radiodifusão Portuguesa, em Bragança, procurando, por esta

forma, chamar a atenção para a situação em que se encontram, dado que são, como já o afirmaram, «cerca de 40 por cento do total de desempregados do País».

Durante a ocupação — que terminou por volta das 20 horas, devido à intervenção de forças da G. N. R. — o emissor transmitiu programação especial, não se tendo registado incidentes.

Entretanto, em comunicado enviado aos jornais, a Associação de Ex-Militares Desempregados alerta a opinião pública das razões da sua luta, ao mesmo tempo que exige das entidades governamentais uma resposta ao seu caderno reivindicativo. E afirma: «As razões da nossa luta são a luta pelo direito ao trabalho em igualdade com os outros desempregados, pelo fim das discriminações existentes na atribuição de postos de trabalho, pelo fim do pluriemprego, «part-time» e das agências de trabalho particulares que permitem manter mais trabalhadores no desemprego, pelo reconhecimento do estatuto de desempregado aos ex-militares desempregados, pois nem desempregados somos considerados, pelo direito à assistência médico-medicaamentosa gratuita, pelo direito ao abono de família para aqueles com encargos familiares, e lutamos decididamente por uma política nacional de emprego que vise acabar com os milhares de desempregados que existem neste País.»

Constituído o Sindicato Agrícola de Vila Real

«Que o 25 de Abril de 1974 também reconheça a existência do sector agrícola e que leis justas e realistas sejam imediatamente publicadas em defesa deste sector laboral, o que aliás está dito na Constituição da República» — exige o recém-criado Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Vila Real, constituído no domingo através de uma maciça resposta dos assalariados agrícolas da região. Foram cerca de mil trabalhadores a depositar o seu voto, na urna instalada na Casa do Douro, na Régua.

Num comunicado distribuído, o novo Sindicato regista a solidariedade dos trabalhadores e organizações sindicais de outros sectores e a colaboração da União Sindical de Vila Real e da USP4intersindical, apelando para os trabalhadores que ainda não se inscreveram, no sentido de o fazerem em Vila Real (delegação) ou na Régua (sede).

C.T. da C.T.M. CONTRA TERRORISMO

Cumpre aplicar sanções drásticas

«É tempo dos responsáveis porem em prática o que neste sentido afirmam constantemente, demonstrando assim que a dita afirmação é real e não pura demagogia; assim, não chega dizer acabaremos com as acções terroristas venham elas de onde vierem. Cumpre, sim, apurar responsabilidades e, face às mesmas, aplicar sanções drásticas aos energúmenos que praticam actos criminosos e terroristas deste género.»

A afirmação pertence à Comissão de Trabalhadores e delegados sindicais da Companhia Portuguesa de Transportes Marítimos (C. T. M.), e enquadrar-se nas posições de repúdio pelo atentado bombista à Intersindical, que os trabalhadores continuam a tomar.

Na moção aprovada pelos órgãos representativos da C. T. M. lembra-se que o atentado ocorre no momento «em que os trabalhadores portugueses organizam em conjunto com a central única, Intersindical, o Congresso Nacional dos Sindicatos, reunindo todos os filiados ou não na Inter, com o fim de defender a unidade de todos os trabalhadores e contrariar o pretendido pelas forças reacçãoárias, que é a divisão para atingir a criação de várias centrais sindicais de orientação partidária». E acrescenta-se: «Prevendo essas forças reacçãoárias o sucesso do Congresso, de onde poderá sair uma Central Sindical Única fortemente democrática, e reunindo todos os sindicatos portugueses, usam o mais torpe dos argumentos, utilizando

cobardemente um engenho explosivo.»

A nota dominante das manifestações de repúdio pelo atentado contra a Inter — comunicados sindicais, moções aprovadas pelos trabalhadores durante a paralisação de sexta-feira, etc. — aponta para a passividade dos poderes públicos perante a escalada terrorista no nosso país. Ao movimento generalizado de solidariedade com a Inter juntaram-se inclusivamente sindicatos que nela se não filiaram, ou dela se desvincularam — é o caso, por exemplo, do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito do Porto.

O Secretariado da Intersindical fará na próxima quinta-feira o balanço da «firme resposta dos trabalhadores ao atentado bombista», durante uma conferência de Imprensa. Outro tema a focar: «o ataque terrorista contra o movimento sindical como arma de recuperação capitalista.»

CONFECÇÕES FÉLIX

Férias sem subsídio

Nas fábricas de Confecções Félix, na Póvoa de Varzim e Casa David (Porto) as entidades patronais não pagaram os subsídios de férias aos seus operários.

A Fábrica Félix são cerca de 80 trabalhadores que entraram ontem em férias sem subsídio e apenas com 15 dias de vencimento. O patrão alega que a banca não lhe «desconta». Esta tarde na delegação do M.T. está marcada uma reunião com um grupo de trabalhadores eleito e a entidade patronal.

Também na Casa David, situada na rua de Santa Catari-

na, no Porto, os trabalhadores lutam pelo subsídio de férias a que têm direito. Deviam ter entrado ontem em férias mas, ao saberem antecipadamente da disposição patronal, decidiram apresentar-se já na sexta-feira passada, no estabelecimento de venda ao público da mesma firma como forma de hressionar o patrão ao cumprimento do contrato. São cerca de meia centena de trabalhadores.

O Sindicato de Vestuário do Porto faz diligências para a satisfação dos subsídios a que os operários têm direito.

Nacional

O PROBLEMA DA ÁGUA

Lisboa não morrerá de mas pode haver racionamento

• Texto

A água não faltará em Lisboa e arredores, pelo menos em termos que justifiquem qualquer onda de alarmismo. No entanto, as deficiências do sistema de captação e transporte, que se vinham acentuando desde há anos durante a vigência do regime Salazar-Marcelo, não puderam ser superadas totalmente. Isto quer dizer: primeiro, que aos serviços competentes vai ser impossível manter um fornecimento normal ao vasto aglomerado urbano da zona em referência; segundo, que além disso esses serviços não poderão evitar algo de mais preocupante: os cortes parciais no fornecimento que terão lugar a partir desta semana. As causas de tais cortes estão muito ligadas às restrições de energia eléctrica propostas para a mesma data.

Quem olhar num mapa a distribuição hidrográfica da zona em que se inserem os limites do distrito de Lisboa, dirá para com os seus botões: «Oral Água é o que não falta!» O líquido braço do Tejo, por exemplo, com o seu impressionante volume mesmo à beirinha da capital, é uma garantia tranquilizante. O pior, porém, é que tão aliciante garantia está hipotecada: a água do Tejo de aqui de ao pé da porta, não poderá, por enquanto, ser aproveitada, nem sequer para regas — quanto mais para beber. As percentagens de salinidade são de tal ordem que esta água não só mataria as

e densa em população. Todavia, e a partir de 1982, data em que se prevê estarem terminadas as grandes obras de reforço do sistema, o fornecimento de água a Lisboa deixará de ser um quebra-cabeças. É um optimismo para o futuro — que dificilmente fará esquecer as privações do presente. Mas este presente, não o esqueçamos, foi forjado há dezenas de anos.

Entretanto e até lá (até 1982) a E. P. A. L. diz-nos: se não soubermos poupar água, corremos o risco, não de morrer à sede (porque a água indispensável para beber sempre haverá), mas de ficarmos subita-

res do antigo regime gostavam loucamente de adiar os problemas e as suas soluções. Vejamos o que se passou, em termos de adiamento, com o futuro das águas de Lisboa no «tempo da outra senhora»:

Em 1949 foi definida uma orientação quanto à forma de como se deveriam encaminhar os estudos e as obras indispensáveis (já então assim consideradas) ao reforço do abastecimento de água a Lisboa, tendo-se, com esse fim, construído uma torre de tomada de água na Albufeira do Castelo do Bode. Em 1962 (isto é, apenas 13 anos mais tarde), con-

As águas de Lisboa não deu, praticamente, cumprimento ao plano, salvo no que respeita à ampliação da captação Tejo-Valada. Surgiu assim a necessidade de alterar o plano, tendo-se concluído, passados dez anos (em 1972, portanto), a «Revisão e Actualização do Plano Geral», do qual não houve concretização de quaisquer trabalhos relativos às grandes obras de reforço a longo prazo, mas apenas a elaboração de pareceres.

Trabalhava-se muito de gabinete e com a pachorra perspectiva de que é melhor guardar para amanhã o que há que fazer. E foram os que vieram

do as condições de suficiência quantitativa do sistema, até à entrada em serviço das grandes obras de reforço.

O FUTURO VERDADEIRAMENTE

Mas o futuro vem aí e torna-se necessário fazer-lhe frente com toda a gama de recursos possíveis e uma serenidade realista. O programa de ampliações imediatas, ainda segundo os técnicos da EPAL, apoia-se basicamente no aumento dos volumes de água captados no Tejo, em Valada, e compreende o conjunto de obras que é consequência desta orientação de base, e que trata de obras e estudos de captação, tratamento, transporte e distribuição. Pelo que deste programa já foi realizado desde 1974, tornou-se possível minorar alguns dos males causados pela anterior estagnação de processos, permitindo mesmo várias soluções que, de momento, salvam a população da capital e arredores de aborrecimentos maiores. Deste modo, verifica-se que foi elevado de 120 milhões de litros por dia para 200 milhões de litros, o volume de captação em Valada-Tejo, prevendo-se que até aos fins do corrente mês este volume atinja os 240 milhões de litros por dia. Ampliou-se ainda a estação de tratamento das águas do Tejo em Vale da Pedra (mais 80 milhões de litros por dia), com uma segunda fase em vias de conclusão e que permitirá o tratamento de mais 40 milhões de litros. Também muito em breve o total de litros por dia tratados aqui atingirá os 240 milhões, ou seja, o dobro da produção de 1974. Tanto em Valada-Tejo, como em Vale da Pedra, vão ser instalados grupos de electrobombas para aumentar as capacidades de captação até se atingir os 250 milhões de litros-dia, com mais 50 milhões de litros em reserva.

O ANDAMENTO DAS OBRAS

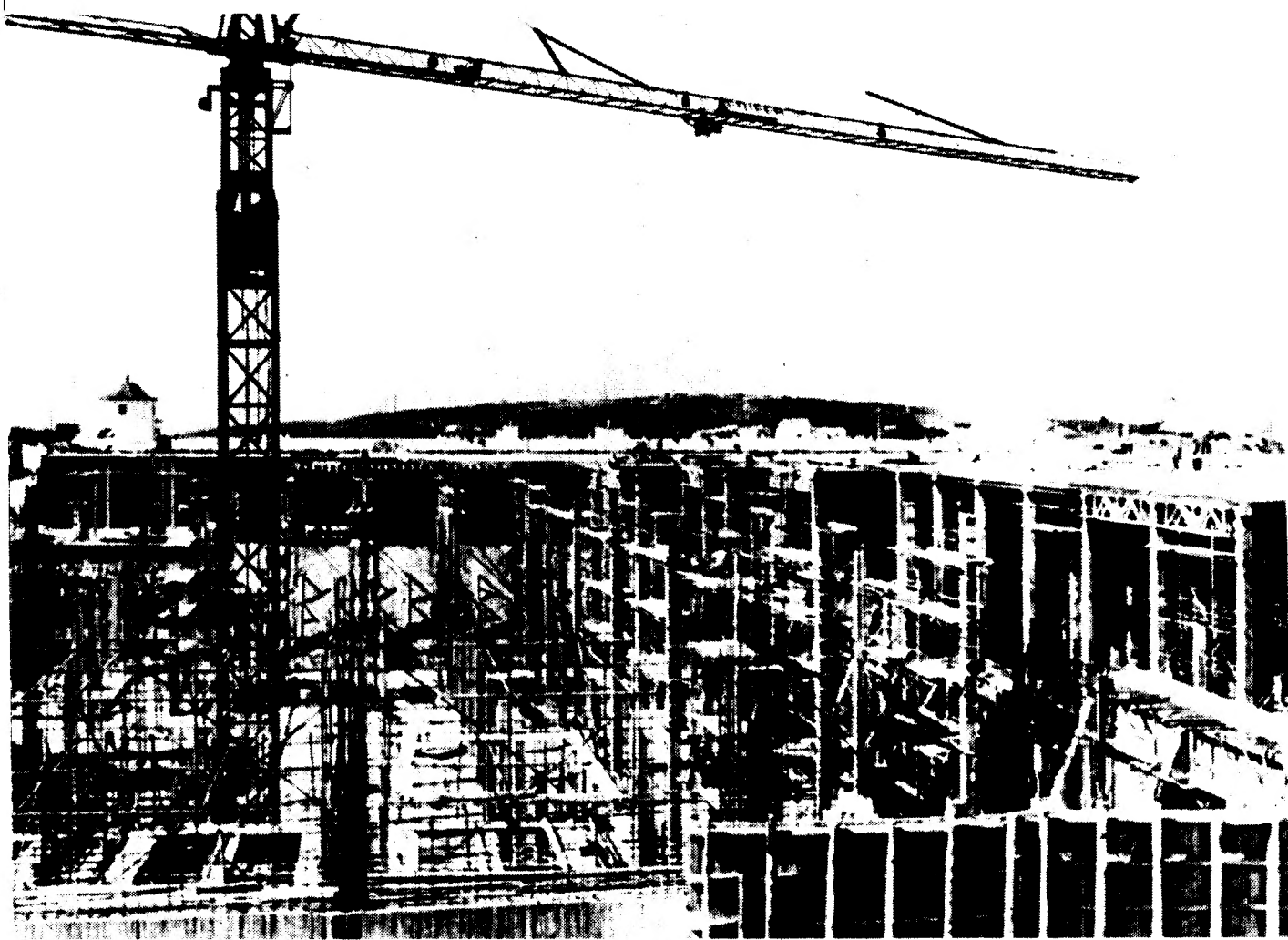
Paralelamente a estas obras construiu-se uma nova conduta de betão que duplica o transporte de água do rio desde Valada-Tejo à estação de Vale da Pedra, numa extensão de quase cinco quilómetros. Ainda no que se refere à ampliação de captações foram construídos e equipados com grupos elevatórios dois novos pcos em Valada I, concluindo o equipamento dos pcos profundos da Lezíria, estando programado beneficiar ou construir captações desse tipo no Espadanal, Carregado, Valada II.

Quanto ao transporte de água para Lisboa, donde se transfere uma grande parte para os concelhos limítrofes mais importantes, assinala-se espe-

cialmente: obras na estação de sobreelevação da Azambuja, cuja finalidade é aumentar a capacidade de transporte entre Vale de Pedra e o Aqueduto do Tejo: uma conduta, já em construção, para o adutor de

Durante os cortes de água sirva eléctrica, não faça reserva a normalização do abastecimento a água em reserva em vez de a

Vila Franca de Xira a Telheiras, com 28 quilómetros de extensão, a qual, em 1978, permitirá que o fornecimento de água a Lisboa se faça praticamente sem deficiências. A execução desta obra reveste-se de grandes dificuldades por atravessar uma região de sistema orgânico muito variado. Em ligação com este empreendimento temos ainda a cons-



Mais uma estação de tratamento em obras para aumento do volume da água potável a fornecer a Lisboa.

culturas (se a usassem para regas) como destruiria toda a canalização por onde fosse transportada. Segundo os técnicos da E. P. A. L., junto de quem conseguimos elementos de informação, só um empreendimento de grande vulto em maquinaria e obras (com o consequente investimento de muitos milhões) poderia tornar potável a água do Tejo.

Daqui se infere facilmente que teremos de continuar a ir buscar a água para Lisboa e arredores bastante longe, o que permite avaliar sem grande custo das dificuldades e do volume da obra de captação e transporte (já não falando na rede distribuidora) necessária a alimentar uma zona tão vasta

mente a habitar numa cidade e arredores sem zonas verdes, envolta em pó (no Verão) ou em lama (no Inverno), com ruas e parques sem árvores, sem relvas, sem flores e naturalmente sem higiene.

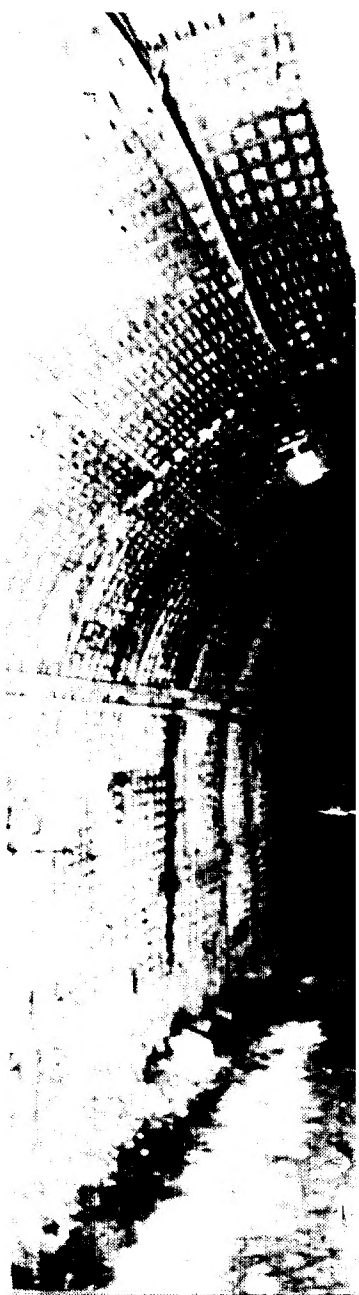
ADIAR: INÍCIO DO DRAMA

As obras agora em curso e que permitirão encerrar o fornecimento de água a Lisboa com um mínimo de preocupações deveriam ter sido efectuadas há anos. Se isso tivesse acontecido, a situação, hoje, era com certeza bastante diferente, para melhor. Mas os mento-

cluiu-se a elaboração do «Plano Geral do Abastecimento de Água à Região de Lisboa» que estabelecia, numa primeira fase, a ampliação da captação de Valada-Tejo, numa segunda fase, o reforço da capacidade de transporte do Aqueduto do Tejo e seu prolongamento entre a Várzea das Chaminés e Castelo do Bode, e numa terceira fase, o transporte de água da Bouça para a zona alta de Lisboa, esta em duas subfases sequentes. Embora tais trabalhos fossem já na altura considerados urgentes, e recebessem aprovação ministerial em 1965 (outros dois anos de compasso de espera), apesar disso, dizíamos, a Companhia das

«depois do 25 de Abril» que tiveram de arcar com as tremendas responsabilidades criadas por esse marasmo.

A situação a que se chegou, obrigaria a programar, em Setembro de 1974, a realização de obras de ampliação imediata, de custos extraordinariamente elevados (aproximadamente um milhão de contos), facilmente evitáveis se em devido tempo as obras de reforço tivessem sido levadas a cabo. Esta ampliação imediata não poderá, por imperativos da mais variada ordem, terminar antes de 1978. Tais obras destinam-se, como é óbvio, a eliminar o mais rapidamente possível as carencias de água actualmente existentes, repon-



A nova conduta que vem de

e sede namento

de Josué da Silva ● Fotos de José Tavares

trução da estação elevatória de Vila Franca de Xira, o adutor regional do Ribatejo e outros trabalhos que trarão a possibilidade de se fazer em muito melhores condições o transporte para Lisboa da água dos

multâneos com os da energias desnecessárias. E após o fim do período de aproveitamento, procure aproveitar a deitar fora.

poços da Lezíria. No que respeita ao reforço do abastecimento do concelho de Sintra, onde se têm notado graves carências de abastecimento, está concluído o estudo prévio do adutor que terá origem na estação elevatória de Telheiras, dirigindo-se ao Alto de Carenque, local onde se levantará um novo reservatório com cota suficiente para per-

mitir o transporte, por gravidade, até Ranholas. Actualmente, para que a água atinja esta povoação torna-se necessário recorrer a bombagem.

O plano para uma mais eficaz distribuição de água e aumento de capacidade de reserva em Lisboa, prevê que se atinja numa primeira fase e a curto prazo os 540 milhões de litros-dia.

O total dos investimentos previstos para o período de 1974 a 1980, incluindo a actualização e revisão de preços, atinge cerca de três milhões e quinhentos mil contos. Ora dizem-nos os técnicos da EPAL, que a situação financeira frente a tão volumosa despesa não é, de modo algum, optimista. Os investimentos vindos do sector privado não procuram a EPAL, nem hoje, nem no passado, visto que este género de «negócio» não interessa ao capitalismo. A banca, ou nega empréstimos, ou quando os concede, como sucedeu há pouco tempo, fá-los a 12 por cento — o que para uma banca



As estações de tratamento são fulcrais no sistema de fornecimento de água. Sem elas, era impossível haver água para beber em quantidades que satisficam os vastos aglomerados urbanos como Lisboa.

que se diz nacionalizada e entendendo que a EPAL é um serviço público de primeira necessidade, teremos de convir que há aqui pelo menos um *exagero de funções*, para não lhe chamar outra coisa.

É PRECISO GASTAR MENOS ÁGUA

Apesar do enorme esforço da EPAL, que assim procura tornar mínimos os problemas criados por um sistema defeituoso e carente em muitos aspectos, embora tenhamos em vista que o futuro se apresenta com excelentes perspectivas, não nos devemos esquecer que, neste momento, factores há que concorrem para que a situação se agrave. O caso dos anos de seca consecutiva que neste sexto ano toma proporções preocupantes, obriga a tomar sérias precauções. Assim, os técnicos da EPAL, aconselham a que se gaste o menos possível, pois só uma poupança acentuada permitirá reduzir os riscos de um, por agora, hipotético racionamento. A EPAL fornece hoje 350 milhões de litros de água por dia a Lisboa (só à cidade) e as albufeiras estão vazias. Felizmente e ao contrário do que se chegou a dizer, a água do Tejo não baixou a níveis assustadores, e isto graças à regularização das barragens de Castelo do Bode e Cabril, cuja descarga melhora o caudal do rio, o que determina uma captação normal. Mas o circuito encontra-se em ampliação e melhoramento, como já explicámos e não pode, por enquanto, satisfazer a cem por cento. De qualquer modo, e mesmo sem seca e sem outros aspectos negativos, mesmo com um sistema perfeito, a prudência ordena que se tenha em conta que a água potável é um bem finito. As grandes cidades são verdadeiros sorvedoiros deste elemento essencial e as nascentes não são eternas. Os caudais rareiam, a poluição de alguns cursos de água torna o problema mais agudo. E as pessoas, desatentas, vão gas-

tando água como se estivessemos no princípio do mundo. Pensam os técnicos da EPAL que se deve procurar alimentar uma política de contenção racional e que se devem mentalizar os cidadãos no sentido de corresponderem a essa política em plena consciência.

Sempre que há cortes de fornecimento, por exemplo — diz-nos um técnico — as pessoas têm a tendência para recorrer a grandes reservas, ainda quando nós anunciamos que o corte vai durar poucas horas. Enchem galões, bidões, banheiras. Numa palavra: habi-

de contenção. Estes gastos supérfluos fazem-se, sobretudo, nas zonas dos Estoris.

CORTE DE ÁGUA EM PARALELO COM O DA ENERGIA

Há um pormenor que pesa largamente na própria situação financeira da EPAL: os serviços do Estado e a Câmara Municipal de Lisboa, não pagam a água que consomem. Agora note-se: o volume de água consumido por estas entidades atinge qualquer coisa

presa, esta proposta visa mais a necessidade de contenção — pois uma vez que não pagam, os consumos fazem-se sem regra — do que tendo em vista o pressuposto comercial.

Por outro lado, como se deve calcular, o corte de energia já em vigor, vem afectar os abastecimentos, porque a maquinaria de captação, bombagem e arranque, não funcionará nos períodos em que não houver energia, como é óbvio. Portanto, a EPAL anuncia que haverá cortes de luz e de água quase simultâneos. Mas pede aos consumidores que, ao fazerem as suas reservas caseiras, o façam com limitação, e que, findos os períodos de corte, procurem utilizar a água que guardam nos recipientes em lugar de a atirar para a pia.

De tudo o que nos foi dito sobre o grave problema do abastecimento de água a Lisboa e arredores, facilmente se conclui que o panorama, não sendo alarmante, traz consigo bastas preocupações. Gastar água indiscriminadamente não só contribui para que se agudizem as dificuldades económicas do País (tenha-se em mente o elevado custo da rede imprescindível aos serviços), como concorre para que as carências se avolumem.

Trezentos e cinquenta milhões de litros-dia, é quanto consome em água a cidade de Lisboa, fora os arredores. Não tardaremos a atingir os quinhentos milhões de litros-dia. Sem um gasto racional do precioso elemento, tarde ou cedo poderemos ter problemas bastante graves que, por ora, apesar de tudo, ainda não se poêm.

tuaadas a que «no antigamente» lhes mentissem, quando nós anunciamos um corte de três horas as pessoas ficam logo a pensar que lhes estamos a enfiar a garraça e que o corte, se calhar, durará três dias. Depois, com a situação normalizada e sem tempo de gastarem a água de reserva, como necessitam dos recipientes, atiram essa água fora. Gostaríamos que as pessoas pensassem nisto muito seriamente.

Outro facto que os técnicos apontam como fator de enormes perdas de água são os jardins (de residências privilegiadas) e as piscinas particulares. As regas dos jardins são feitas durante horas e horas diárias, sem nenhum respeito pelo bem comum. Ninguém pretenderá que acabem os jardins neste país, mas sugere-se uma maior prudência nessas regas e uma viva consciência dos problemas reais que enfrentamos. Quanto às piscinas, elas representam na verdade um desperdício, só porque os seus proprietários não se regem por uma pauta

como os 27 por cento em relação ao consumo particular. A administração da EPAL fez uma proposta ao Governo no intuito de que esta água lhe seja paga. No fundo, afirmam-nos os técnicos da em-

A TODOS OS TÉCNICOS DE INFORMÁTICA

Feta 1.ª vez em Portugal, o seminário de

TÉCNICAS AVANÇADAS DE PROGRAMAÇÃO

EM COBOL — PROGRAMAÇÃO ESTRUTURADA

dirigido pelo Professor Doutor ALAIN REMY, da Universidade de Paris e uma autoridade mundial

no HOTEL RITZ, de 26 a 30 de Julho destinado a analistas de aplicação e programadores.

Informações e Inscrições no:

INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO

RUA NOVA DO ALMADA, 81 - 3.º — LISBOA
TELEFS.: 32 55 77 — 37 10 32



desde Valada-Tejo à estação de tratamento de Vale da Pedra.

PUB

**AUTOCOOPE—COOPERATIVA
DE TÁXIS DE LISBOA, S. C. A. R. L.**
Av. Visconde Valmor, 30 - 2.º Dt.º — Telef. 77 11 19
LISBOA-1

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 32.º dos Estatutos, convocam-se todos os associados da Autocoope — Cooperativa de Táxis de Lisboa, SCARL, para reunir em Assembleia Geral extraordinária, a levar a efeito no próximo dia 14 do corrente, 4.º feira, pelas 21.00 horas na Avenida Visconde Valmor, 34 - 2.º em Lisboa com a seguinte.

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1.º Análise e resolução do assunto verificado na Garagem da Autocoope — em 23/6/76.
- 2.º — Informações diversas.

PARTICIPA NA RESOLUÇÃO DOS TEUS PRÓPRIOS INTERESSES!

Lisboa, 31 de Maio de 1976

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
(Assin. ilegível)

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

CONVOCATÓRIA PLENÁRIO GERAL DE TODOS OS SECTORES

Convocam-se todos os professores de todos os sectores de ensino para um plenário geral a realizar no dia 9 de Julho, pelas 21.00 horas, na Aula Magna da Reitoria da Cidade Universitária, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Análise da 2.ª resposta do MEIC ao caderno reivindicativo.
2. Formas práticas de acção.

No plenário anterior com a mesma O. T., não houve quorum.

Professor, é essencial a tua presença para que assemos nas perspectivas a desenvolver durante este período em que as Escolas vão estar praticamente fechadas.

NÃO FALTES!

A DIRECÇÃO

PUB

Associação Portuguesa de Economistas CONVOCAÇÃO

Convocam-se os economistas para o dia 7 do corrente (quarta-feira), pelas 21.30 horas, no Hotel Tivoli, Av. da Liberdade, continuarem a reunião interrompida no dia 30 p.p., com a mesma

ORDEM DE TRABALHOS

Lisboa, 3 de Julho de 1976

A mesa que preside aos trabalhos

Estrangeiro

JAMAICA

Fortes medidas de segurança contra a violência da direita

Teresa Grimaldo

... KINGSTON (IPS) — Menos de duas semanas depois de haver sido decretado o estado de emergência na Jamaica, a revelação de um plano para derrubar o Governo do primeiro-ministro Michael Manley reafirma a previsão de que as estritas medidas de segurança serão mantidas por um espaço de tempo prolongado, o que era esperado, depois de seis meses de crescentes distúrbios internos.

No passado dia 29 de Junho o primeiro-ministro jamaicano informou, na Câmara dos Representantes, que as forças de segurança haviam descoberto dois documentos «subversivos», pouco depois da detenção de Pettey Wittingham e Parnell Charles, membros do Partido Trabalhista — L. P. J. —, o qual tem vindo a fazer uma sistemática crítica à política governamental.

Um dos documentos encontrados dentro da pasta de Eittingham, militar de carreira e aspirante a um lugar na Câmara dos Representantes nas

próximas eleições gerais de Fevereiro de 1977, referia-se à forma «como derrubar o Governo». O outro documento especificava a distribuição de armas a dois grupos paramilitares denominados «Liga Anticomunista» e «Homem Lobo», que actuariam na província de Saint Ann. A «equipa bélica» seria formada por 23 homens adestrados, 100 doutrinados, 300 simpatizantes, 200 espingardas, 100 metralhadoras portáteis, dois barris de pólvora para cartuchos e 50.000 folhetos contra o Governo.

Edward Seaga, líder do Partido Trabalhista, acusado de ser a principal organização instigadora da violência desenhada no país durante os últimos meses, afirmou que o seu partido não tem conhecimento do «alegado complot» contra o Governo. Manifestou ainda que a detenção dos seus dois correligionários constitui um atentado contra a sua organização.

Desde o primeiro dia do ano

uma centena de pessoas já morreu na capital da Jamaica em actos violentos, a maior parte dos quais concentrados no sector de Kingston Ocidental. Um facto que demonstra o nível alcançado pela escalada de violência foi o grande incêndio de 20 de Maio, atestado por um grupo de homens armados, do qual resultaram mortas 11 pessoas e mais 500 pobres sem casa.

No passado dia 19 de Junho o primeiro-ministro Manley, que em reiteradas vezes havia denunciado uma campanha desestabilizadora contra o Governo, decretou o estado de emergência no país, como medida para contra-atacar a violência direita e reconduzir a Jamaica à normalidade.

As medidas tendentes a controlar as desordens contaram com o apoio incondicional do gabinete ministerial e do partido governamental, o Partido Nacional Popular. Igualmente o Partido Comunista da Jamaica e a organização marxista Liga

de Libertação dos Trabalhadores, manifestaram o seu total acordo com a implantação do estado de emergência no país. No seu propósito de estabilizar a situação interna, Manley enfrenta a férrea oposição do Partido Trabalhista e de poderosos sectores empresariais agrupados na Câmara de Comércio e na Associação de Manufatureiros da Jamaica, em desacordo com a política progressista exercida pelo actual Governo.

Entretanto, o país encontra-se sob cerrada vigilância das forças combinadas do Exército e da Polícia. Até o momento, de acordo com informações oficiais, aproximadamente 70 pessoas haviam sido presas nos últimos dias e, entre elas, vários membros do Partido Trabalhista. Todos os reservistas do Exército foram chamados a apresentar-se às suas companhias no final do mês de Maio. Pensa-se que esta situação será mantida por mais tempo do que era anteriormente previsto.

Os problemas do "habitat"

Há hoje na terra cento e setenta e cinco cidades de mais de 1 milhão de habitantes. Em vinte e cinco anos, mais de noventa e cinco milhões de pessoas abandonaram as zonas rurais para se aglutinar nas vinte e quatro maiores cidades do mundo. Em 1970, no Japão, só 65 por cento da população era urbana e espera-se que no ano 2000 90 por cento dos japoneses — que serão nessa altura cento e vinte milhões — vivam nos grandes aglomerados populacionais.

Por agora, os países em vias de desenvolvimento seguem o exemplo dos países industrializados. Nem as nações ricas nem os países pobres conseguiram oferecer aos habitantes das cidades grandes ou pequenas condições de vida decentes. Os equipamentos colectivos (água, electricidade, transportes, escolas e hospitais) não seguem o crescimento dos aglomerados e os pardieiros com o seu cortejo de desemprego, de miséria fisiológica e intelectual, acompanham como um cancro essa vibração selvagem, sem que, ao mesmo tempo a vida nas zonas rurais conheça um desenvolvimento mais harmonioso. Ao mesmo tempo, os esforços dos governos para melhorar o «habitat» e o seu ambiente, através de investimentos públicos, caros, traduzem-se numa valorização dos solos que estimula a especulação e lança em novos bairros de lata aqueles que são demasiado pobres para continuar a viver nos novos bairros.

É pois impossível tratar isoladamente os problemas do «habitat» e do seu ambiente. Os investimentos industriais públicos ou privados que fornecem empregos — e trata-se, antes de mais, de empregos procurados pelos rurais que acorreram às megapóles — melhoraram, decerto, as possibilidades de crescimento de um país ou de uma região. A sua concentração em centros locais privilegiados provoca também uma pauperização injustificável. Determinar o tamanho mais aconselhável das cidades para além do qual a concentração urbana cria, pelo seu gigantismo, um modo

de vida desumano para o maior número — não poderia ser a tarefa da recente conferência de Vancôver, que se quer política e não técnica. Segundo essa óptica, já surgiram dos trabalhos preparados duas ideias-força:

O controlo da utilização do solo pelos poderes públicos, no interesse geral, parece inevitável se os governos quiserem dominar o crescimento anárquico das cidades. Esse domínio não passa obrigatoriamente pela apropriação colectiva do solo. A maioria dos países liberais dispõe do arsenal jurídico e legislativo necessário mas tem de se concluir que os seus governos não

o utilizam. Os próprios países socialistas não foram em tal matéria, até ao da sua lógica.

A falta de decisões políticas é um dos maiores escolhos encontrados pela realização do arranjo do território, tanto nos países ricos como nos países em vias de desenvolvimento.

Não se poderia esperar de uma conferência das Nações Unidas, soluções milagrosas. A confrontação de experiências várias pode, quanto muito, levar os responsáveis políticos dos diferentes países a tomar consciência da necessidade de harmonizar objectivos de crescimento económico e planificação da organização do espaço. Para mais, os trabalhos

menos formais do Forum das organizações não governamentais poderão enriquecer a reflexão dos delegados acerca dos desejos e das necessidades das populações em causa. Durante os dez ou vinte próximos anos — na verdade até ao horizonte que autorize possibilidades realistas de planificação — o problema urbano resumir-se-á a um problema de pauperismo, dizia recentemente Robert MacNamara, presidente do Banco Mundial, perante o Conselho dos governadores. É tempo de pensar nisso.

LE MONDE



Detergentes nas margens do rio Nene, no Northamptonshire (Inglaterra).



Detritos de toda a ordem «mataram» esta praia dos arredores de Génova (Itália).

Estrangeiro

Quatro ministros espanhóis contra o primeiro-ministro

MADRID, 6 (R) — O novo primeiro-ministro de Espanha, Adolfo Suarez, enfrentava hoje uma crise de confiança depois de os principais arquitectos das reformas operadas desde a morte do general Franco recusarem servir no seu Governo.

Suarez, uma surpreendente escolha com apenas sete meses de experiência de gabinete, discutiu alterações no Governo a noite passada com o rei Juan Carlos depois de ter prestado juramento para chefiar um Governo que enfrenta crescentes problemas políticos e económicos.

Pelo menos quatro ministros reformistas recusaram servir no seu gabinete — declararam fontes dignas de crédito.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, José Maria de Areilza, o ministro do Interior, Manuel Fraga Iribarne, e o ministro da Informação, Adolfo Martín Gamero, recusaram ontem permanecer nos seus cargos sob a direcção de Suarez, que conta 43 anos de idade.

As fontes disseram que aqueles se juntou o ministro da Justiça, António Garrigues, outro liberal proeminente do gabinete de Carlos Arias Navarro, que foi forçado a demitir-se como primeiro-ministro a semana passada após críticas tanto da direita como da esquerda e uma crise económica.

Os quatro alegaram como motivos a inexperiência de Suarez, a sua ligação com o

Movimento Nacional do general Franco e planos aparentes para recolocar no poder tecnocratas da organização laica católica Opus Dei — declararam as fontes.

Os tecnocratas da Opus Dei, inimigos acérrimos de Fraga, em particular, são tidos como responsáveis pelo progresso económico da Espanha sob a direcção do general Franco na década de 60.

Dois deles, o antigo ministro da Indústria Gregório Lopez Bravo e o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros Lopez Rodo, são fortemente apontados para importantes cargos sob a chefia de Suarez.

As fontes disseram que a rebelião de liberais eminentes tinha provocado uma crise ainda maior do que aquela que o rei Juan Carlos tentou solucionar com a nomeação de Suarez.

RUDE GOLPE EM ESPANHA

LONDRES, 6 (R) — O jornal de negócios britânico, «Financial Times» dizia hoje num editorial que a nomeação de Adolfo Suarez como novo primeiro-ministro de Espanha levantava dúvidas acerca do poder do rei Juan Carlos ou da sua capacidade de julgamento político.

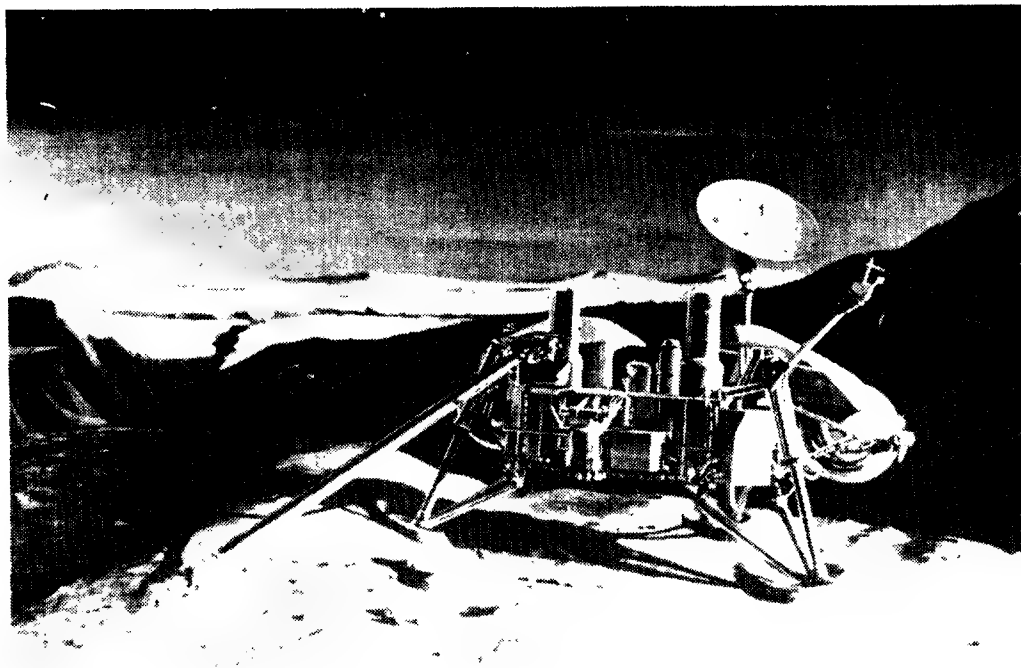
Num editorial intitulado «Um rude golpe em Espanha», o «Financial Times» declarava que Suarez poderia ser um hábil administrador «e é possível que a sua conversão

à causa das reformas liberais seja genuína».

«Uma vez dito isto, porém, muitas outras coisas parecem existir contra ele», afirmava o editorial. «Suarez subiu ao poder quase exclusivamente através do Movimento Nacional, um organismo criado há muito pelo general Franco e ainda a única organização política legal em Espanha».

«Tem falta de experiência de Governo e daquele contacto informal com grupos da oposição que é essencial para se fazer a transição para um Estado democrático», dizia o editorial.

«Tudo isto poderá ser ultrapassado se Suarez conseguir formar um gabinete que inclua parte da experiência que a ele próprio falta. Mas os prognósticos imediatos não são bons», declarava o «Financial Times».



Uma antevisão da descida da sonda «Viking I» em Marte. A aterragem daquela sonda norte-americana no Planeta Vermelho estava prevista para o passado dia 4, a fim de coincidir com as celebrações do bicentenário dos E. U. A., mas, devido a dificuldades na selecção de um local adequado, foi adiada para o dia 17. Entretanto, em órbita, o engenho fotografa a superfície de Marte. Objectivo da missão: descobrir sinais de vida.

A cimeira da O.U.A. terminou revelando profundas divisões

PORT LOUIS (Maurícias), 6 (R) — A cimeira da Organização de Unidade Africana terminou ontem em Port Luis da pior maneira, revelando profundas divisões não só em África mas também no mundo árabe.

Durante a cimeira, dois Estados membros da O. U. A., de 48 países, pediram sessões imediatas do Conselho de Segurança das Nações Unidas para debater as suas disputas com outros membros da O. N. U.

O Uganda solicitou uma sessão do Conselho de Segurança sobre o ataque israelita contra o aeroporto de Entebbe, acusando o Quênia vizinho de colaborar na operação, e o Sudão pediu uma reunião daquele organismo da O. N. U. sobre a suposta organização por parte da Líbia de uma intenciona contra o presidente Jaafar Nimeri.

Dos oito dos 20 membros da Liga Árabe, que pertencem também à O. U. A., cinco têm ainda por solucionar disputas a seguir à cimeira — Marrocos, Mauritânia, Argélia, Sudão e Líbia.

Além da confrontação sudanesa-líbia, Marrocos e a Mauritânia, que administram conjuntamente o Sara Ocidental, estão envolvidas numa disputa com a Argélia.

A Etiópia e a Somália foram intérpretes convincentes das muitas divisões existentes em África, pois mesmo nas últimas horas da cimeira trocaram acu-

sações sobre as intenções de cada um dos países quanto ao território francês dos Afares e dos Issas (Djibuti).

A maior parte das disputas registou-se atrás de portas fechadas, mas, até nessa altura, fosse qual fosse a disputa, cada lado mostrava-se ansioso por relatar à imprensa a sua versão dos acontecimentos.

Mesmo uma questão relativamente fácil como o proposto boicote aos Jogos Olímpicos em Montreal, se o Comité Olímpico Internacional permitir que a Nova Zelândia participe, a seguir à digressão da sua equipa de rãguebi pela África do Sul, não produziu qualquer resolução concreta.

O melhor que os chefes de Estado puderam fazer foi pedir à África acção apropriada se a Nova Zelândia participar nas Olimpíadas.

Uma resolução concreta foi adoptada sobre o Transkei que, em Outubro, é o primeiro território autónomo indígena na África do Sul a tornar-se independente. A cimeira tornou obrigatório que todos os países membros não reconheçam tal Estado.

A disputa sobre o Sara Ocidental foi arquivada temporariamente devido à decisão de convocar uma cimeira extraordinária para data ainda a decidir.

Sobre o futuro de Djibuti foi resolvido que uma conferência de mesa-redonda se deveria efectuar em Accra, no Ghana, em Agosto.

Benin, que apresentou uma resolução sobre o Sara que levou Marrocos a boicotar a cimeira da O. U. A., submeteu também uma moção acerca do facto de que mais de um terço

dos 48 membros têm alguma espécie de ligação com a África do Sul.

Uma cisão profunda nos movimentos da libertação rodésia tornou-se também patente. Pouco antes do encerramento da cimeira, o bispo Abel Muzorewa, dirigente da facção externa do Conselho Nacional Africano (C. N. A.), apresentou uma proposta de cinco pontos para uma fusão com a facção interna do C. N. A., chefiada por Joshua Nkomo. Este rejeitou a proposta e abandonou a sessão secreta para informar os jornalistas sobre a sua atitude.

Os chefes de Estado emitiram uma resolução dura, pedindo o desencadeamento de «luta armada» na África do Sul, mas os dois movimentos de libertação envolvidos acham-se profundamente divididos.

Pena de morte para terroristas poderá ser adoptada em Israel

TELAVIVE, 6 — (R.) — O Governo israelita declarou que considerará a adopção da pena de morte para terroristas condenados como modo de desencorajar futuros ataques de guerrilha e desvios aéreos destinados a obter a sua libertação.

Uma das principais exigências de elementos pró-palestinos que desviaram a semana passada um Airbus da companhia Air France para Uganda era a libertação de 53 prisioneiros de cadeias israelitas e outras em troca pela libertação de mais de cem reféns.

O primeiro-ministro Yitzhak Rabin declarou a noite passada numa reunião do Partido Trabalhista em Jerusalém que sempre que um «assassino» era enviado para a prisão por alguns anos «cria-se uma isca para mais crimes nos esforços para o libertar».

Citou o japonês Kozo Okamoto, preso em Israel pelo seu papel num ataque de guerrilha no aeroporto Ben Gurion em

1972, como sendo um dos presos cuja libertação foi exigida pelos assaltantes do avião.

O Governo teria de considerar o aumento do número de crimes passíveis de pena de morte — disse —, presentemente limitados a genocídio e crimes de guerra nazis.

O primeiro-ministro avisou também do perigo de ataques de represália pela operação de comandos israelitas contra o aeroporto ugandês de Entebbe no domingo passado.

«Trata-se de um inimigo louco com planos assassinos que (...) entra em acção sabendo que se for apanhado não sofrerá mais do que uma pena perpétua» disse.

DESMENTIDO DA O N U

NAÇÕES UNIDAS (NOVA IORQUE), 6 — (F.P.) — O porta-voz das Nações Unidas desmentiu «categoricamente» ontem que o secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, tenha descrito a acção realizada por Israel em Entebbe

como uma «agressão flagrante», como indicaram certos telegramas de agências noticiosas.

O porta-voz precisou que o secretário-geral, respondendo à pergunta se a acção israelita tinha constituído uma violação da soberania nacional do Uganda, respondeu que tal tinha sido, de facto, o caso.

NOTA DA F P L P

KAMPALA, 6 — (ANOP) — A Frente Popular de Libertação da Palestina (FPLP) reivindicou o desvio do avião da Air France ocorrido a semana passada, que terminou anteontem com uma operação israelita de libertação dos reféns, no aeroporto de Entebbe.

Uma nota da F.P.L.P. transmitida por Rádio Uganda considera responsáveis por esta operação israelita os governos da França, do Quênia e de Israel.

Condições de Areilza teriam sido aceites

MADRID, 6 (ANOP) — A inquietante tensão política vivida nesta capital pode levar um novo rumo ainda hoje.

Depois de se ter anunciado a decisão de Areilza de não participar no Governo a constituir por Adolfo Suarez a quem teria escrito uma carta a informá-lo desta decisão, parece que se verificou à última hora uma decisão em contrário.

Durante as últimas horas da noite, Areilza encontrava-se reunido com uma série de amigos e colaboradores políticos estudando a decisão definitiva que teria sido reconsiderada depois do rei e Adolfo Suarez terem aceite toda uma série de condições exigidas por Areilza.

Consta por outro lado, que, às 11 horas da noite, Adolfo Suarez se encontrava reunido com Raul Morodo, secretário-geral do Partido Socia-

lista Popular, que vive no mesmo edifício do novo chefe do Governo, e Tierno Galvan, presidente do partido, comentando-se que teria oferecido alguma pasta a dirigentes do P. S. P.

Deste modo parece que toda a orientação mudou.

A Opus Dei que teria desencadeado a operação ou dela se teria apropriado em determinado momento, estaria de novo fora.

Consta que o general Gutiérrez Mellado entraria como vice-presidente para os assuntos da defesa e Areilza ficaria como uma espécie de ministro político.

Outros elementos que se encontravam com Areilza pertencem ao grupo Tácito, além de Pio Cabanillas e do subsecretário dos Assuntos Exteriores, Marcelino Oreja.

Quanto a Fraga, mesmo depois disto, ficaria definitivamente fora do próximo Governo.

Caleidoscópio

■ RIO DE JANEIRO, 6 — (R.) — O advogado José Soares Rosa afirmou que agentes da Polícia torturaram até à morte um motorista de autocarro, Ivo Brandão para obrigá-lo a confessar um crime que não cometera.

■ ROMA, 6 (FP) — A eleição ontem de um comunista, Pietro Ingrao para a presidência da Câmara dos Deputados, e a de Amintore Fanfani (democrata-cristão) para a presidência do Senado são significativas, para os jornais políticos italianos, de «um espírito construtivo» e de «um acto unitário».

■ HAMBURGO, 6 — (R.) — O chanceler alemão ocidental Helmut Schmidt e o presidente francês Valéry Giscard d'Estaing concluem hoje em Hamburgo uma cimeira de dois dias, sendo meios de combate ao terrorismo um dos tópicos principais da sua agenda.

■ FILADÉLFIA, 6 — (R.) — A rainha Isabel inicia hoje uma viagem de seis dias aos Estados Unidos visitando locais em Filadélfia onde o país construiu a sua independência em relação à Grã-Bretanha.

■ MADRasta (União Indiana), 6 — (ANOP) — Aumentou para 118 o número de mortos em consequência de bebidas alcoólicas em más condições, na cidade indiana de Madrasta, anunciou hoje a agência noticiosa nacional.

■ JACARTA, 6 — (R.) — Uma baleia com onze metros de comprimento abalroou e afundou um barco de pesca, de 30 toneladas, ao largo de Java, e quatro das 24 pessoas que seguiam a bordo foram dadas como desaparecidas, segundo a agência noticiosa Antara.

Espectáculos

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

Escola, doce escola

ataques extremamente violentos e sinistramente descarados, salienta-se o Liceu Pedro Nunes — palco de cenas de desatoc que ficarão na história destes dois anos de liberdade. Não foi por isso sem emoção, que vimos um espectáculo apresentado por alguns alunos do 7.º ano do Pedro Nunes, no qual se faz a desmontagem corajosa do comportamento dos que o frequentaram e frequentam e dos que o dirigiram e dirigem. Essa desmontagem pretende reflectir o que a certa altura se afirma: «Este liceu sempre foi controlado pela burguesia», afirmação que está de acordo com o que acima escrevemos.

Através da história de um aluno, cuja família pertenceria ao número escasso das famílias que dominavam Portugal antes do golpe dos capitães, aluno que atraiça os seus camaradas juntando-se às forças do progresso e da liberdade, assistimos às lutas dos que tentam que cada local escolar se transforme num espaço em que a prática da democracia e da liberdade seja possível.

Pelo pequeno palco de Pedro Nunes passam as figuras

sinistras dos que sustentavam o regime salazarista: desde o reitor cúmplice das autoridades ao professor brancamente autoritário, passando pelo contínuo informador da PIDE e deste aos alunos que encarnavam, ontem como hoje, os ideais hediondos do nazifascismo, empregando a força e a violência como único argumento ao seu alcance. A estas figuras outras as contrapõem: os jovens que acreditam nos verdadeiros valores da cultura e do homem, na luta de classes como motor da história, na unidade das forças progressistas, na liberdade e na democracia como armas que servem os trabalhadores e de que os trabalhadores se devem servir. Infelizmente, o espectáculo não corresponde ao interesse e força da mensagem que se quis comunicar. Feito para um público muito difícil (disposto ao mesmo tempo a contestar e a ler nas personagens e situações fictícias situações e personagens reais), o espectáculo padece de falta de ritmo, de vivacidade. As constantes interrupções para morosas mudanças de cenário prejudicam bastante o seu impacto, erro que podia ter sido atenuado através do emprego de música adequada.

«Escola, Doce Escola» é significativo pela prática cívica que implica, por ser uma pedrada no charco, por dizer «Não» quando e onde é preciso. Isso bastaria para que valesse a pena fazê-lo e para que valesse a pena vê-lo.



Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

“Que farei eu com esta espada?”

de João César Monteiro

Distribuição em Portugal: Animatógrafo
Cinema: Universal
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos
Nota importante: O genérico acima fortemente incompleto. Todas as contribuições para o totalizar serão bem vindas.

A Maria Velho da Costa em texto exemplar (como o escritor de aqui desejaria possuir) afirma que «este filme não está terminado». No verso da folha que nos distribuem no Universal, o César constrói uma arrogante autocrítica de quem conhece limites mas sabe a força. E a afirma: É que, como ele diz, «não é Murnau quem quer, mas é obrigatório ser rtp cada vez menos».

Com parceiros de tal monta nas imagens e nas palavras, vamos ao filme, sem a falsa modestia do crítico face ao criador, já que todos empurramos qualquer coisa, o quotidiano, a revolução que sonhamos e que talvez façamos, sobretudo a resistência que as imagens, os sons, as palavras, oferecem e que, melhor ou pior, queremos moldar, primeiro para nosso egoísta prazer, que é a única forma de isto tudo estar «dentro e fora das nossas cabeças» e portanto servir para alguém que se apropriar do que vamos dizendo e o usar. Brevemente.

Desculpe o leitor (e se não desculpar, é igual) a colagem do meu ego a este filme mas quando a ele assisti pela primeira vez (e já lá vão uns meses e a mesa-redonda que se lhe seguiu na tal rtp que o César abomina) apeteceu-me parafrasear outro dos mestres que guardo, o Hemingway, e dizer dele aos amigos: vão vê-lo, e tão bom que quase desejei tê-lo realizado.

Mas, dirá o leitor já farto desta falsa conversa de mim comigo (irmão, é a única forma de ele ser também contigo), de que fala, afinal, este filme?

Dado que não conta uma história (e Correia Jesuino anatemizou-o por tal) **Que farei eu com esta espada?** é um filme que (felizmente) não se narra. (Como irão fazer os críticos espichadores de argumentos?).

Sempre se dirá, porém, que ele parte do Saratoga no Tejo (e era 7 de Fevereiro de 1975, lembram-se?) e vai por aí fora, à boleia, acostando nos bares do Cais do Sodré e na Lisnave, descendo ao Alentejo ou a pastores de para lá dos montes, quer dizer, aproximando-se deste povo que se levanta, estremunhado, entre o trabalho, a cultura e a revolução (a trilogia que a Maria encontra nesta longa interrogação).

Este filme não vai ouvir nem pregar ao povo. Quem conheça o César sabe-o avesso à doce missionação. Este filme capta-o, sóbrio, grave ou raivoso, não faz dele a apologia porque, Deus sabe, o povo não precisa. O que o César mostra, vigorosamente, é o caldear do que somos, prostitutas, operários, camponeses, intelectuais, a memória colectiva que temos, e ela não é igual, pois nela há um padre em surtida nocturna, uma luta de décadas, Murnau e Wagner e a «Madame Butterfly», e esse barco que da estranha chega, arrogante, com os seus super-sónicos e mísseis e soldados que falam linguas que não entendemos e não sabem se acreditam na democracia. O que este filme faz é dizer que com esta gente, esta memória, este cansaço, esta raiva, estes operários que descem a avenida contra calúnias e ventos, governos e imperialismos, estes intelectuais que colam o Saratoga ao barco fantástico de Nosferatu e fecham em frase heróica com «armadura alugada e fundo em Wagner», faremos alguma coisa. O que este filme faz é perceber que este país não é tão simples como isso. Felizmente. E que é esta a espada que somos.

Filme onde o círculo se não fecha, porque a vida se não cumpre num qualquer espaço delimitador, **que farei eu com esta espada?** é o cinema que queremos, a urgência da criação revolucionária que já cá está.

Não fechemos o pano sem reparar, profissionais, as deficientes condições técnicas em que este filme está a ser projectado. De imagem e de som. Atenção!

Ciclo de cinema da Casa da Imprensa

A película a exhibir amanhã no Cinema Império e integrada no XIII Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa, pertence aos clássicos da cinematografia mundial — trata-se do célebre «Lola Montez» de Max Ophüls realizado no ano de 1955, mas cuja versão agora apresentada em antestreia no nosso país é fruto da montagem efectuada pelos seus sucessores segundo a sua própria perspectiva da obra.

O realizador, de origem alemã mas que cedo se estabeleceu em França, é considerado um verdadeiro criativo, homem de cultura e de gosto impondo-se como director que realiza como um maestro dirige a sua orquestra.

Sobre «Lola Montez» extraímos algumas considerações de Georges Sadoul: «O romance de Cécil Saint-Laurent, longe da verdade histó-

ca, evocara Lola Montez em estilo «correio do coração». Mas, do que não poderia ser mais do que uma co-produção internacional com um grande orçamento (600 milhões em 1955), Ophüls, fez o seu testamento de artista, onde certos erros (o vago idílio com Liszt) têm menos importância que uma pirotecnia de procura, um onirismo melancólico, as cenas do presente, a exuberância barroca das cenas do passado, a fragmentação engenhosa do formato de cinematógrafo, a sua fidelidade à antiga «avant-garde». Apesar das suas qualidades (que eclipsam largamente as concessões comerciais), esta superprodução foi um pesado fiasco financeiro que arrastou à falência a poderosa sociedade Gamma que, contra a vontade de Ophüls, então nos seus últimos dias, procedeu a nova montagem do filme segundo a ordem cronológica».

O filme agora exibido na sua versão integral, e cujo argumento pertence ao próprio Max Ophüls, tem como principais intérpretes Martine Carol, Peter Ustinov, Anton Walbrook, Ivan Dezny e Oscar Werner sendo a música assinada por George Auric.

Entretanto, foram alterados os horários das matinées do presente Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa, devido ao corte de fornecimento de energia que se verifica no decorrer desta semana em Lisboa. Assim, até à próxima sexta-feira, dia 9, as duas sessões da tarde serão às 17 e 19 horas, regressando a partir de sábado e até ao dia 15, ao seu horário habitual, isto é, às 15 e 15 e 18 e 15.

teatro do bairro alto

R. Tenente Raúl Cascais
1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15

teatro da Cornucópia

para crianças: **As Músicas Mágicas**
de Catherine Daste

AMANHÃ
às 16 horas

4.ª e 5.ª feiras e sábados
às 16 horas

(Para todos)

NEBERTO

P. de ESPANHA metro PALHAMA Tel. 77 09 09

grupo 4 apresenta

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO

bertholt brecht

JOSÉ LUIS BORDA

Todas as noites
às 21 e 15

Sábados e domingos
às 15 e 30 e 21 e 15

Descanso à 2.ª feira

ADOQUE teatro

NO MARTIM MONIZ TEL 874476

A GRANDE CÉGADA

UMA SENSACIONAL REVISTA PLURAL E SINGULAR!

ÊXITO!!!

HOJE: DUAS SESSÕES, ÀS 20.30 E 22.30 HORAS

4.ª FEIRA: DESCANSO DA COMPANHIA

(Não acons. men. 18 anos)

1 SEMANA EM PARIS

PARTIDAS (avião especial TAP):

Agosto: 3, 10, 17 e 24

Preços excepcionais desde € **5.490\$**

• a vantagem dos voos especiais

ORGANIZADO EXCLUSIVAMENTE

abreu

fundado em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Tel. 371341

PORTO Av. dos Aliados, 207 • Tel. 37921

COIMBRA Rua da Sola 2 • Tel. 27011/2

FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Tel. 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Canal da Crítica

Por MARIO CASTRIM

LUCIDEZ: A RESISTÊNCIA AO FRIO E AOS CALORES

Calor. Um insuportável calor. O ar carregado de electricidade. O tecto muito baixo. O azul baço do céu, quase lhe tocamos com os dedos sujos. Cá por estas bandas, caiu água. Uma chuva que não fez mover senão quase os miasmas, as toxinas, os gases, as poeiras em suspensão.

Suor. Peganhentos no dorso, nas virilhas, no cachaço. O horizonte encurta-se perigosamente. Para além dele, claro, a esperança persiste. A angústia dói como um sinapismo a curto prazo. Ainda se chove-se... Uma chuva torrencial que nos lavasse de tudo o que fomos, que nos desse uma memória histórica — e não esta minha memória pessoal carregada de limos, de arestas, de quartos escuros...

No entanto, a necessidade de resistir ao suor nojento. A obrigação de compreender além da raiva e do desencanto. Não sobrepor o instinto pessoal ao instinto da classe: não querer tanto à luz que nos queimemos nela ou na ilusão dela. Não deixarmos que em nós o calor possa conseguir aquilo que realmente pretende: aumentar o desespero, a desagregação, a decomposição. Estarmos lúcidos, isto é: não fazer o jogo do calor.

Do calor gerador de tragédias. Alfonso Sastre conhece bem essas situações que impulsionam as pessoas para o abismo. O calor é uma constante da sua obra: as personagens não agem intencionalmente, não são movidas por mecanismos pessoais: respiram um clima, vivem uma clima, agem segundo ele.

A morte no bairro dá-nos o relatório de uma alienação. A ira popular marra contra o falso inimigo. Tal como acontece, aliás, na tourada à espanhola: o touro investe contra o cavalo coraçado enquanto o picador aproveita para sangrá-lo, para lhe tirar energia. Depois disso,

o touro ficará menos bravo, mais macio, facilitará até à Arte a mão que finalmente empunhará o estoque.

Claro que o inimigo não é o médico. O inimigo é não haver parques infantis no bairro, é não haver um sentido para a vida, é cada qual estar estragado no seu pequeno mundo, é o governo antipopular, é o desprezo das pessoas, é o sistema organizado da exploração e da humilhação. Ou, se quisermos dizer como Sastre diz numa Espanha onde não se dizem, sem perigos reais, as palavras todas, o inimigo é o calor.

A morte no bairro, como disse Correia Alves numa breve intervenção, é uma peça popular. Entendamos que o é na simplicidade das palavras, dos processos e das situações. Acontece porém que as obras com estas características apresentam sérios riscos quando não se tomam as necessárias precauções: quebra de ritmo, indispensável falta de oficina capaz de criar artificialmente a naturalidade e finalmente desajuste em relação às próprias intenções do autor.

A qualidade interpretativa da *Noite de Teatro* foi de grande fragilidade. Consolemo-nos com a ideia de que a peça de Sastre, de tão simples, envolveria grandes dificuldades mesmo para grandes artistas.

Por outro lado, o final da peça assume um quase clima de apologia. Não está isso na

atenção de Sastre. Não está isso na intenção do realizador. Infelizmente, o perigo de tal sensação não foi abolido, como seria indispensável. Tenho as minhas dúvidas sobre o que terá ficado no espírito de milhões de telespectadores. Receio que não poucos hajam sido os telespectadores que vissem ali um bom exemplo de justiça popular com todos os perigos derivados para a correcta interpretação dessa mesma justiça.

Na Televisão portuguesa fazem-se mesas-redondas e discussões por tudo e por nada. Quando elas são realmente necessárias não aparecem. Olha que raio de vida!

FALA O FIGUEIREDO

Ontem houve assembleia geral no Sindicato dos Jornalistas. O *Telejornal* derradeiro informa. Informa, é como quem diz... Na realidade, nada ficamos a saber a respeito. Não ser do reduzido número de presenças. Sobre o que se disse ou não disse — bicaite. Estranha maneira de informar...

Em contrapartida, a reportagem do *Telejornal* foi ouvir um dos directores do Sindicato. Tave sorte em encontrar lá um.

Oliveira Figueiredo depois... e não é esta a primeira vez, deve dizer-se. Que disse ele? Que sim senhores, grande desinteresse da classe e porque? Por causas que têm a ver com

o funcionamento da direcção? Com a incompetência dos seus membros ou desinteresse deles? Por divergências no seio dela? Por atitudes a tal ponto negativas que levaram já a um processo de demissão de que se salvou por uma unha negra — e bem negra? E depois disso, depois de tão vincado voto de desconfiança da classe, a Direcção afastou-se, demitiu-se, como lho exigia o mais elementar imperativo moral? E o afastas, é o demites...

Oliveira declara que tal acontece por divergências ideológicas. Uma corrente que ele não diz qual, opõe-se a outras correntes que apoiam a actual Direcção... e que também ele não diz quais sejam. Explicação bem estranha, nebulosa, confusional. Para se perceber alguma coisa do que realmente se passa, havia um processo muito simples: o *Telejornal* relatava os pontos discutidos, os problemas levantados, as moções apresentadas — e depois a distribuição da votação. Fácil, fácil, fácil.

Telejornal não faz isso. *Telejornal* prefere fazer outro jogo: uma grande nuvem de confusão e, saindo dela, o labirinto mental do Figueiredo.

O qual nos diz, por exemplo, a propósito da deontologia profissional que o jornalista não é obrigado a revelar a fonte do sigilo...

Natural, Bucólico como é, estaria a pensar na fonte das sete bicas.

Hoje



Mozart e Verdi

I PROGRAMA

- 19.00 Abertura e «Os Homens, as Mulheres e as Coisas». Rubrica apresentada pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
- 19.30 «O Regador Mágico». Série filmada.
- 20.00 «Ver». Programa dedicado às Artes Plásticas produzido e realizado por José Figueiredo.
- 20.30 *Telejornal*. 1.ª edição.
- 21.00 «Vinho e Pão». Série filmada baseada na obra de Ignazio Silone. 1.º episódio.
- 22.35 *Confronto*. As cooperativas desde o 25 de Abril.
- 23.00 *Telejornal*. 2.ª edição que inclui o resumo filmado da etapa do dia da Volta à França em Bicicleta.
- 23.15 *Fecho*.

II PROGRAMA

- 20.00 Abertura e «Vickie, o Viking». Desenhos animados.
- 20.30 «Os Goodies». Nova edição de um programa louco, louco... As aventuras de Boone, Taylor, Graeme Garden e Bill Oddie.
- 21.00 *Passatempo*. Rubrica sobre a matemática e entrevista com o prof. Mário Soares sobre radioactividade.
- 21.50 *Telejornal*.
- 22.30 *Cenas de Ópera*. Árias das Óperas: Bodas de Figaro, D. João — Mozart, e Traviata de Verdi. Interpretes: Álvaro Malta, Sara Rosa, Elisete Bayan, Hugo Casais. Orquestra Filarmónica de Lisboa, Maestro Ivo Cruz.
- 23.05 *Fecho*.



Amanhã

I PROGRAMA

- 19.00: Abertura e Formação — Modelagem; 19.25: Cleotomânia; 19.50: Educação permanente; 20.05: Vamos Jogar no Totobola; 21.05: Segredos do Mar; 21.30: Vidas Sem Rumo — filme interpretado por Milú, Artur Semedo, Maria Olguim, Madalena Soto e Eugénio Salvador e realizado por Manuel Guimarães; 23.10: *Telejornal*. 2.ª edição e 23.30: *Fecho*.

II PROGRAMA

- 20.00: Abertura e «O Mundo de Wood House»; 20.30: Cancioneiro; 20.50: Pesquisa; 21.50: *Telejornal*; 22.25: Sabe onde era o Palácio da Madeira? e 23.15: *Fecho*.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

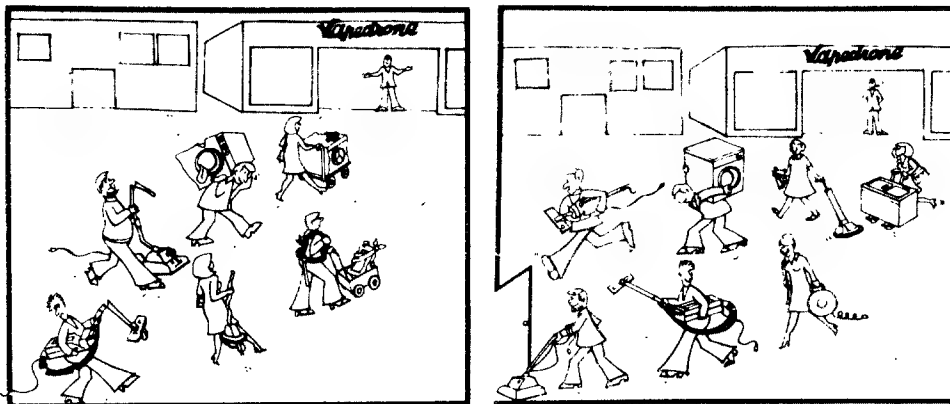
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

GRANDE CAMPANHA DE TROCAS

Vapedrone



sensacional

Trocamos qualquer máquina de lavar roupa, mesmo estragada pela sensacional Hoovermatic!

A Hoovermatic lava seis quilos de roupa em oito minutos!
A sua velha máquina de qualquer marca vale dinheiro na troca!

Aproveite esta grande campanha de trocas
Hoover/Vapedrone

VISITE-NOS EM LISBOA:

- VAP 1 - Rua da Vitória, 54
VAP 2 - Rua D. Estefânia, 26
VAP 3 - Av. Almirante Reis, 82-A

DEMONSTRAÇÕES HOOVER NA VAP 2 - R.D. ESTEFÂNIA, 26

Suspensas as "matinéas" no Palácio Foz

A Direcção da Acção Cultural decidiu suspender a habitual sessão de cinema às 15 horas, no Palácio Foz, devido ao corte de energia eléctrica que se regista durante aquele período de tempo.

Entretanto, a mesma Direcção informa que, por motivos de doença de um dos elementos do grupo, as «Marionetas de S. Lourenço» viram-se forçadas a adiar o seu espectáculo para os dias 10, 11, e 12, pelas 21.30. O grupo levará à cena o romance popular medieval português «Dona Mariana».

LAS PALMAS

AGORA VOOS ESPECIAIS DIRECTOS TAP

1 SEMANA PARTIDAS:

Julho 22 e 29
Agosto 5, 12, 19 e 26
Setembro 2

Preços excepcionais desde *

4.440\$

* a vantagem dos voos especiais

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu

fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 60 • Tel. 371347
PORTO Av. de Azevedo, 1 • Tel. 3342
COIMBRA Rua da Sé, 2 • Tel. 20112
FARO Rua Carlos Bivar, 60 • Tel. 200106

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Desporto

Juca: Adeus, Sporting

Já era esperado: Juca treinador com excelentes provas e figuras de prestígio no futebol português, não trocaria lugar de responsável-mor pelo «plantel» sportinguista descendo a condição de subalterno perante o inglês Hagan. Assim, nãogrado as tentativas de dissuasão feitas pelo presidente João Rocha, o técnico, deixa Alvalade, após uma reunião que se prolongou até à madrugada de hoje.

Fala-se, entretanto, que o primeiro convite chegado directamente a Juca (Júlio Cernadas Pereira) veio do Académico de Coimbra, clube que dizia-se estava a um passo de contratar Joaquim Meirim que, nesta dança de treinadores, passou a ficar indiciado como o grande nome para o Leixões.

BELENENSES

Tal como informámos oportunamente (e depois veio o «mentido» num colega da imprensa...) é firme a notícia «D. L.» referente a Pietra, dirigente belenense despedido-se a Espanha levando o encargo de negociar o meio «internacional» com qualquer clube que lhe surja interessado no concurso. Ainda nos «azuis»: concretiza-se a saída de Freitas, Ramalho, Leite, José Rocha e do suplente. E, neste, entrando para os lugares vagos os alcantareiros Luís Horta e Amaral, mais o sportinguista Jesus e o olhanense Johnny. Dois regressos ao Restelo: de Peniche, a cujo clube estavam momentaneamente cedidos, voltam José Maria e Nelinho.

BENFICA

Enquanto se espera o «sim» de qualquer técnico que fale português, o Benfica revalida contrato com Nenê e confia que o dinheiro referente à transferência de Jordão (para a Saragoça) chegue esta semana a Lisboa.

BOAVISTA

Movimento no Bessa, com saída e entrada de jogadores. Abalaram, atrás da equipa

técnica (Pedroto, Mendes e Gonçalves) os futebolistas Celso e Tai, Paulo Amorim e Salomã (para o Braga). Em contrapartida, para o novo «team» do Boavista entram Amaral (de Espinho), Vítor Pereira (da Cuf), Artur (que esteve no Varzim) e Nogueira (de Guimarães no Braga).

ESTORIL

António Medeiros, técnico verde: Oscar (cabo) que «funcionava» no campo do Sporting de Leiria, transfere-se para o Estoril-Praia.

SUPERTAÇA

A «Supertaça» europeia, em que estão interessados, este ano, o Bayern de Munique e o Anderlecht, disputar-se-á a 17 de Agosto na capital bavara (1.ª mão) e em 30 de Agosto, em Bruxelas (2.ª mão): anunciou em Berna o secretário da União Europeia de Futebol (UEFA). Qualquer dos dois encontros está marcado para as 20 horas locais.

O Bayern de Munique é o detentor da «Taça dos Clubes Campeões Europeus» e o Anderlecht conquistou esta temporada a «Taça dos Vencedores das Taças».



A equipa de futebolistas juvenis do Sporting que, em Leiria, bateu o Sporting de Braga na «decisiva» para a «Taça Nacional» da categoria

“TOUR”

José Martins já foi “camisola amarela”

O holandês Zoetemelk, vencedor antecedente, tem Alpe d'Huez voltou ontem a ganhar (em Montgenevre precedendo na meta Thevenet (que se recompusera de uma queda sofrida na descida do Izoard), e Van Impe, que conservou a «camisola amarela», pois cedeu apenas um segundo nesta etapa.

As hostilidades foram abertas logo à partida de Bourg d'Oisans, com Graciano e Conati a adelantarem-se ao pelotão, levando na sua roda Laurent, Menendez, Bourreau, Kuiper e Grande. Este último não tardou a encontrar-se isolado no comando da fuga.

Aos 15 quilómetros, José Martins e De Witte alcançaram o grupo formado por Conati, Laurent, Menendez, Bourreau e Kuiper, o qual registava nessa altura um atraso de 51 segundos em relação a Grande. Quanto ao pelotão, vinha mais atrás: a 1 m 35 s.

Grande acabaria por ser alcançado pelos seus sete perseguidores, aos 25 km. Um quilómetro mais adiante, Laurent deixou-se ficar para trás. A 2 quilómetros do cume do Lautaret, o atraso do pelotão cifrava-se já em 3 m 30 s, o que colocava José Martins na posição de virtual «camisola amarela».

Concluída a longa descida em Briançon (65 km) os 7 da frente conservavam 3 m 57 s de avanço. Esta vantagem seria aumentada para 4 m 50 s aos 80 quilómetros. Depois, no Vale de Guil, com vento desfavorável, o pelotão aproximou-se e no controlo de abastecimento de Guilvestre (100 km) o atraso era apenas de 3 minutos. Van Impe voltava a ser o líder do «Tour»...

PORTUGAL

ANDEBOL

Os romenos do Galatzi actuaram nas Antas, batendo a turma de andebol do F. C. Porto (30-25), apesar de alinhar sem as suas vedetas a contas com os trabalhos de preparação da selecção olímpica da Roménia. Linhas e marcadores:

F. C. do Porto — Capela (Amorim), Tavares Rocha, (6), Monteiro (7), Areias (4), Leandro Rocha (1), Orlando (1), Vítor Pinho (3) e Remelhe (3).

C. D. Universitário Galatzi — Stefan (Patrascu), Cergiu (2), Victor (8), Marel (2), Constantin (3), Adrian, Petrica (7), Lucian (8).

ATLÉTICO

Os juniores do Atlético são campeões nacionais de basquetebol. Ainda desta modalidade: Porto, 71-Cul. 62 para a «Taça de Portugal». Por seu turno, para a «Taça» feminina, Internacional e Benfica classificaram-se para disputar a final.

ATLETISMO

Para seleccionar os representantes do Inatel de Faro, nos campeonatos nacionais de Atletismo, haverá provas a 10 e 11 do corrente, no Estádio Campina, de Loulé.

AVEIRO

Eleições no Beira-Mar, a 16 do corrente, pelas 21 horas.

guidores, aos 25 km. Um quilómetro mais adiante, Laurent deixou-se ficar para trás. A 2 quilómetros do cume do Lautaret, o atraso do pelotão cifrava-se já em 3 m 30 s, o que colocava José Martins na posição de virtual «camisola amarela».

Concluída a longa descida em Briançon (65 km) os 7 da frente conservavam 3 m 57 s de avanço. Esta vantagem seria aumentada para 4 m 50 s aos 80 quilómetros. Depois, no Vale de Guil, com vento desfavorável, o pelotão aproximou-se e no controlo de abastecimento de Guilvestre (100 km) o atraso era apenas de 3 minutos. Van Impe voltava a ser o líder do «Tour»...

Seguiu-se a escalada do Izoard. O pelotão fragmentou-se após uma aceleração de Belini. A menos de 9 quilómetros do cume, Thevenet lançou-se para a frente, mas Van Impe e Zoetemelk estavam atentos e o francês não insistiu.

CONFRONTO

As «promessas» espanholas e portuguesas de Atletismo vão efectuar um confronto oficial, no Jamor, no próximo fim-de-semana.

FARENSE

Situação difícilíssima do Farense: em assembleia geral da colectividade foi divulgado que o passivo do emblema está, neste momento em cerca de seis mil contos: três mil de dívidas antigas, dois mil de responsabilidades bancárias assumidas e 942 contraídos na última gerência.

PESCA DE RIO

Campeonato Distrital de Faro, em pesca, de rio, com três etapas: iniciado em Santa Clara, prossegue a 11 do corrente (Barragem de Odeáxere) e dia 18 (Barragem de Santa Clara).

PLANOS

A Associação de Ciclismo do Sul, com uma gerência comandada pelo dinamismo de Mário Ferreira, continua a cumprir um vasto programa de competições. Para 10 do corrente está marcada a prova «Mário de Oliveira» (Olival de Basto-Abóboda, 100 quilómetros) e, no dia seguinte o segundo «Circuito Ciclista da Manjoieira» (75 kms), ao dispor de amadores sem distinção. Para corredores populares teremos no dia 11, o «Circuito de Usseira de Obidos» (70 kms).

No Izoard (132 km), Van Impe, Zoetemelk, Galdos, Thevenet, Poulidor, Bertoglio, Delisle, Lopez-Carril, Baronchelli, Bergamo, Pesarrodonna e Panizza passaram em fila indiana. Na descida para Briançon, localidade atravessada pela segunda vez nesta etapa, começou a chover com certa intensidade. Thevenet sofreu uma queda e mesmo se verificou depois com Bourreau, Romero e Perret. Todos, porém, não tardaram a recolocar. Entretanto, Baronchelli tentou uma escapada mas, mais adiante, num troço de estrada seca, os corredores recuperaram.

CHEGADA
É a seguinte a classificação da 10.ª etapa da Volta a França, disputada entre Bourg d'Oisans e Montgenevre, na distância de 166 quilómetros: 1.º Joop Zoetemelk (Hol.), 5h 02m 20s (média 32,944); 2.º Bernard Thevenet (Fr.), 5,02,21; 3.º Lucien Van Impe (Bélgica), m. t.; 4.º Francisco Galdos (Espanha), 5,02,30; 5.º Fausto Bertoglio (It.), 5,02,33; 6.º Raymond Poulidor (Fr.), 5,02,33;

7.º Hennie Kuiper (Holanda), 5,02,47; 8.º Raymond Delisle (Fr.), 5,02,51; 9.º Michel Pollentier (Bélg.), 5,03,25; 10.º Bergamo Marcello (It.), 5,03,47; 14.º José Martins, 5,03,56.
Classificação geral: 1.º Lucien Van Impe (Bélg.), 54h 29m 53s; 2.º Joop Zoetemelk (Hol.), a 7s; 3.º Raymond Poulidor (Fr.), a 1,36; 4.º Bernard Thevenet (Fr.), a 1,48; 5.º Francisco Galdos (Esp.), a 2,04; 6.º Fausto Bertoglio (It.), a 2,05; 7.º Raymond Delisle (Fr.), a 4,17; 8.º Michel Pollentier (Bélgica), a 4,32; 9.º Hennie Kuiper (Hol.), a 4,36; 10.º José Martins, a 4,56.
Prémio da Montanha — 1.º Van Impe, 66 pontos; 2.º zoetemelk, 56; 3.º Bellini, 51; 4.º Kuiper, 44; 5.º Galdos, 40; 6.º Martins, 38; 7.ºs Poulidor e Thevenet, 33.
É a seguinte a classificação individual por pontos: 1.º Maertens, 131 pontos; 2.º Esclasan, 81; 3.º Gavazzi, 78; 4.º Kuiper, 51; 5.º Paolini, 40; 6.º Mintkevics, 35; 7.º Battaglia, 33; 8.º Zoetemelk, 32; 9.º Delepine, 31; 10.º Poulidor, 29.

GRANDE PRÉMIO DE FRANÇA:

Hunt vence, Lauda desiste

O piloto britânico James Hunt ocupa agora o quarto lugar no mundial de condutores após a sua vitória no 62.º Grande Prémio de França, disputado no Circuito de Paul Ricard.

James Hunt, ao volante de um McLaren completou a prova em 1h 40m 58s, à média de 186,423 km/h, à frente do francês Patrick Depailler (Tyrrell) que gastou mais 13 segundos e do irlandês John Watson (Penske) com mais 23, 45 segundos.

O «leader» do campeonato continua no entanto a ser o austríaco Niki Lauda que foi forçado a abandonar a prova à nona volta, com uma avaria no motor do seu Ferrari.

Após o Grande Prémio de França é a seguinte a classificação do mundial de condutores: 1.º, Niki Lauda (Áustria), 55 pontos; 2.º, Depailler (França), 26; 3.º, Schekter (África do Sul), 24; 4.º, James Hunt (Grã-Bretanha), 17; 5.º, Regazzoni (Suíça), 16; 6.º, Laffite (França), 10; 7.º, Jochen

Mass (Alemanha), 10; 8.º, Gunnar Nilsson (Suécia) e Hans Stuck (Alemanha), 6; 10.º, John Watson (Irlanda), 6.

Jogue conosco

Montijo - Beira-Mar	X
U. Tomar - Salgueiros	X
Parades - A. Viseu	1
Vila Real - Vilanovense	1
Lusitano - Odivelas	X
Alcochete - U. Leiria	X
I. Bratislava-GUIMARÃES	X
Mantovod - BELENENSES	2
B. Ostrava-Eintracht B.	X
A. Salzburgo-Sp. Trnava	X
Ostende - Holbaek	1
Pogon - Osters	2
S. Graz - Row Rybnik	1

Halterofilismo em “Dia Olímpico”

Disputou-se, no Pavilhão dos Trabalhadores da CUF (Barreiro) a Taça «Dia Olímpico», em halterofilismo.

A prova que resultou numa grande manifestação de entusiasmo e unidade halterofílica, teve a presença de 83 levantadores, de 20 centros na modalidade, de vários pontos do País.

Zona Norte — Futebol Clube do Porto, Associação Académica de Espinho e Escola Industrial e Comercial de Espinho.

Zona Centro — Judo Clube de Abrantes, Sporting Clube de Tomar, Ginásio Clube Português, Lisboa, Ginásio Clube, Circulo de Faria de Sacavém, Alhandra Sporting Clube e Grupo Desportivo de Carcavelos.

Zona Sul — Lusitano Futebol Clube Barreiro, Sociedade Filarmónica União Pindense, Sociedade Filarmónica Capricho Moitense, Escola Industrial e Comercial de Setúbal, Centro de Halterofilia de Setúbal, Grupo Desportivo de Santiago de Estremoz, Centro de Halterofilia de Ervedel, Ginásio Atlético Clube da Baixa da Banheira, Ginásio Clube do Sul e Grupo Desportivo dos Trabalhadores da «SORENA».

De realçar que o clube que apresentou maior número de

levantadores foi o Sporting Clube de Tomar, 131, o que é de assinalar, já que se iniciou a prática da modalidade há cerca de um ano. Este facto é demonstrativo de como os jovens nabitinos tem sabido trabalhar bem, apesar de, por vezes, as condições não serem as melhores.

Quanto às classificações (neste caso com um aspecto secundário, já que o objecto não é o convívio e o conhecimento entre os levantadores há que junto a treinadores, árbitros e secretários de mesa) temos que F. C. do Porto (Caracavelos) foi o melhor levantador em prova, tendo conquistado a taça oferecida pelo Comité Olímpico Português. José Coelho (do Lusitano) foi o melhor levantador em prova, tendo conquistado a taça oferecida pelo C. O. P.

Foram estabelecidos dois novos recordes nacionais de juvenis: por António Leal (da Escola de Setúbal) e por João Ramalho (do Grupo Desportivo de Santiago de Estremoz) na categoria de «pesados».

Desporto

OLIMPIADAS EM PONTO POLÍTICO

China ou Formosa: o dilema

O Governo do Canadá não irá proibir a entrada no seu território aos atletas da Formosa que participem nos Jogos Olímpicos, mas mantém firme a sua decisão de que aqueles atletas não utilizem nem a bandeira do seu país nem o hino, segundo declarou ontem à noite o ministro canadiano dos Negócios Estrangeiros, Allan Maceachen.

O Comité Olímpico da China Popular pediu ao Governo do Canadá que não permitisse a entrada no seu território dos atletas formosinos. No entanto, o Canadá não aceitou o pedido, embora mantenha que, para a Formosa participar nas Olimpíadas, a única condição é não utilizar nem a bandeira nem o hino do seu país em qualquer dos actos olímpicos.

Maceachen acrescentou que a decisão do Governo canadiano irá ser participada a «Lord» Killanin, presidente do Comité Olímpico Internacional, por funcionários do seu Ministério. Killanin chegou ontem a Montreal.

O Canadá reconhece o Governo de Pequim como o único representante do povo chinês, e não mantém qualquer tipo de relações com o Governo de Taipé, pelo que (finalizou Maceachen) pedimos que o C. O. I. não permita a inscrição dos atletas da China Nacionalista a não ser com o nome de 'Taiwan' mas sem que possam utilizar a sua bandeira e o seu hino.

Numa das mais fortes declarações até agora feitas pelo ministério, comunicou um informador: a autoridade última quanto ao que acontece no Canadá, reside no Governo canadiano.

Por seu lado a Federação dos Desportos da China, (ou Comité Olímpico Chinês), é a única que tem o direito de representar a China junto do Comité Internacional Olímpico relativamente a todo o seu território, incluindo a província da Formosa, indica uma mensa-

gem deste organismo, divulgada pela agência «Nova China» e captada em Hong Kong.

Nesta mensagem, a China «chama mais uma vez a atenção do Comité Internacional Olímpico a fim de que este «não permita que os atletas da Formosa participem nos Jogos Olímpicos de Montreal sob o nome e a bandeira da República da China».

O texto desta mensagem foi transmitido ao CIO e ao Governo canadiano, em 2 de Julho passado.

Entretanto, o Chile, o Porto Rico e a Venezuela anunciaram o seu apoio à participação da China Nacionalista nos Jogos Olímpicos afirmou um porta-voz oficial do Comité Olímpico da Formosa.

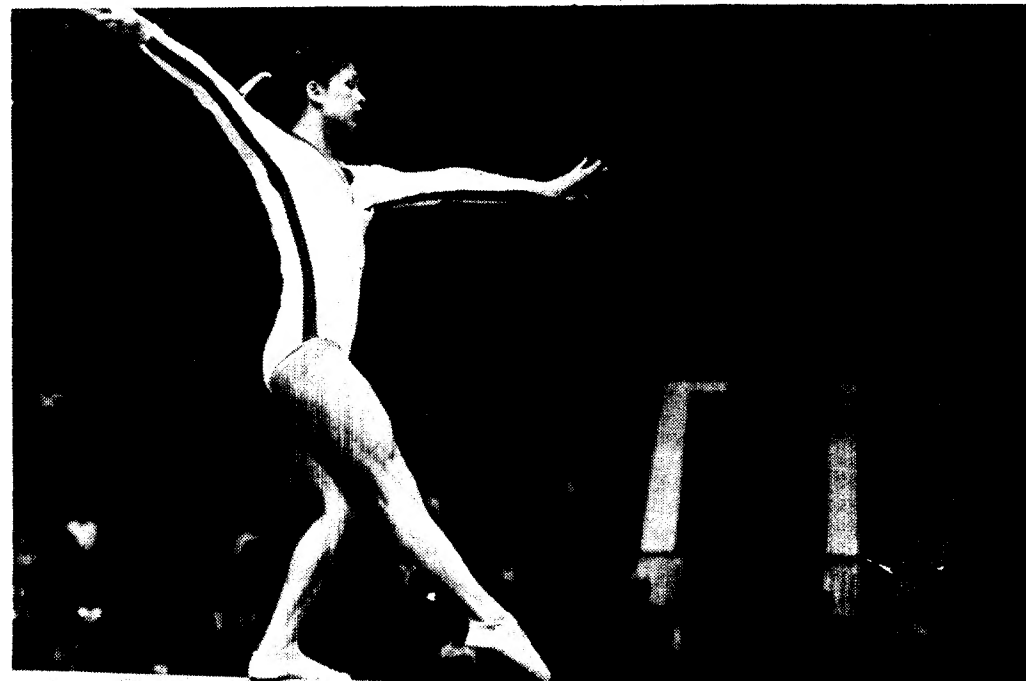
Em mensagens separadas, os comités olímpicos daqueles países latino-americanos denunciaram a decisão do Governo canadiano de não permitir a presença dos atletas da Formosa com a sua bandeira e o seu hino.

AMÉRICA AMEAÇA

Philip Krumm, presidente do Comité Olímpico Americano, declarou ontem que os Estados Unidos participarão nos Jogos Olímpicos «se estes se realizarem». Com efeito, Krumm não afastou por completo a hipótese de uma anulação ou de um não-reconhecimento dos Jogos por parte do Comité Olímpico Internacional em face das repercussões que o caso da participação da República da China (Formosa) está a ter.

Em sua opinião, deparam-se três possibilidades à comissão executiva do CIO que esta semana se reúne em Montreal:

1 — Organizar os Jogos e assegurar a participação da delegação de Taiwan com a sua bandeira e o nome de República da China, independentemente da anunciada decisão do Governo canadiano.



Nelli Kim (18 anos) várias vezes campeã da U. R. S. S., parte da sua terra natal (Chimkent) para um título na ginástica em Montreal.

temente da anunciada decisão do Governo canadiano.

2 — Convocar uma reunião extraordinária da comissão executiva e fazer votar a exclusão da Formosa do CIO. «Os Jogos realizar-se-iam mas essa seria uma solução catastrófica», observa o presidente do Comité Olímpico Americano.

3 — Anular os Jogos Olímpicos.

Krumm indicou, por outro lado, que se deslocará na próxima quinta-feira a Montreal, para participar nas deliberações do CIO.

De qualquer maneira, em todo o Mundo dão-se os derradeiros apertos nas várias embaixadas.

QUALIFICAÇÃO

O atleta finlandês Lasse Viren necessitando obter uma boa marca para ser escolhido para representar o seu país na prova de 5.000 metros das Olimpíadas de Montreal, conseguiu em Helsínquia 13 minutos, 24,8 segundos, assegurando a qualificação.

Viren, campeão olímpico dos 5 mil e 10 mil metros (em Munique) venceu a prova da légua dos campeonatos da Finlândia, conseguindo a 8.ª melhor marca do ano.

O estreante Lasse Orimus concluiu em 2.º lugar, com 13.25,52 (10.ª melhor marca do ano) e Pekka Paavilinta foi 3.º com 13.30,48.

Há exactamente um mês, em Saint Maur (na França) o português Carlos Lopes conseguiu 13 minutos e 24 segundos certos.

URSS

A União Soviética ganhará (provavelmente) a maior parte das medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Montreal tendo como principais competidores nesse aspecto os Estados Unidos e a República Democrática da Alemanha — declarou Anatoly Kolesov, vice-presidente do Comité Desportivo da URSS ao jornal «Pravda».

Tudo leva a crer que os atletas soviéticos serão os primeiros na classificação não oficial por equipas, tal como aconteceu em 1972 — acrescentou Kolesov, recordando que, em Munique, os seus compatriotas conquistaram o número recorde de 50 medalhas de ouro.

Kolesov considera que as equipas norte-americanas e alemãs-orientais são de valor praticamente igual mas que, tendo em conta os últimos campeonatos mundiais, e europeus e outras grandes competições internacionais o conjunto soviético tem alguma vantagem sobre elas.

Na verdade (sublinhou) es-

tas três equipas apresentam resultados muito aproximados, o que augura uma disputa dura.

Segundo o dirigente soviético, a URSS põe as suas esperanças principalmente nas modalidades em que com frequência tem dominado: a luta, o tiro, a esgrima, o remo, a ginástica, o halterofilismo e o atletismo de pista.

PARTICIPAÇÃO

A maior representação olímpica canadiana até hoje reunida (pelo menos 39 homens e 19 senhores), estará este ano presente nos Jogos de Montreal, anunciou a Associação Olímpica do Canadá. Após as provas do último fim-de-semana, a Associação de Atletismo do Canadá recomendou mais nove nomes para a equipa nacional olímpica.

A Espanha estará representada praticamente em todos os desportos, mas as suas esperanças de conseguir medalhas voltam-se apenas para duas disciplinas: pugilismo e canotismo.

O Comité Olímpico Espanhol prevê já uma delegação de cerca de 118 atletas. O balanço de Munique (uma medalha de bronze em pugilismo) deverá melhorar nitidamente em Montreal, mas sobretudo devido a êxitos em disciplinas que não são as mais populares. Com efeito, tanto em natação como em atletismo, os espanhóis não têm ilusões. O pugilista Rodriguez Sá e a tripulação do «Caiaque K-4» serão as únicas verdadeiras possibilidades numa delegação espanhola no entanto numericamente imponente.

Bernie Ford, o fundista britânico (de 23 anos) foi escolhido para representar a Inglaterra na corrida de 10.000 metros da Olimpíada de Montreal, juntamente com Brendan Foster e Tony Simmons.

Mike Corden concorrerá ao decatlo, devido à pontuação que lhe permitiu vencer esta modalidade, no passado fim-de-semana, em Copenhaga (Dinamarca).

A equipa nacional de futebol de Cuba preencherá o lugar deixado vago pelo Uruguai, no torneio olímpico. A equipa cubana defrontará a da Polónia, na abertura do torneio, a 18 do corrente.

O veterano Willie Davenport (em 110 barreiras) e a jovem Brenda Morehead conseguiram, sensacionalmente, classificar-se para os Jogos Olímpicos. Com Davenport assegurando a sua quarta presença nas Olimpíadas e Morehead conseguindo o seu 2.º melhor tempo nos 200 metros, durante

as provas de classificação nos Estados Unidos.

A jovem Brenda Morehead correu os 200 metros em 22,49 segundos, um novo «record» que lhe foi negado, por ter corrido com vento favorável.

RETOQUES EM MONTREAL

Montreal vai conhecendo os retoques finais de modo a encerrar os Jogos Olímpicos com as cautelas indispensáveis à integridade dos participantes (atletas e outros). As autoridades de segurança das olimpíadas anunciaram, pela primeira vez, que a vigilância ao longo de toda a fronteira entre os Estados Unidos e o Canadá foi intensificada em função dos próximos Jogos Olímpicos de Verão, que se inauguram a 17 de Julho.

Segundo um comunicado emitido em nome do chefe da Comissão de Segurança Pública dos Jogos Olímpicos, «também está a ser prestada particular atenção ao tráfego em toda a fronteira». O Comité de Segurança Pública das olimpíadas é composto por membros da Polícia Montada, das Forças Armadas canadianas, da Polícia Provincial do Quebec e do Ontário, assim como do Departamento de Polícia Urbana de Montreal, sob coordenação de Guy Toupin. Uma operação de controlo marítimo iniciou-se na passada segunda-feira, à noite, como um passo das medidas de segurança destinadas a manter afastados do Canadá terroristas estrangeiros, e evitar uma tragédia semelhante à que ocorreu durante os Jogos Olímpicos de 1972, em Munique.

COMENTAR

Quatro antigos campeões olímpicos assegurarão os comentários aos jogos de Montreal para a cadeia de televisão americana «ABC». Entre os ex-campeões, agora transformados em comentadores desportivos, figura o nadador Mark Spitz, que se distinguiu pela conquista de sete medalhas de ouro, em Munique.

FILMAR

O Serviço Nacional Canadiano de Cinema (ONF) está a preparar activamente a realização do filme oficial dos 21.ºs Jogos Olímpicos.

O filme terá a duração de duas horas, nele trabalhando quatro realizadores dirigidos por Jean-Claude Labrecque. A equipa de produção engloba 120 pessoas e o filme será assegurado por 20 câmaras de 16 mm, contando com o total apoio dos Serviços Técnicos da ONF. A película está orçada em 1,2 milhões de dólares.

O último milionário

Cá temos o mais recente milionário do futebol português: João Alves, o médio que não prestava para o Benfica e, depois de belo tirocinio no Montijo, atingiu a internacionalização no Boavista, vai agora embolsar uma bonita maquia, fruto da transferência para um clube espanhol (o Salamanca). Alves (que vemos nas imagens ao lado da esposa e, depois, a prestar-se para exame clínico detalhado) rende, de uma assentada, oito mil contos para o clube do Bessa, metendo o jogador na algibeira o ordenado mensal de 200 contos, além de ter apartamento gratuito e receber como oferta um automóvel do último modelo. «Luvas» pelo contrato por 3 anos: 4500 contos, em três suas prestações anuais...



Geral

Dois suspensos e um expulso do Sindicato dos Jornalistas

Quarenta jornalistas reunidos em assembleia geral na sede do seu sindicato, ontem à tarde, suspenderam dois dos seus colegas, directores da ANOP, e expulsaram mais um, que foi director da ANI.

Os suspensos são Ariosto Mesquita, director-geral, e Alfredo Duarte Costa, administrador, ambos da Agência Noticiosa Portuguesa, com perda de todos os direitos definidos nos estatutos, até uma nova assembleia que decida sobre a sua situação sindical. A acusação: «Não terem apresentado resposta às acusações que lhes foram imputadas em anterior plenário». Estas acusações estão directamente ligadas a irregularidade e ilegalidades no processo que levou à suspensão dos jornalistas Fernando Cascais e Renato Soares, respectivamente ex-chefe e ex-subchefe de redacção da Anop. Os directores da Anop são ainda apontados por contribuírem para a censura interna na agência e desprezarem as decisões dos plenários de r000.

trabalhadores da comissão de trabalhadores, do conselho de redacção e dos delegados sindicais da Agência. Foi formada uma comissão constituída por António Esperança (Anop), Leopoldo Gonçalves («O Primeiro de Janeiro»), Albertino Antunes («O Século»), e outro membro que será designado pelo Conselho Técnico do Sindicato, para apresentar um relatório sobre o caso, para numa outra assembleia ser deliberada ou não a expulsão dos dois

directores da Anop do Sindicato dos Jornalistas.

Entretanto, uma expulsão já foi decidida na assembleia de ontem. Trata-se de António Maria Moreira Zorro, ex-director da extinta ANI. A decisão foi tomada por unanimidade e como razão para a medida apresenta-se o facto de Zorro ter sido inspector e chefe dos serviços culturais do Commissariado Nacional da ex-Mocidade Portuguesa.

Quanto ao contrato colectivo de trabalho, foi informado que já havia sido pedido ao Ministério do Trabalho para se passar à fase de conciliação. O plenário decidiu ainda aceitar o princípio do fim do duplo emprego, numa perspectiva global, à escala do próprio país, criticando uma medida sobre os horários de trabalho aprovada pelo Conselho de Ministros. Este ponto, consta das negociações do C. C. T. entre a classe e o patronato nomeadamente o Estado, e a aprovação do CM foi considerada como «uma intervenção espontânea e autoritária do Estado na vida sindical».

A questão relativa à carteira sindical ainda não foi resolvida e o seu debate deve prosseguir, enquanto na próxima assembleia será votado, na generalidade e na especialidade, o Código Deontológico. Também para a próxima assembleia estão previstas discussões sobre a questão do jornal «Época» e de alguns casos de jornalistas acusados de vinculação com a ex-P. I. D. E. / D. G. S.

PEANUTS



Salvador Santana

Por alma do nosso companheiro de trabalho Salvador Santana, motorista da Renascença Gráfica, vítima mortal num acidente de viação ocorrido perto de Abrantes no passado dia 30 de Junho, durante um circuito de distribuição Lisboa-Castelo Branco, realiza-se amanhã, pelas 9 horas, na Igreja Nova de Almada, missa do 7.º dia.

A família do nosso malgrado companheiro agradece a todas as pessoas que se incorporaram no funeral, fazendo-o por este meio por desconhecimento de moradas, e agradecendo também desde já a quantos assistirem àquele piedoso acto.

NOTARIADO PORTUGUÊS

Nono Cartório Notarial de Lisboa

A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA MARIA ALICE RIBEIRO FERNANDOS

CERTIFICADO NARRATIVAMENTE PARA EFEITO DE PUBLICAÇÃO: — Que, por escritura seis de Abril de mil novecentos e setenta e seis, lavrada de folhas duas verso a folhas quatro verso do livro número A-quatrocentos e catorze das notas deste Cartório, MA NUEL ANTONIO FERNANDEZ e FRANCELINO JORGE FERNANDEZ, ao deixarem de ser sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa, provisoriamente na Rua de Vitor Cordón, número dez-A, terceiro andar, freguesia dos Martíres, sob a firma «FERNANDEZ, SEANE & PARDELLAS, LIMITADA», renunciaram à gerência e autorizaram que continuasse sem alteração a firma social.

Ainda por esta mesma escritura, DANIEL FERREIRA RIBEIRO e MARIA DE LOURDES DA CONCEIÇÃO ANTUNES RIBEIRO, como únicos sócios que ficaram sendo da referida sociedade «FERNANDEZ, SEANE & PARDELLAS, LIMITADA», e unificadas as quotas do dito Daniel, tendo ainda os ditos DANIEL e MARIA DE LOURDES mutuamente nomeados gerentes; alteraram parcialmente o pacto porque a dita sociedade se rege; tendo sido dada ao artigo quinto e ao parágrafo segundo do artigo sexto a seguinte redacção:

ARTIGO QUINTO

O capital social é de NOVENTA MIL ESCUDOS, encontra-se inteiramente realizado e representado pelos diversos bens e valores do activo, conforme escrituração e corresponde à soma das quotas dos sócios que são: uma de sessenta mil escudos, pertencente ao sócio Daniel Ferreira Ribeiro e uma de trinta mil escudos, pertencente à sócia Maria de Lourdes da Conceição Antunes Ribeiro.

ARTIGO SEXTO

PARÁGRAFO PRIMEIRO: — PARÁGRAFO SEGUNDO: — A sociedade ficará obrigada pela assinatura de um sócio gerente. PARÁGRAFO TERCEIRO: — Está conforme ao original Lisboa, vinte e nove de Abril de mil novecentos e setenta e seis.

O Ajudante do Cartório (Maria Alice da Conceição Coutinho Robim de Matos)

BARES - BOTES

RESTAURANTES

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. (Tel. 364859, 368197). Marta Mónica Stripteaseuse. CASINO DO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 264621/264946.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado e o vento era fraco ou moderado de noroeste.

Máxima29°

ÉVORA PENHAS DA SAÚDE

Mínima6,4°

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO18°
COIMBRA19°
PORTALEGRE19°
Lisboa20°
FARO23°
FUNCHAL22°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
11.18 3,5 m	4.41 1,3 m
23.50 3,6 m	17.14 1,3 m
Dia 7	
12.27 3,7 m	5.49 1,2 m
	18.22 1,2 m
Dia 8	
0.58 3,7 m	6.50 1,1 m
13.29 3,9 m	19.22 1,0 m

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 H. DE AMANHÃ

A Norte do Mondego: céu pouco nublado tornando-se muito nublado durante a tarde; vento fraco ou moderado de Oeste; períodos de chuva durante a noite. A Sul do Mondego: céu geralmente pouco nublado; vento fraco ou moderado de noroeste.



AMANHÃ

NAScer AS 6.18
OCASO AS 21.04



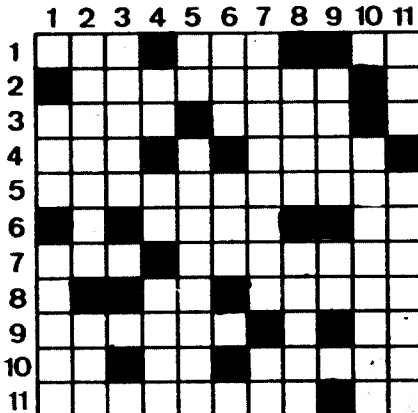
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 11 410

HORIZONTAIS

- Recusa. Emprega. Tempo do verbo haver.
- Violento.
- Mossa. Triturar.
- Agora. Cidade e porto das Filipinas.
- Quebrarias.
- Transpiração. Instrumento musical dos negros (Bras.).
- Prefixo que designa três. Dera mensagens a (Índia Port.).
- Bromo (s.q.). Esmurrar.
- Amofinais. Quinhentos e um em romano.
- Escamece. Rádio (s.q.). Abala.
- Presenciava. Reis.



VERTICAIS

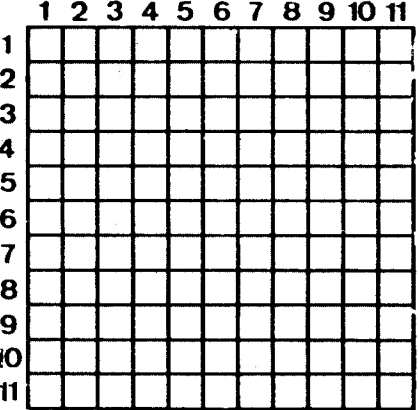
- Bondosa. Propriedade.
- Forrar. Suspiros.
- Computar.
- Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Artigo definido. Cidade de Itália.
- Artigo indefinido. Causarias amuo a.
- Preposição. Próprio.
- Fizeras notações em. Nesse lugar.
- Conjunto de todas as rodas de um relógio. Talha.
- Comprei garrotes de um ano para revender daí a dois anos para exportação. Antes de Cristo.
- Trabalhador do campo.
- Rio de Portugal. Transpirarias.

Resolheu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NCVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7570

HORIZONTAIS

- Vila e concelho do distrito de Portalegre. Freguesia do concelho e distrito de Viçeu.
- Macaco americano. Possuiria.
- Messe. Agradecia.
- Educou. Gorgulhos tropicais.
- Autores. Tosta.
- Miriare. Nota musical. Interjeição que exprime nojo ou desprezo.
- Fendas.
- Detestar. Manda.
- Pequenos vasos cilíndricos com uma asa lateral, para beber ou servir líquidos. Isolados.
- Aves trepadoras. Ave pernalta.
- Ruins. Que tem ranço.



VERTICAIS

- Invólucro. Tangem.
- Retaram. Oferocera.
- Prende. Retocas.
- Cacetes. Vassouras o forno depois de aquecido.
- Ouro (s.q.). Comprar.
- Suspiros. Membro de ave.
- Invisuais. Nome de letra (pl.).
- Suportam. Era cristã.
- Ligara. Tremor de terra.
- Ponho data em. Censuras.
- Tomas sobre ti.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 409

HORIZONTAIS VERTICAIS

- | | |
|-------------------|------------------|
| 1 UM. Solar. Ba. | 1 Untas. Nadas. |
| 2 Nas. MAL. Com. | 2 Marro. Utara. |
| 3 Trai. Aire. | 3 Sare. Notas. |
| 4 Arremangara. | 4 Rei. Cró. |
| 5 Soares. Ar. | 5 Om. Maçam. Va. |
| 6 NUNCA. Aar. | 6 Lapas. Ele. |
| 7 Atormentara. | 7 Al. Panamá. |
| 8 Dato. Lavros. | 8 Agá. Ati. |
| 9 Ara. VEM. Ais. | 9 Cia. Grava. |
| 10 Sassa. Au. SÓ. | 10 Borrar. Róis. |
| | 11 Amear. Passo. |

PROVÉRBO: UM MAL NUNCA VEM CÁ

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7569

HORIZONTAIS VERTICAIS

- | | |
|------------------|------------------|
| 1 Ma. Safaram. | 11 mata. Colear. |
| 2 Ama. Rima. Er. | 2 Amoco. Salde. |
| 3 Tara. Milo. | 3 Aramas. Mia. |
| 4 Aca. Canoras. | 4 Felo. |
| 5 Om. Ama. Osa. | 5 Ar. Cah. Assa. |
| 6 Afá. Ras. | 6 Firam. Ac. Or. |
| 7 Ossa. Arroto. | 7 Am. Narra. Má. |
| 8 La. Laçais. | 8 Ramo. Arinas. |
| 9 Elmos. | 9 troas. |
| 10 Adi. Somaras. | 10 Molas. Dar. |
| 11 Reataras. Re. | 11 Rosados. Se. |

SETE MESES DEPOIS

Trinta profissionais da RDP continuam suspensos

Onze dos cerca de quarenta trabalhadores da ex-Emissora Nacional, actual Radiodifusão Portuguesa, viram ontem arquivados os processos contra eles pendentes a pretexto ou em sequência dos acontecimentos político-militares registados no País no dia 25 de Novembro do ano passado. Os restantes trabalhadores abrangidos por idênticas medidas, fundamentalmente consubstanciadas na suspensão das suas actividades profissionais, manifestaram-nos, entretanto, o seu espanto ante a decisão tomada pela comissão administrativa da RDP que lhes prolonga, desta vez sem o aval de qualquer despacho do ministro da Comunicação Social, a paralisação da suas actividades.

Efectivamente, em declaração assinada pelo director de pessoal da RDP, os mesmos trabalhadores são considerados como apresentados à referida Direcção de Pessoal, «findo o período de suspensão».

Entretanto, a mesma declaração acrescenta que tal facto ocorre «a fim de aguardarem o destino que lhes vier a ser destinado», embora sublinhe que «cessam os efeitos da suspensão referidos nas ordens de serviço anteriores».

«Não se percebe» — dizem-nos alguns dos profissionais suspensos.

Os trabalhadores atingidos por esta prorrogação de uma situação que consideram ilegal

e ilegítima manifestaram-nos a sua disposição de recorrer da medida adoptada pela C. A. da RDP. O comportamento da referida C. A., considerado, desde a decretada suspensão, como arbitrário pelos trabalhadores, tem sido aliás contestado através de uma luta jurídica (e não só) que segue o seu curso.

Soubemos, por outro lado, que em algumas instalações da ex-E. N., nomeadamente no velho edifício da Rua do Quelhas, 2, trabalhadores abrangidos pela cessação de impedimentos resultante do fim da suspensão viram o seu ingresso nas instalações «cortado» por ordem da individualidade militar encarregada da segurança. Entretanto, tanto no Quelhas, 2, como em outras instalações da RDP, trabalhadores desde há sete meses afastados sem culpa formada do seu local de trabalho, foram esperados pelos seus camaradas de profissão com provas de visível satisfação e alívio, ainda que não total, pois que são ainda cerca de 30 os profissionais da rádio impedidos de trabalhar sem qualquer nota de culpa seja do que seja. Na generalidade, estes disseram-nos que tudo isto se trata sobretudo de uma perseguição de carácter político, pouco ou nada tendo a ver com conflitos de carácter laboral.

«Ouçam a rádio que agora se faz e logo compreenderão» — comentou um dos profissionais suspensos ao repórter.

Reequipamento da CP

Considerando que algumas empresas nacionais de metalomecânica pesada e de electricidade são capazes de fabricar e montar grande parte do material e dos equipamentos necessários pela C. P. os Ministérios da Indústria e Tecnologia, Transportes e Finanças determinaram a criação de um grupo, liderado pela Sorefame,

Este grupo procedera aos estudos necessários para habilitar a indústria nacional ao fornecimento das unidades que a C. P. vai adquirir, com o máximo de participação portuguesa. Os trabalhos serão iniciados imediatamente e eventualmente serão também contactadas empresas estrangeiras.

Farmácias de Serviço

LISBOA

TURNO N-1
Até às 22 horas
AJUDA
Moura, Travessa da Memória 55 (Telf. 630944).

ALTO PINA
Ibérica, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (à Alameda) (Telf. 728277).

ALVALADE
Nova Iorque, Avenida dos Estados Unidos da América, 140-B (Telf. 760658).

ARROIOS
Cândido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (Telf. 45751).

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Higienica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Telf. 844361).

BAIXA
Teixeira Lopes, Rua Aurea, 154 (Telf. 324816).

BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (Telf. 703393).

CAMPOLIDE
Rualto Lda., Alto do Carvalhal, 5/A/B (Junto ao Aqueduto das Águas Livres) (Telf. 851721).

CAMPO SANTANA
Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117 (Telf. 553308).

ENTRECAMPOS
Nova Iorque, Avenida dos Estados Unidos da América, 140 (Telf. 760658).

LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B (Telf. 790332).

OLIVAIS DO SUL
Nova dos Olivais, Rua Manuella, lote 469 (Telf. 314402).

S. MAMEDE
Albano, Rua Escola Politécnica, 59 (Telf. 326750).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Felgueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (Telf. 44995).

TURNO N-2
Toda a noite

ALFAMA
Anunciada, Rua do Vigário, 74 (Telf. 866360).

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque, 7-A (à P. Paiva Couceiro) (Telf. 843571).

ALVALADE
Aeroporto, Avenida Almirante Gago Coutinho, 101-D (à Avenida D. Rodrigo da Cunha) (Telf. 722384);
S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A (Telf. 725140);
Cartaxo, Avenida da Igreja, 21-C (Telf. 717958).

AREIRO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Avenida Sacadura Cabral) (Telf. 770776w0).

AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes, Rua de S. José, 187 (Telf. 326476).

AVENIDAS NOVAS

Universal, Rua Actor Tabor, 5-7 (Telf. 44158).

BENFICA
Alegria, Estrada de Benfica, 180-A (Telf. 780511).

CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca, Rua 4 de In-santaria, 28-A (Telf. 688857).

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Telf. 720703w4728395).

MARVILA
Grifo, Rua do Grifo, 25 (Telf. 385264).

SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (Telf. 637020).

SANTOS-O-VELHO
Fontoura de Carvalho, Rua Santos-o-Velho, 12 (Telf. 662075).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Telf. 2112048).

CARCAVELOS
Central, Toda a noite

S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (Telf. 260085) Até às 22 horas

PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng.° Bonnevill-Franco (Telf. 2435147) Toda a noite

NOVA OELRAS
Leal, Até às 22 horas

OELRAS
Oelras, L. Henrique Paiva Couceiro, (Telf. 2430485) Até às 22 horas

PARADE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Telf. 2471785) Toda a noite

MURTAL
Primavera, R. das Parreiras, 2 (Telf. 2472278) Toda a noite

AMOREIRA
Amoreira, Até às 22 horas

MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (Telf. 260008) Toda a noite

CASCAIS
A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Telf. 280214) Até às 22 horas; Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telf. 28170) Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Telf. 934589); Campos, R. Elias Garcia, 185 (Telf. 938551); Clabell, R. António Sardinha, 23-D (Telf. 938551)

DAMAIA
Confiança, Est. Militar, lote D (Telf. 9710321)

VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (Telf. 974161)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telf. 950117)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telf. 2940034)

MEM MARTINS

Miranda Garcia, Est. de Mem Martins, 173-B (Telf. 2914103)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telf. 980456)

SINTRA
Misericórdia, Vila (Telf. 2903391)

COLARES
Abreja, (Telf. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, António dos Santos Jorge, 15 (Telf. 234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telf. 204250)

ALMADA
Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (Telf. 2750078)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fatima, Est. Nacional, 244-A (Telf. 2040141)

BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Telf. 2073207)

COVA DA PIEDADE
Cerveiro Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Telf. 2750254)

TMOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telf. 239029)

MONTUJO
Diogo, R. Almirante Reis, 50 (Telf. 2310032)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Telf. 229028)

SETUBAL
Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz, (Telf. 22408); Portugal, R. Camilo Castelo Branco (Telf. 23211)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja (Telf. 2218580)

PORTO

TURNO 28
ATÉ ÀS 22 HORAS

Canavarro, R. da Restauração, 53
Constituição, R. da Constituição, 93
Ferreira de Carvalho, R. do Bonjardim, 354
Padrão, R. de Santo Ildefonso, 342
Ramos, P. do Exército Libertador, 91
Parente, R. d. s. Flores, 114
Sanil, R. do Paraíso, 214

TODA A NOITE
Figueiredo Ld., R. de Cedofeita, 125
Sousa Soares, R. de Santa Catarina, 141
Vitória, R. de S. Roque da Lameira, 756

COIMBRA

Rodrigues da Silva, Rua Ferreira Borges, 32 (Telf. 24348);
S. José, Arcos do Jardim (Telf. 24697)

Cinemas

CASTIL

T. 530194 17.00, 19.00 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos
Sylvia Kristel a

EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM
um filme de Francis Giacobetti

Aviso ao público: este filme contém cenas eventualmente chocantes

IMPÉRIO

T. 555134/5 17.00, 19.00 e 21.15

XIII CICLO DE CINEMA DA CASA DA IMPRENSA
Cinema no Feminino

HOJE:
Não acons. men. 13 anos

ELECTRA
Realização Michael Cacoyannis
c/ Irene Papas, Annis Fertis

POLITEAMA

T. 326305 13.15, 17.15, 19.15 e 21.30

Não acons. men. 18 anos
POR UMA MÃO CHIE DE DIAMANTES

VOZ

T. 720808 13.45, 17.15, 19.15 e 21.15

Não acons. men. 13 anos
Um espectáculo para toda a família

O ASSALTO DOS DOBERMANS

D. JOÃO V DAMAIA
T. 971794 21.15

Não acons. men. 13 anos

JOHN E MARY

S. LUIS

T. 327172 21.30

Ciclo Marcel Hanoven
Um simples historie

BRUGES

No final da sessão das 21.30 haverá coloquio

CARLOS MANUEL

T. 21.15

Int. men. 18 anos

SORRISO VERTICAL

RESTELO

T. 610375 21 h.

Não acons. men. 13 anos

PARA NÓS É CANJA

1.º Programa

18.00: Música portuguesa; 18.30: A casa e a vida, por Aquilino Ribeiro; 19.00: Poemas e poemas, por Hermínia Tojal

20.30: Melodias; 21.00: Contraponto; 22.05: A economia portuguesa

00.00: «Último Jornal» 00.30: Jazz;

2.º Programa

17.15: Intercâmbio musical Festival de Verão em Helsinquia, 1975 — gravações cedidas pela Rádio da Finlândia; 17.58: «Quer quer ouvir?» (1.º, 2.º e 3.º actos) — «Orfeu e Euridice», de Haydn; 19.40: Música de piano: Seis prelúdios de Rachmaninoff; 20.00: A Orquestra de Câmara Inglesa;

21.01: O baritone Titta Ruffo: «Hamlet»;

21.16: Música sinfónica: «O sonho de uma noite de Verão», Abertura de Mendelssohn;

21.30: 200 anos de música norte-americana; 22.30: O gosto pela música, 1.º acto da ópera

zart; 00.30: Solos de piano por Alicia de Larrocha;

01.00: FECHO

3.º Programa — Nacional e Regional (294 m.)

16.00: Emissão Nacional — «Variantes» (continuação); 16.15: Casos ao acaso;

3.º Programa — Local (187,5 m)

16.00: Emissão nacional; 18.00: Emissão local (Emissor de Lisboa), «Entardecer», De vem em quando;

19.30: Romance dumã cidade

20.00: «Entardecer»
Cartas a ninguém; 21.00: Fecho.

4.º Programa

16.00: Música variada; 17.00: Canções; 18.00: Apenas música; 19.00: «Em órbita»; 20.00: Orquestras; 21.00: Concerto; 22.00: «Auditório»; 24.00: «Prisma»; 02.00: Fecho.

Cinemas

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 18.00 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

QUO VADIS

com Robert Taylor, Deborah Kerr, Peter Ustinov, Leo Genn. Um filme de Melvin LeRoy

Não aconselhável a menores de 13 anos

5.ª semana

EDEN

T. 320768 13.45, 17.15, 19.15 e 21.15

três boas razões para morrer

TRÊS PISTOLAS CONTRA CÉSAR

com Thomas Hunter, Delia Boccardo, Enrico Maria Salerno

Não aconselhável a men. 18 anos

ODEON

T. 326283 17.15, 19.15 e 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

2.ª Semana sensacional

se todas as mulheres fossem como

A MINHA INSACIÁVEL CUNHADINHA

Tinha saído a «sorte grande» a todos os homens

APOLO 70

T. 763319 Novo horário

Para todos 4.ª semana

Festival Apolo 70

Jerry Lewis é «O Herói do Regimento»

AS 24.00 Grupo D (16 anos)

O REI DO CIRCO

CASINO ESTORIL

T. 264521 17.00 e 21.15

Não acons. men. 13 anos

O TELEFONE COR-DE-ROSA

S. JORGE

T. 554153/4 17.30, 19.30 e 21.30

O MONSTRO DO PANTANO

Com Peter Cushing

Não acons. a men. de 18 anos

AVIS

T. 47163 17.00 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

BOBBY

6.ª Semana
A projecção do filme

ESTÚDIO

T. 555134 17.00, 19.00 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

INSÓLITO DESTINO

Um filme de Lina Wertmüller

3.ª Semana

ESTÚDIO 444

T. 779095 17.00, 19.00 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

MENINAS BEM

em 2.ª Semana

MUNDIAL

T. 538743 17.00, 19.15 e 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

ADOLESCÊNCIA TURBULENTA
uma história de amor um tanto devastada.

ROMA
T. 727778 17.00, 19.00 e 21.15
Int. men. 18 anos
EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM
c/ Sylvia Kristel
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ESTE ESPAÇO PODE SER PARA SI! CONTACTE-NOS!

UNIVERSAL

21.00

O FUNERAL DO PATRÃO
As 17.00 e 23.00

(Para todos)

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

BARRINHOS QUEM TEVE MEDO DO PODER POPULAR

Não acons. men. 13 anos

COIDES

T. 322523 13.15, 17.15, 19.15 e 21.30

Não acons. men. 18 anos

SOLDADO AZUL

um acontecimento fora de série

c/ Andice Bergen, Peter Strauss

BERNA

T. 776098 13.45, 17.15, 19.15 e 21.15

Para todos

Os grandes sarilhos de um polícia em Saint-Tropez

O GENDARME EM FÉRIAS

3.ª Semana

C/Luis de Funes

LONDRES

T. 801313 13.15, 17.15, 19.15 e 21.30

Não acons. men. 13 anos

PATO COM LARANJA

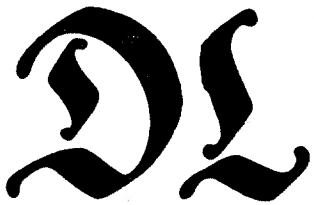
c/ Monica Vitti

Ugo Tognazzi

ROXY

T. 48560 13.00, 17.15, 19.30 e 21.45

Não acons. men. 18 anos



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORUGAL

CASO FAUSTO CRUZ

Universidade para amanhã em Coimbra

Amanhã e depois efectuar-se-á em Coimbra uma paralisação total das escolas — decidiram em Assembleia Magna os estudantes da Universidade de Coimbra.

Assim, amanhã, vai realizar-se uma jornada de informação e esclarecimento directo junto da população de Coimbra. No próximo dia 8, efectuar-se-á em Lisboa uma manifestação junto das autoridades competentes exigindo uma rápida solução do caso Fausto Cruz. Esta acção — informa a nota da Associação Académica de Coimbra — «realizar-se-á conjuntamente com os estudantes e trabalhadores de Lisboa inserindo este caso no avanço das forças de direita e fascistas, para o que contactará desde já as AAEE e órgãos representativos dos trabalhadores».

Foi aprovado ainda na referida Assembleia Magna que «nenhum indivíduo do M. R. P. P.

poderá participar em reuniões democráticas de estudantes». Entretanto a organização estudantil deste movimento, a F. E. M. L., pôs a circular um comunicado em que denuncia ser o caso Fausto Cruz «apenas um pretexto para outros fins». E observa: «Quanto aos apoios, pouco frequentes nas lutas estudantis, é de salientar o do Conselho Universitário, dos conselhos directivos de várias Faculdades, bem como a cobertura do Comando da Região Militar do Centro e do próprio M. E. I. C., para além do deputado do P. «S.» António Arnaud, que aparece como advogado de defesa, e da cobertura de toda a imprensa social-fascista e conciliadora».

Seguem-se, a propósito, as habituais diatribes. O comunicado representa a «declaração do Comité Executivo do Comité Central da Federação dos Estudantes Marxistas-Leninistas sobre o caso Fausto-Cruz».

Caso do vidreiro do Porto

Réu lava daí as mãos: "Estava em Espanha"

PORTO, 6 — Conforme noticiámos, teve ontem lugar a primeira audiência do julgamento do caso do vidreiro António Almeida Silva, de 28 anos, assassinado na madrugada de 26 de Novembro último junto à sede do Sindicato da Indústria Vidreira no Porto. Presidiu o dr. Miguel Montenegro, tendo como assessores os drs. César Marques e Augusto Vieira.

O réu, o vendedor de automóveis Ludgero Babo de Carvalho, morador na Estrada Exterior da Circunvalação, afirmou no julgamento crer que «há um grande erro de identificação». A defesa sustenta que o réu se encontrava em Espanha na noite do crime, muito embora uma outra vítima do

atentado, o operário José Fonseca, que ficou ferido, tenha afirmado que reconheceu o réu como o autor dos disparos na referida madrugada.

O réu contou em tribunal que em 25 de Novembro foi a Espanha no seu automóvel, o qual teve de abandonar em Valença por se ter esquecido do livrete respectivo, atravessando depois a fronteira a pé. Segundo disse, apanhou depois um táxi para ir ao encontro de um dos indivíduos com quem tinha negócios. Estes, todavia, faltaram ao encontro, pelo que depois de alguns dias em Espanha o réu regressou ao Porto com a intenção de vir buscar o livrete do carro, que pretendia vender por ser uma viatura cara e «por causa das bombas».

Não adiantou sobre a identidade das pessoas com quem ia negociar em Espanha, pedindo licença ao tribunal para não o fazer por não ser conveniente, acabando por referir o nome de um português residente no Brasil, João Geraldo, como pessoa a contactar então para venda do seu carro. Um dos juizes estranhou que, sendo esse homem muito rico, comprasse uma viatura em segunda mão.

Avião líbio desviado

ARGEL, 6 — (ANOP, FP e R) — Um avião desviado na Líbia foi hoje impedido de aterrar em Argel e partiu com destino desconhecido — declararam fontes da polícia.

Anteriormente, no mesmo avião havia sido recusada autorização para aterrar em Tunísia, tendo as autoridades da Tunísia encerrado os aeroportos daquele país.

Desconhecendo-se ainda o número de passageiros que segue a bordo do avião líbio desviado, sabe-se, no entanto, que este efectuava um voo doméstico de Trípoli para Benghazi.

As relações entre a Tunísia e a Líbia têm-se deteriorado nos últimos meses. Desde Março, a Líbia expulsou cerca de 13.864 tunisinos aí residentes.

Formada uma tendência no P.S. para defender o Programa do Partido

As pressões e as manobras que as forças da direita, tanto a nível interno como internacional, estão a fazer junto do Partido Socialista para que este não aplique o seu programa e conduza, no Governo, uma política de conciliação com a direita, estão a preocupar seriamente largos sectores do Partido, conscientes de que os meses que se avizinham serão decisivos não só para a defesa das conquistas do 25 de Abril como também para a viabilidade da existência entre nós de um Partido autenticamente socialista.

É neste contexto que após várias reuniões de estudo e reflexão foi constituído o Grupo de Defesa do Programa Socialista (G. D. P. S.), do qual fazem parte dirigentes socialistas da Comissão Nacional, deputados à Assembleia da República e elementos de base, cobrindo todo o território nacional.

As finalidades prioritárias traçadas pelo G. D. P. S. são as seguintes:

— «A defesa intransigente do Programa do Partido Socialista» e

— «A luta contra as infiltrações da social-democracia e de outras tendências não conforme ao Programa do P. S.»

O Grupo de Defesa do Programa Socialista propõe-se ainda acompanhar atentamente a prática política do P. S., sobretudo no que se refere à prossecução da Reforma Agrária e às questões do trabalho.

Tudo indica que, ao aludir às tendências «não-conformes», o G. D. P. S. faz alusão a supostas infiltrações da «Opus Dei».

Técnicos analisam resultados do corte de energia

Enquanto prosseguem os cortes de energia (de manhã no norte e à tarde no sul), trabalhadores, patrões e entidades governamentais interrogam-se sobre as consequências desta medida. Compensará?

Só a partir de amanhã, técnicos ligados à produção e distribuição de energia eléctrica procederão à análise de programa de restrição de energia. De momento, segundo informações obtidas pela agência Anop junto da secretaria de Estado de Energia e Minas, não existe a noção correcta das dificuldades que está a acarretar à produção industrial.

Ontem foi o primeiro dia que o País esteve sem luz durante hora e meia. As donas de casa cumpriram as instruções, não se tendo verificado incidentes. Os Bombeiros confirmaram que nada se passou de anormal. O número de chamadas foi habitual e nenhuma provocada pelo corte de energia.

ENGARRAFAMENTOS

As pessoas tentam, agora, adaptar-se à falta de energia durante hora e meia. A confusão surge. Quando as pessoas começam a organizar a sua vida para esta restrição, pronto, o corte de energia muda de horário. Passa a ser de manhã, no Sul e de tarde no Norte. Nova adaptação.

Ontem, por exemplo, registaram-se vários engarrafamentos. Os semáforos apagaram-se. Mas, mesmo quando voltou a energia, estavam numa hora de «pontão», os sinais mantiveram-se intermitentes durante algum tempo. Também os de espectáculo estão a alterar as sessões da tarde. A primeira «matinée» desapareceu.

Aristides Pereira revela

Forma da unidade com Bissau está para breve

PRAIA (Cabo Verde), 6 — (F.P.) — O arquipélago de Cabo Verde celebrou na segunda-feira, o primeiro aniversário da sua independência, proclamada em 5 de Julho de 1975, sob o signo da unidade com a Guiné-Bissau e de um duplo esforço no desenvolvimento.

Aristides Pereira, presidente da República de Cabo Verde e secretário-geral do P. A. I. G. C. (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde), num discurso pronunciado no estádio da Praia, ca-

pitais colectivos funcionaram normalmente. Apenas os comboios de Sintra registaram grandes atrasos. A armação presa no tecto das carruagens para receber a energia eléctrica continuou a ser alimentada pela rede da CP. Contudo, a mesa de comando estava ligada à rede urbana. Assim, quando veio o corte foi necessário fazer à pressa uma ligação especial àquela mesa de comando. Esqueceram-se dessa ligação e hoje, os comboios de Sintra pararam debaixo do túnel já próximo da estação do Rossio. Os passageiros optaram por um passeio (às escuras) do que perder tempo à espera da reparação.

Os hospitais têm também a energia assegurada. Mas as actividades paramédicas paralisam. É, no entanto, no problema da indústria que se centraliza a preocupação de todos. A maioria das grandes empresas tem energia a alta tensão e por isso continuou a laborar. O caso da CUF, Cometa onde os fornos se mantiveram acesos.

A pequena e média indústria, essa sim, foi a grande afectada. Se atendermos a que, durante uma semana se perde um dia de trabalho e

Novo Governo

Continuação da pág. 1

ionvocadas pelo Presidente. A consequência final de uma nova estratégia da direita portuguesa pode ser a realização de novas eleições dentro de um ano ou ano e meio, no caso de os socialistas se oporem firmemente a partilhar o Poder com o P. P. D.»

O jornalista polaco observa em seguida que «os socialistas, submetidos ao desgaste da crise económica e social que Portugal atravessa, poderão não ganhar as próximas eleições» e acrescenta:

«Assim, Mário Soares pode ver-se forçado a aceitar o conselho dado pelo seu amigo pessoal Willy Brandt, durante a cimeira no Porto: um Governo viável em Portugal exige a participação de socialistas e social-democratas.

Sorteios do futebol europeu

ZURIQUE — Efectuaram-se hoje os sorteios para as primeiras eliminatórias dos três torneios europeus de futebol.

Para a Taça U. E. F. A., cujos jogos das duas «mãos» se efectuam em 15 e 29 de Setembro, o Barcelona jogará com Belenenses e o Futebol Clube do Porto com o Schalke 04 (da República Federal Alemã).

JORNALISMO DE PRIMEIRA PÁGINA

A operação de «comandos» israelitas no Uganda é apelidada de «A Proeza Israelita», em título a quatro colunas. Um aperto de mão entre Carlucci e Kalinine, na recepção da Embaixada dos Estados Unidos, é considerado um «momento histórico», com fotografia também a quatro colunas.

A propósito dos cortes de energia eléctrica, J. F. aproveitou para escrever: «Lenta, mas seguramente Portugal regressa ao século XV. O mais difícil era a questão das fronteiras, mas isso, como se sabe, foi rapidamente resolvido com a descolonização. Importava dar agora outro passo importante nesse regresso às origens. Começou ontem com o corte de energia.»

Jornalismo de primeira página como não havia no século XV. Disso estamos seguros.

Rapazote prepara-se para regressar

O antigo ministro do Interior, Gonçalves Rapazote, uma das mais sinistras figuras que pontificaram ao longo dos 48 anos do regime fascista que dominou o País, parece estar em vias de regressar ou a fazer tentativas nesse sentido.

Pelo menos a mulher já se encontra em Portugal e ontem esteve na residência do ex-ministro, que continua no entanto desabitada. Juntamente com outras pessoas, provavelmente familiares, transportavam alguns objectos, dando a ideia de que estavam a fazer preparativos para regressar a casa.

A presença e a movimentação dos familiares de Rapazote não deixou de ser notada na área, dando origem a que, pouco depois, nas imediações do local se estabelecesse uma discreta, mas apertada vigilância de elementos antifascistas, nada tranquilos com a perspectiva de regresso do ex-ministro salazarista.

MÓVEIS NÓRDICOS SÉCULO XVII D. MARIA LUÍZ XV e XVI IMPÉRIO D. JOSÉ D. JOÃO V RENASCENÇA

Grande variedade em exposição

TROCAMOS MÓVEIS USADOS

Facilidades de pagamento

ARTIS

Rua Maria Andrade, 64 (Perto Igreja dos Anjos)